

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Educação e África como caminho: significado educacional da literatura lusófona africana no ensino fundamental I e II

Paloma Viana de Almeida

M

2021



Paloma Viana de Almeida

Os escritores africanos que cooperam na educação de Ipojuca

Trabalho realizado na amplitude do Mestrado, orientado pelo professor Doutor Luís Grosso Correia sobre as narrativas de escritores africanos, no campo da educação, que tem como relevância registrar como autores da literatura lusófona cooperam na formação educacional brasileira no ensino básico do 1º ao 9º ano.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2021

Educação e África como caminho

Paloma Viana de Almeida

Trabalho realizado na amplitude do Mestrado, orientado pelo Professor Doutor Luís Grosso Correia sobre as narrativas de escritores africanos, no campo da educação, que tem como relevância registrar como autores da literatura lusófona cooperam na formação educacional brasileira no ensino básico do 1º ao 9º ano.

Membros do Júri

Classificação obtida:

“Que a universidade se pinte de negro, que se pinte de mulato. Não só entre os alunos, mas também entre os professores. Que se pinte de operários e de camponeses, que se pinte de povo, porque a universidade não é patrimônio de ninguém, ela pertence ao povo”.

(Ernesto Che Guevara)

Sumário

Declaração de honra.....	7
Agradecimentos.....	8 e 9
Resumo.....	10
Abstract.....	11
Introdução.....	12
Capítulo 1 – Enquadramento teórico e institucional.....	15
1.1. A cultura afro-brasileira e africana: atuação dos professores.....	16
1.2. Os professores e suas buscas pela autonomia.....	21
1.3. Os Educadores, a Educação e África como caminho.....	30
1.4. Os escritores africanos lusófonos que cooperam com o mundo.....	40
Capítulo 2 – Equadramento empírico.....	44
2.1. O processo de elaboração do questionário.....	45
2.2. Aplicação do questionário.....	50
2.3. O questionário e o Currículo Referência do Ipojuca.....	51
Capítulo 3 – Apresentação e interpretação dos resultados.....	53
3.1.1. Tratamento dos dados.....	54
3.1.2. Apresentação dos resultados.....	54
3.1.3. Dados acadêmicos.....	57
3.1.4. Dados profissionais.....	57
3.1.5. Formação para docência em tempo de serviço.....	60
3.1.6. Processo de ensino-aprendizagem.....	91
3.1.7. Documentos estruturadores.....	93
3.1.8. Exercício da profissão docente.....	95
Considerações finais.....	99
Referências bibliográficas.....	106
Anexo – Questionário direcionado para os docentes.....	109

Declaração de honra

O relatório aqui apresentado é de minha autoria e respeita as regras de referências. Conciente de que posso colaborar, humildemente, para o curso ou a unidade curricular desta instituição, onde tenho o prazer de aprender muito, venho declarar que os autores citados encontram-se no texto e na bibliografia.

Porto, 30 de setembro de 2021

Paloma Viana de Almeida

Agradecimentos

A Deus, por todas as bênçãos e oportunidades em que me foi e é dada na vida, pois com o criador do universo os sonhos são transformados em projetos e possivelmente concretizados, muito obrigada!

Aos meus pais Marilene Viana de Almeida e Demóstenes Alves de Almeida (In Memorian). Meu pai foi o meu esteio na educação escolar, pois foi professor de Matemática – um homem espetacular, um ser humano muito inteligente e alegre, que se despediu da terra cedo, com 50 anos, mas deixou um legado de amor à educação. Ele foi o homem que me ensinou tudo nessa vida. Ele acreditava muito em mim, muito mesmo!

Minhas filhas Letícia Viana de Almeida Cahú Soares e Helena Viana Almeida Lopes de Azevedo.

Ao meu marido Breno Lopes de Azevedo. À minha sogra Vasti Lopes.

Aos amigos Symeia Garcêz, Mônica Garcez (In Memorian), Michelly Spineli, Frederico Miranda, Maria das Dores (Dorinha), Paulo Roberto e Diorge Santos.

Aos irmãos Clistenes Almeida e Karla Almeida.

Tia Marileuza Viana e Tio Raimundo Viana.

Aos amigos Juliete Luis e Marina Rosa.

Ao orientador Luis Grosso e a coordenadora Amélia Polónia.

Ao amor de todos.

Pelas portas e janelas abertas em saber que pude contar com a força de todos, especialmente, nos maiores desafios.

Ser professor é reconhecer o valor étnico dos povos.

Ter ciência das datas comemorativas.

Os meus agradecimentos se tornam mais amplos as pessoas que direta e indiretamente contribuíram para a minha atividade como professora, como educadora.

Meus votos de carinho aos gestos mais simples frente aos desafios e soluções no ambiente escolar.

Pela luta da formação na educação brasileira.

Ao U. PORTO – FLUP, Faculdade de Letras Universidade do Porto, pela disponibilidade de apoio indispensável. Em especial a Luís Grosso Correia, por seu espírito humano e orientador.

Sem mais delongas, por acreditarem no meu potencial na conclusão dessa dissertação.

Minha profunda gratidão a todos!

Resumo

A presente dissertação tem como objeto de investigação propor, a partir das narrativas de escritores africanos, no campo da educação, que é relevante registrar como autores da literatura lusófona cooperam na formação educacional brasileira no ensino básico de 1º ao 9º ano. O ensino de literatura no contexto escolar vem sofrendo modificações significativas, e levando em consideração a reformulação deste cenário pela LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – de 1996 e o resultado das mais recentes pesquisas e avaliações oficiais sobre leitura, faz-se indispensável refletir o papel da história da África nas escolas. Educação e África como caminho: Significado educacional da literatura lusófona no ensino fundamental I e II. É a partir de uma abordagem reflexiva como aproximação crítica da realidade, através da literatura lusófona, com conteúdos históricos, valores, manifestações culturais e sua identidade étnica no ensino básico brasileiro. Na era das novas tecnologias da informação e da comunicação, o ensino literário e a formação do professor com qualidade é de fundamental importância. Analisar e avaliar o ensino da literatura no ensino básico, quando também se trata da inserção de escritores lusófonos africanos, tem um caráter formativo e emancipatório da leitura literária, e da formação do educador e do educando. É preciso ter como objetivo a análise das possíveis interações entre educação e identidade da cultura lusófona no processo de ensino-aprendizagem, com base na leitura realizada em sala de aula. A perspectiva é de que professores e alunos possa perceber o valor dessa experiência emancipatória, como foi dito acima, através da literatura lusófona africana. A partir daqui, a formação de leitores literários passa a ter consolidação em suas competências por saber lançar o seu olhar mais sensato e crítico sobre a importância da cultura africana. A prática de professores bem preparados sobre o uso da literatura lusófona africana, desde que o texto literário seja respeitado, ou seja, desapegando-se de um discurso didático sobre a literatura. É preciso criar novas práticas por parte dos professores para conseguir alcançar o objetivo essencial no papel redefinidor do ensino da literatura na disciplina de Língua Portuguesa. O processo de ensino-aprendizagem da cultura africana (lusófona) no Brasil pelos professores do ensino básico é muito importante para a disseminação de boas práticas educacionais. A literatura africana (lusófona), neste ambiente educacional, faz compreender o passado, o presente e construir novos valores para o futuro.

Palavras-Chave: Educação. África. Literatura. Leitura. Letramento literário.

Abstract

This dissertation aims to propose, based on the narratives of African writers, in the field of education, that it is relevant to register how authors of Portuguese-speaking literature cooperate in the Brazilian educational formation in Basic Education from 1st to 9th grade. The teaching of literature in the school context has undergone significant changes, and taking into account the reformulation of this scenario by the LDBEN - Law of Guidelines and Bases of National Education - 1996 and the result of the most recent research and official assessments on reading, is made to reflect the role of African history in schools. Education and Africa as a path: Educational significance of Portuguese-speaking literature in Brazilian basic education. It is based on a reflexive approach as a critical approach to reality, through Lusophone literature, with historical content, values, cultural manifestations and its ethnic identity in Brazilian Basic Education. In the era of new information and communication technologies, literary education and quality teacher education is of fundamental importance. Analyze and evaluate the teaching of literature in basic education, when it is also about the insertion of African Portuguese-speaking writers, it has a formative and emancipatory character of literary reading, and the training of educators and students. It is necessary to have as objective the analysis of the possible interactions between education and the identity of the Lusophone culture in the teaching/learning process, based on the reading done in the classroom. The perspective is that teachers and students can perceive the value of this emancipatory experience, as was said above, through African Lusophone literature. From here on, the training of literary readers is consolidated in their competences, as they know how to cast their most sensible and critical gaze on the importance of African culture. The practice of well-prepared teachers on the use of African Lusophone literature, as long as the literary text is respected, that is, detaching themselves from a didactic discourse on literature. It is necessary to create new practices on the part of teachers in order to achieve the essential objective in the redefining role of teaching literature in the discipline of Portuguese Language. The teaching-learning process of African (Lusophone) culture in Brazil by primary school teachers is very important for the dissemination of good educational practices. African (Lusophone) literature in this educational environment makes us understand the past, the present and build new values for the future. 12

Keywords: Education. Africa. Literature. Reading. Literary literacy.

Introdução

O estímulo à leitura é objeto de análise de diversos estudos, pesquisas, programas de governo etc. Língua e cultura aproximam pessoas, regiões, nações. Para se compreender a educação e a África como caminho e o significado educacional da literatura lusófona no ensino básico brasileiro é preciso trilhar um percurso literário que contextualize a importância de escritores africanos que têm reconhecida contribuição nesse campo de atuação. Caminhar contra isso é assassinar toda uma historiografia de uma cultura, da sobrevivência dos valores simbólicos que nos perpetua na memória viva da história social. A África é pouco estudada e conhecida no ensino brasileiro. Sua história é rica e precisa ser contada com genealogias bem feitas. É necessário fazer a conexão entre os povos e a preciosa cultura dos continentes, pois, a real história da África permeia impressionantes descobertas que desfaz a ignorância e transforma nosso olhar sobre um continente tão belo em cultura e na sua literatura. A história da África é a história da humanidade ou das civilizações onde encontramos um lugar infinitamente singular e plural em seu modo de ser e viver, e escrever histórias. É preciso ir em fontes fidedignas para descobrir o encanto e, compreender e ler os escritores lusófonos africanos. Há pesquisadores admiráveis que buscam mostrar a historiografia da África. Uma vasta literatura traz para nós descobertas africanas cada vez mais positivas, onde encanta quem lê, e levanta questionamento do significado das fases da história da humanidade.

Na realidade, para quem trabalha na área, talvez, nem seriam necessários dados estatísticos para se constatar que os alunos estão lendo cada vez menos. Esta pesquisa, inclusive, originou-se dessa constatação e da necessidade de conhecer como a escola, sendo a principal mediadora entre o aluno e a leitura, está desenvolvendo o ensino da literatura e o trabalho com a leitura literária. Nosso interesse se volta, especificamente, para o ensino básico (do primeiro ao nono ano), e para o ensino médio, também, quando a literatura entra no currículo vinculada à disciplina de Língua Portuguesa. É com base na vivência, em sala de aula, que se constata que a escola e os professores enfrentam sérios problemas de leitura com os alunos. Além disso, os professores são protagonistas para desenvolver estímulos ao ensino da leitura literária.

Em quatro continentes diferentes, nove países usam a língua portuguesa como idioma oficial. Isto faz do português a oitava língua mais falada no mundo. E por falar nisto, vale lembrar que o Brasil é o único país no continente americano que tem o português como língua

oficial. Os países vizinhos do Brasil não adotaram o português por questão do processo de colonização. Ou seja, o Brasil está linguisticamente só. O espanhol é a segunda língua mais falada na América do Sul.

Além de termos herdado o idioma de Portugal (responsável pela colonização do Brasil), países outros adotaram a língua portuguesa como idioma oficial. No total, nove países compõem o conhecido mundo lusófono – adjetivo que classifica os países que têm o português como língua oficial ou dominante. São eles: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, e, formalmente, Guiné-Equatorial.

Em 1996 foi criada a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), com o intuito de estimular o auxílio e o intercâmbio cultural entre os países lusófonos – que integram todos os países de língua oficial portuguesa. Nesta comunidade, o Brasil tem protagonismo como representante e o país que tem o maior número de falantes da língua portuguesa, fato que lhe confere um significado importante, pela sua representatividade dentro da CPLP e diante da comunidade internacional.

Somos aproximadamente 285 milhões de falantes da língua portuguesa espalhados em nove países de quatro continentes diferentes. A língua portuguesa, apesar de estar presente em um vasto território, abrange uma área descontínua, fator que provoca diferenças consideráveis na gramática, pronúncia e vocabulário de nosso idioma. Eis aqui, por esta razão, para manter a unidade linguística nos países lusófonos, foi criado o Novo Acordo Ortográfico. Unificar a grafia não traz nenhum prejuízo à língua falada, já que cada país apresenta uma rica e diversa cultura que influencia nos falares de seus habitantes. Até mesmo no Brasil, com suas dimensões continentais, não existe padronização na modalidade oral, cada região tem sua própria história e um vocabulário específico, chamado de socioleto.

A eleição da temática pesquisada nesta dissertação foi consequência da experiência como professora do município do Ipojuca, localizado no estado de Pernambuco (PE), técnica educacional, por um período de seis anos, onde, inicialmente, a coleta dos dados se tornaram empíricas, e posteriormente, se materializou neste trabalho. Como pedagoga, a inquietação pelo ensino sobre a história da África na perspectiva dos escritores lusófonos passou a ser uma preocupação pessoal constante. E responder, inicialmente, como as narrativas de escritores africanos cooperam na formação educacional brasileira no fundamental do 1^a ao 9^a.

Este trabalho propõe-se identificar como essas narrativas de escritores africanos, no campo da educação, cooperam na formação educacional brasileira no ensino fundamental I e II. Educação e África como caminho: significado educacional da literatura lusófona no ensino básico e médio brasileiro – a partir de uma abordagem reflexiva como aproximação crítica da realidade, através da literatura lusófona, com conteúdos históricos, valores (sociais, políticos, econômicos e culturais), manifestações culturais e sua identidade étnica no ensino básico brasileiro.

O objetivo geral consiste em analisar as interações possíveis entre a educação e a identidade da cultura lusófona processo de ensino-aprendizagem, fundamentado na leitura desenvolvida em sala de aula. O processo de ensino-aprendizagem da cultura africana de expressão lusófona no Brasil pelos professores do ensino básico é muito importante para a disseminação de boas práticas educacionais. A literatura africana (lusófona) neste ambiente educacional faz compreender o passado, o presente e construir novos valores para o futuro.

Entre os principais objetivos desta pesquisa, a inserção de escritores lusófonos africanos no Sistema Educacional do Ipojuca é precíua para desenvolver o nível de compreensão sobre si mesmo e a África que, conseqüentemente, poderá despertar uma consciência multicultural, com respeito à alteridade, às diferenças. Outro objetivo é mostrar que, sem a presença de escritores africanos na sala de aula do Sistema Educacional do Ipojuca, prevalecem a autonegação cultural, a ignorância, a violência, o preconceito linguístico, racial, social, cultural e econômico. É importante mostrar que a possível aplicação pedagógica das narrativas de escritores africanos, no campo da educação, da literatura lusófona africana cooperam na formação educacional do Ipojuca.

A organização do processo de investigação deste trabalho passou por diversas etapas que compõem a pesquisa, seguindo uma lógica, e que estão formatadas em capítulos. E entre eles estão: o enquadramento teórico e institucional; a cultura afro-brasileira e africana: atuação dos professores; os professores e suas buscas pela autonomia; os educadores, a educação e África como caminho; o enquadramento empírico; o processo de elaboração do questionário; aplicação do questionário; o questionário e o Currículo Referência do Ipojuca, entre outros. Com a leitura, compreensão e a correta interpretação dos capítulos, podemos constatar a veracidade da pesquisa, da emergência do uso pedagógico de escritores lusófonos africanos no Sistema Educacional do Ipojuca.

Capítulo 1 – Enquadramento teórico e institucional

O tema a ser abordado remete a um grande desafio: colocar em prática as demandas necessárias para o processo de formação e compreensão da educação e da história da África nas escolas. Eis porque, o objeto de análise tem como ponto de partida expor o cenário em que o professor se encontra em sala de aula no Brasil, ou seja, com a ausência da literatura africana (lusófona) em sala de aula.

A escolha do tema não é por acaso. A formação dos professores precisa passar por reformulações contínuas para o aprimoramento do próprio docente; conseqüentemente, o conhecimento mais bem fundamentado e contextualizado trará à escola e aos alunos um melhor nível de compreensão do mundo, acerca das disciplinas apresentadas, onde o processo de ensino e aprendizagem, de avaliação e de formação do indivíduo seja norteado por uma boa bibliografia recomendada, com base nos estudos previamente documentados, estruturados.

A atividade docente enfrenta muitas resistências por parte de uma estrutura que ainda quer permancer arcaica, com velhos métodos de ensino, ou seja, cartesiano, linear, que não permite ao professor, a escola e ao aluno pensarem de forma crítica o papel que cada um exerce na sociedade. A capacitação dos professores com conhecimento literário sobre a história da educação e o continente africano, pela literatura, com bons livros, com bons escritores, que tratam da cultura africana com atividades pedagógicas bem orientadas, pode ajudar no nível de compreensão mais apurado e científico, cujo exercício do professor passa a ser mais responsável e global, com isso, evitando o preconceito e a ignorância que predominam no imaginário popular sobre a África.

Portanto, o processo de formação do professor é continuado, coletivo e se constrói com as demandas da atualidade: tecnologia, atividades lúdicas, literatura, participação democráticas com discussões e debates acerca da educação, onde se faz indispensável uma análise de revisão da atuação dos protagonistas que atuam em sala de aula, mas sem centralização, onde o professor estimula para uma construção coletiva, obedecendo a legislação educacional, sem ficar na rigidez de normas antiquadas prejudiciais à educação, de incentivo à leitura, sem propor mudanças na base, que são indispensáveis para legitimar uma realidade concreta em que os professores tenham a liberdade de abordar a educação e a África como um dos caminhos para a civilização.

1.1 A cultura afro-brasileira e africana: atuação dos professores

A Lei 10.639/03, de 20 de dezembro de 1996, que aborda sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, fala da importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. As escolas precisam tratar das questões afro-brasileiras na sala de aula. Deve fazer parte do currículo, mas quem faz é porque realiza por afinidade ao tema. A ignorância que impera no Brasil vem crescendo velozmente, especialmente quando se trata desta questão. Estamos longe de vencer as atrocidades do dia a dia. Temos casos recentes de racismo fruto da ignorância. Estamos tão atrasados que ainda precisamos criar o dia da consciência negra.

No Brasil, é da competência dos professores de História e Sociologia, especialmente, tratarem da cultura afro-brasileira. Mas isso não absterne que professores que lecionam outras disciplinas possam ensinar e tenham o “dever” de dialogar sobre o tema. É lamentável que muitos professores evitem articular sobre esse capítulo pavoroso, uma dívida que temos com o sangue negro que corre nas veias de todos nós. A causa do negro é de todos. Não só deles. Como segue a lei:

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

A lei citada acima, recomenda novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Os professores devem destacar, em sala de aula, que os negros são sujeitos históricos, com suas contribuições na formação do pensamento intelectual na cultura (literatura, música, dança, culinária) e nas manifestações das religiões de matrizes africanas. Isso vai em sintonia com o que Elisabeth Maria de Fátima Borges traz para reflexão, em se tratando do contexto histórico e social do Brasil, bem como suas consequências:

Há uma década estamos vivenciamos um momento em que a educação brasileira busca valorizar devidamente a história e a cultura de seu povo afrodescendente e indígena, buscando assim reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. Esta inclusão nos currículos da educação básica e superior amplia o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Evidencia-se que esse momento é de relevância não apenas para a população negra, mas também a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica, sendo capazes de construir uma nação democrática. (Borges, 2010, p. 1).

A formação dos professores perpassa por um longo caminho com lutas e conquistas no ambiente escolar, de modo que a inserção da literatura tem papel fundamental na diversidade cultural do indivíduo:

O ensino de literatura deve consistir então na formação de leitores, em uma possibilidade real de experiência com o texto literário, que advém da literatura como forma de expressão, não na velha periodização que divide a história literária. A leitura é o que pode validar o ensino de literatura, pois através dela provêm atividades as quais comportam a penetração na esfera da alteridade em que o indivíduo mergulha e retorna sem se perder. (Apolinario, 2013, p. 41).

É através da literatura na escola que a cultura afro-brasileira e africana têm seu espaço, pois é o local onde ela pode se expressar tendo como canal de comunicação o professor, com conteúdos sólidos fundamentados na investigação científica, mas de forma mais leve, com práticas pedagógicas lúdicas aliadas à especialidade em que o educador atua, assim, povoando o imaginário do aluno com singularidades e pluralidades culturais, geográficas, desenvolvidas na valorização dos saberes compartilhados que têm ligações com o tema.

Se a educação literária se constrói ao lado da formação de leitores de modo geral, uma vez que não há como acessar o universo da palavra artística se não houver iniciação no universo da leitura, refletir sobre hábitos leitores no Brasil pode ser um interessante ponto de partida para pensar as relações entre literatura e ensino. (Agazzi, 2014, p. 2).

É com base na afirmação de Giselle Larizzatti Agazzi que podemos pensar e interpretar que a leitura e o ensino da literatura, em sala de aula, no Brasil, tem como instrumento essencial para o exercício, a presença do professor. Agazzi (2014) faz

referência justamente as situações do cotidiano da escola, do professor. Muitas escolas ainda persistem em uma pedagogia fortalecida no conteúdo de memória, onde os professores passam a ser apenas meros transmissores de informações. A iniciação à leitura e ao mundo literário parte de um conjunto de fatores, por exemplo, a formação dos professores, o ambiente escolar propício, atividades pedagógicas literárias, onde todos conseguem, com o tempo, fazer a conexão entre leitura e literatura de forma mais leve.

Teoricamente, o professor está apto para estar em sala de aula com suas competências de conhecimento científico, onde seu comportamento deve estar aberto aos diversos saberes, conectado também ao ensino da cultura afro-brasileira e africana, onde possa romper velhos paradigmas e preconceitos, objetivando assim desenvolver, no aluno, que também descubra o gosto pela literatura, pela arte e por outras disciplinas que se comunicam com as diversas culturas.

As escolas precisam dar autonomia aos projetos pedagógicos. O professor que tem o conhecimento prévio acerca do assunto, passa a descobrir formas efetivas de aguçar o interesse do aluno por novas culturas através da leitura e da literatura, e isso devido à sua identidade profissional (sua formação global), sua capacidade emocional e sua comunicação pedagógica, onde as relações étnico-raciais e sociais tenham espaço para reflexão, onde os cenários para a aprendizagem na escola estão respeitando a inclusão.

Dessa forma, o ambiente escolar passa a ter autonomia para pensar de forma crítica através da literatura, ao passo que surgem oportunidades de conhecer sua história, onde se permitem direções pertinentes à concretização de direitos educacionais e sociais, que possibilitam a valorização da cultura afro-brasileira e africana a partir da literatura. Por meio disso, o imaginário do aluno, suas representações sociais, seu modo de pensar e refletir, seu discurso, e seu agir vão na contramão da ignorância e do preconceito, sem atitudes racistas.

Tudo isso vem das relações entre professor, escola e aluno. Assim acontece com professores habilitados pedagogicamente, que os assuntos étnico-raciais do dia a dia das escolas entram em sintonia com a literatura africana lusófona. Quando a formação do professor tem o reconhecimento das contribuições do continente africano, a história da África é exposta sob olhar científico de modo claro e preciso, indo muito além da perspectiva eurocêntrica e tendo como partícipe seu próprio povo escrevendo a história. Assim, o professor precisa estar consciente que:

Ensinar um conteúdo pela apropriação ou a apreensão deste por parte dos educandos demanda a criação e o exercício de uma séria disciplina intelectual a vir sendo forjada desde a pré-escola. [...] Mas, assim como não é possível ensinar a aprender, sem ensinar um certo conteúdo através de cujo conhecimento se aprende a aprender, não se ensina igualmente a disciplina de que estou falando a não ser na e pela prática cognoscente de que os educandos vão se formando sujeitos cada vez mais críticos. (Freire, 2006, p. 82).

De acordo Freire, ensinar e aprender exige uma série de fatores, e esses estão alicerçados no comportamento em que o professor está disposto a reconhecer seus erros, corrigir suas falhas e estar aberto para novos aprendizados. Com isso, seu processo de ensino-aprendizagem dará sentido para exercitar práticas de autonomia para ele, o aluno e a escola. Com a inclusão de culturas, em sua singularidade e pluralidade, a exposição sobre os diversos continentes torna-se mais segura e prazerosa. Ensinar exige comprometimento com a possibilidade de ler o mundo através da palavra, da literatura, da cultura, onde o aluno possa perceber que está conquistando autonomia para dialogar, para pensar, para exercer seu papel de cidadão, enquanto o professor humaniza a sua atividade de educador consciente de que não tem como fugir da responsabilidade e de que existem vários modos de ser e fazer cultura, mostrando, em sala, a riqueza dos povos.

O progresso educacional pauta-se na desconstrução e reconstrução de valores, normas sociais e comportamentais pela leitura literária e traz contribuições fundamentais para a formação de indivíduos livres de serem manipulados pelo mundo globalizado. Leitura literária é cultura e tem seus instrumentos de organizar e reorganizar o mundo de forma singular e plural, assim múltiplas possibilidades vão sendo construídas e reconstituídas, pois a leitura literária convida a alteridade sem negar a nossa identidade.

A atuação do professor, em sala de aula, precisa estar pertinente às políticas educativas de inclusão, onde o ambiente escolar se desenvolve de forma dinâmica com as atividades pedagógicas fundamentais de estímulo à leitura, ao estudo da literatura, à inserção de outras culturas. Nessa linha de raciocínio, Paulo Freire resume:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (Freire, 2000, p. 46)

É com base na afirmação de Freire que se adequa a valorização de vivências em sala de aula para conhecer a história do continente africano, em que professores, alunos e escola passam a perceber e compreender o processo de construção do povo brasileiro, à proporção que se adquire respeito ao modo de ser e fazer cultura na escola.

É na escola que a diversidade étnico-racial no ensino fundamental e médio tem um conteúdo programático bem elaborado, com possibilidades de abordar boas temáticas para o ano letivo, com um bom plano de estudos para professores e alunos, onde as experiências com a leitura e literatura perpassam por várias culturas, desde a história da cultura afro-brasileira e africana até os demais continentes.

É aqui que os professores têm a capacidade de exercer bem sua profissão, e possivelmente estão habilitados para realizarem trabalhos pedagógicos interdisciplinares, esclarecendo com a leitura e a literatura a importância do continente africano, os aspectos históricos, seu nascimento etc. e, por meio disso, fazendo uma correlação com a nossa cultura, por exemplo, na relação com a agricultura, a religião, entre outros. A boa formação dos professores determina um enfrentamento saudável para consecução de temas como esses, desde o ensino básico ao médio, como já foi falado e, assim, através do conhecimento, trazendo contribuições a pedagogia da autonomia.

1.2 Os professores e suas buscas pela autonomia

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque ético podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. É nesse sentido que o professor autoritário, que por isso afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (Freire, 2000, p. 66-67).

O professor está incessantemente na busca pela prática da sua autonomia em sala de aula, por variados caminhos ele procura chegar no seu objetivo, entre eles, o conhecimento. A partir de uma boa pesquisa, o professor pode conseguir elementos para desempenhar sua função com autonomia buscando resoluções para os diversos desafios para o exercício da educação que almeja. Assim, quando o professor conquista a sua autonomia, ele passa a expor avanços no processo de aprendizagem do aluno.

Na área de sua atuação, o professor, em sala de aula, tenta “provocar” no aluno o seu protagonismo, de forma humanizada. Com isso, o docente passa a respeitar a presença do aluno, estimular o seu interesse pelo conhecimento, e assim tendo a liberdade de exercitar sua busca pela autonomia. É seguindo um cronograma pedagógico, com referências de pesquisa bibliográficas, com diálogos direcionados à descobrir sua própria história, de maneira educativa e crítica, onde o intuito do professor é promover o sentimento emancipador na educação. A autonomia do professor está pautada na liberdade de pensar, criar e agir. A formação dos professores passa por uma diária revisão e reflexão da sua atividade em sala de aula.

É preciso que o professor tenha a coragem de romper com antigas práticas pedagógicas que não possibilitam o exercício da autonomia e com a quebra de determinadas atitudes, consequentemente, o professor pode criar um ambiente propício para exercer suas buscas em sintonia com a lógica da pedagogia libertadora, a cultura afro-brasileira e o continente africano, respeitando as diretrizes vigentes na Lei. Indo mais adiante, cabe ao professor incitar no aluno o gosto pelo conhecimento, promover a liberdade de pensar e refletir, respeitando as diferenças, suas influências culturais e, assim, detectando as limitações de cada aluno, com isso, propor atividades que coloquem sua capacidade cognitiva, emocional e intelectual para vencer aparentes limites.

O professor tem o dever de colocar o aluno no lugar de “desobediência”, onde o ambiente escolar fica propício à criatividade, à inovação, ao gosto pela leitura e muito mais. Contudo, é preciso que o professor tenha autocrítica para notar a importância de se ter bom senso em sua atividade. As atividades em sala de aula exigem uma programação pedagógica, onde as tarefas podem ser individuais ou em grupo com prazos de entregas, que precisam ser respeitados, com o acompanhamento do desenvolvimento do aluno, mas sem rigorosidade, e sim, com flexibilidade, utilizando do bom senso, em que a busca pela autonomia do professor não pode dar vazão ao autoritarismo, porém é necessário manter a sua autoridade. É aqui também que o professor deve estar consciente que respeitar a autonomia é dar dignidade ao educando, no reconhecimento da sua identidade cultural, fazendo correlações com outras culturas como forma de identificação com sua história.

O educador é um elemento transformador na escola. O professor, teoricamente, tem potencialidades para fazer história de ordem coletiva, onde pode trazer reflexões sobre a cultura, a sua formação e do aluno em sala de aula, e consequentemente sendo protagonistas

na sociedade. Ou seja, a busca pela autonomia envolve que educador e educando tornem-se capazes de transformar o mundo, escolher novos caminhos dignos de beleza e alteridade, onde seu juízo de valor estará fundamentado nos bons estudos. O desafio de aprender-ensinar e o apreço pela leitura é uma ânsia permanente da atualidade, diante disso, Paulo Freire vem auxiliar nessa perspectiva:

Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever. (Freire, 1997 p. 25).

A educação ensina valores para os alunos e, com isso, eles se tornam cidadãos mais aptos para sistematizar seu modo de pensar e agir, com um raciocínio lógico coerente, crítico e “prontos” para se posicionarem no mundo. O educador tem o dever de compreender e dialogar com os sistemas de crenças, raça, cor, religião etc. do aluno, pautado no respeito à alteridade. Expressiva parte dos educadores anseiam, em sala de aula, que os alunos tenham a liberdade de pensar.

Paulo Freire deixou muito claro em suas obras que o diálogo é essencial à aquisição do conhecimento. O diálogo é a base de sustentação para que os recursos pedagógicos, o método, a técnica e a sensibilidade do professor sejam utilizados. É no diálogo que se fortalece a possível aperfeiçoamento social. Segundo Freire, existem alguns aspectos indispensáveis para o uso do diálogo como: humildade; tolerância; saber escutar; respeito ao conhecimento do educando, tolerância, amorosidade, construção coletiva do conhecimento; curiosidade, emancipação e transformação social. Nesta linha de pensamento, vem a construção da cidadania, em que o aluno tem acesso ao gozo dos seus direitos civis políticos de um Estado. Ele torna-se consciente de ser sujeito de direitos e deveres. Além de validar a relevância da formação dos professores como instrumento essencial para melhorias de qualidade no ensino fundamental e médio, a cidadania cria na aprendizagem a elaboração de conteúdos que potencializam a responsabilidade e a liberdade, onde se tem uma formação ética de educadores e educandos.

Prosseguindo esse pensamento lógico, o educador está receptivo às dúvidas, questões e empecilhos que os educandos possam enfrentar e solucionar desafios-problemas. A experiência de formação do professor é ininterrupta quando está em sala de aula, quando se

leva em consideração que a relação professor/aluno é uma vida de mão-dupla e aí criam-se motivações para realizar estratégias de ensino e aprendizagem, para que os personagens envolvidos na escola tenham participações efetivas individualmente e coletivamente.

Com a percepção pedagógica em desenvolvimento, o educador passa a ter mais espaços para a literatura na escola e, com isso, implementar didáticas que objetivam possivelmente responder as demandas pré-programadas, para obter respostas previsíveis e imprevisíveis, para a partir de então saber agir corretamente no processo de ensino-aprendizagem. Os professores se deparam com uma realidade de muitos preconceitos sobre o continente africano. Esse é um dos principais entraves que o educador encontra no Brasil para o ensino de história da África, sob o olhar da literatura. Posto isto, Henrique Cunha Júnior afirma que “a imagem do africano na nossa sociedade é a do selvagem acorrentado à miséria. Imagem construída pela insistência e persistência das representações africanas como a terra dos macacos, dos leões, dos homens nus e dos escravos” (Cunha Jr, 1997, p. 58).

Portanto, a busca pelo conhecimento sobre a história e cultura afro-brasileira e o continente africano para entender a história da humanidade, exige do educador humildade. Paulo Freire ensina que a atuação do professor deve ser de permanência pesquisa e aberta ao conhecimento.

Não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino. Esses fazeres que se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Freire, 1996, p. 14).

Como visto, um dos dilemas do professor é expandir a educação cívica e práticas de cidadania aos alunos. Os educadores que estão compenetrados no esforço pela autonomia vão mais além dos valores vigentes que reforçam os preconceitos. Torna-se papel do professor refletir sobre qual é a sua posição na sociedade quanto às suas contribuições em sala de aula. Assim, o professor tem o dever de habilitar o aluno para que ele descubra qual é a sua função social na escola e na sociedade. Sua participação envolve o engajamento nas atividades propostas pelos docentes podendo construir coletivamente.

O educador tem a oportunidade de reservar aos educandos um clima de discussões,

ou seja, diálogos possíveis, a cerca da sua realidade em conexão com os temas expostos e suas experiências. Por exemplo, o professor pode trazer para a sala de aula obras literárias que falem da cultura afro-brasileira e do continente africano e debater temas que façam ligação com sua história e com outras disciplinas, assim, todos estarão em uma teia de relações entre outras disciplinas sob diversos olhares. Nessa linha, encontramos sintonia com a necessidade do professor fazer autocrítica, como afirma (Freire, 1996, p. 18) “Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Além da reflexão crítica, a pesquisa tem importante influência na formação do educador e do educando. O professor que realiza atividades individuais e dinâmicas com base no seu bom repertório literário na busca de novos conhecimentos, enriquece sua profissão e municia seus alunos a exercitarem o interesse pela pesquisa. Assim, o processo de ensino e aprendizagem se desenvolve de forma mais prazerosa. É daí que resultados como esses implicam em fazer com que o aprimoramento do docente e do discente seja validado na educação.

A ação educativa do professor se norteia pela consciência de que novas metodologias se adaptam a idade escolar de cada aluno para poder transformá-los em sujeitos críticos no mundo. Estas experiências de pesquisa e leitura, bem como a admiração pela literatura, orientadas pelo professor, faz com que o aluno tenha autonomia. O professor e a escola precisam ter empatia com os saberes dos educandos para render bons frutos. Quando o educador honra a cotidiano do aluno com sua história ancestral, a educação caminha mais adiante do horizonte. Isso significa que o processo formativo deverá propor situações que possibilitem a troca dos saberes entre os professores, através de projetos articulados de reflexão conjunta. Para tanto, são indicados como metodologia para formação, os seguintes dispositivos: o estudo compartilhado, o planejamento e o desenvolvimento de ações conjuntas. Vale lembrar e recorrer novamente a Paulo Freire quando esse diz que a formação do professor é permanente.

O professor deve estar imbuído do sentimento de inacabado. O professor tem o dever de levantar propostas, estimular compartilhamento de saberes, articular projetos em equipe, planejar ações e evoluir em seu movimento educacional. É aí que Freire esclarece:

A educação é permanente não por que certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que el tem de finitude. Mas ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (Freire, 1997 p. 20).

Por meio desses preceitos é que a educação passa a ter qualidade. Quando o educador se permite à permanência do inacabado, sua relação com o educando e a escola começa a valorizar que todos se pronunciem sobre seus processos de aprendizado, ouvindo diversos lados, pensando soluções diante das dificuldades no ambiente escolar e fora dele e, assim, dando autonomia ao protagonismo de cada um, carregado da realização coletiva. Essa iniciativa robustece as várias culturas, suas identidades, os seus direitos e deveres, além do encontro com a história afro-brasileira e com o continente africano. Nessas circunstâncias, é apropriado trazer as contribuições que Elisabeth Maria de Fátima Borges mostra quanto ao nosso cenário:

O sistema educacional brasileiro não contempla nossa herança cultural, formada a partir das heranças culturais europeias, indígenas e africanas. Os livros didáticos apresentam uma visão eurocêntrica da História de nosso país, perpetuando estereótipos e preconceitos. A aprovação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, substituída, em 2008, pela Lei 11.645/08, que inclui também o ensino de História e Cultura Indígena, vem sanar dívida social e uma lacuna, a ausência em nossa história desta diversidade cultural. (Borges, 2010, p. 76).

No panorama relatado por Elisabeth Maria de Fátima Borges, quando os professores se abastecem de boas obra literárias e conhecem bem as referências bibliográficas que indicam aos seus educandos, os horizontes educacionais passam a ser promissores, com uma perspectiva de futuro mais seguro, mais autônomo. É assim que os educadores podem fazer um enfrentamento do conhecimento do aluno diante da literatura recomendada e o grau de influência dela na vida deles. Adiante, os educadores têm a oportunidade de fazer suas avaliações para ver se mantêm suas metodologias que também tratam do letramento literário do aluno. É aí que pode-se sanar a dívida social e a ausência em nossa história desta diversidade cultural. Uma das funções do professor é criar um clima de aprendizagem com a leitura e literatura, como afirma Cosson (2006, p. 29) “ao professor cabe criar as condições

para que o encontro com a literatura seja uma busca uma busca de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade”. Cosson chama a atenção da responsabilidade do professor na procura de significado ao educando através da leitura. É mais uma vez que se adequa aqui a fala de Freire (1996, p. 18) relacionada à ação docente: “Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ontem que se pode melhorar a próxima prática” .

Assim, concebe-se que o enredo educacional (os educadores) tem a obrigação didática de trazer assuntos e circunstâncias de relevância no tempo e no espaço, que se comuniquem com a leitura, a literatura, a diversidade cultural, os direitos humanos, dentre outros elementos indispensáveis numa correlação com o dia a dia do educando. Para Paulo Freire, a inquietação persistente pela autonomia devota-se em todas as áreas da sociedade, seja na política, na cidadania, na cultura, educação etc.

É a partir de novas condutas que a Lei nº. 10639/03, de 09 de janeiro de 2003, que alterou a Lei nº. 9394/96, de 20 de dezembro de 2006 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), converteu em compromisso a inserção nos currículos da educação básica estudos referentes a história e cultura africana e afro-brasileira. Lançados pelo Conselho Nacional de Educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais motivaram debates sobre a educação étnico-raciais. É por meio de novos conteúdos de inclusão que as interrelações étnico-raciais, sociais, as condutas pedagógicas, a didática exposta no ensino-aprendizagem que a lei se faz vigente nas escolas pela educação.

A autonomia do educador e do educando na escola é um dinamismo diário, para que seja possível cumprir as Diretrizes Curriculares Nacionais. Os educadores, educandos e a escola precisam juntos problematizar antigos métodos pedagógicos: reavaliar o sistema, suas funções e o desempenho, com isso, a inquietação por metodologias mais apropriadas no saber científico presente e as pluralidades dos educandos através da leitura passa a ser um corrente hábito para a legitimação da autonomia do professor, do aluno, da escola e da sociedade. Essas questões estruturais já eram para ser naturais no ensino, mas infelizmente ainda é um cabo-de-guerra na educação. Quando o tema é história da educação e a grandiosidade do povo negro e do Brasil, Marilé dos Santos Cruz aborda:

Tem sido esquecidos os temas e as fontes históricas que poderiam nos ensinar

sobre experiências educativas, escolares ou não, dos indígenas e dos afro-brasileiros. O estudo, por exemplo, da conquista da alfabetização por esse grupo; dos detalhes sobre a exclusão desses setores das instituições escolares oficiais, dos mecanismos criados para a escolarização oficial; da educação dos quilombos; da criação de escolas alternativas; da emergência de uma classe média negra escolarizada no Brasil; ou das vivências nas primeiras escolas oficiais que aceitaram negros são temas que, além de terem sido desconsiderados no relato da história oficial da educação, estão sujeitos ao desaparecimento. (Cruz, 2005, pp. 22-23).

Nessa lógica, é aí que se faz a necessidade de sempre produzir uma revisão de literatura na formação dos professores e alunos, objetivando a educação, a educação do negro e as relações étnico-raciais no meio escolar. Neste conjunto, Elisabeth Maria de Fátima Borges fala da emergência de incorporar nos currículos da educação básica a diversidade cultural, racial, social e econômica:

Outras medidas urgentes se fazem necessárias: é preciso que os recursos de Licenciatura apresentem disciplinas que discutam a temática História e Cultura Afro-Brasileira e indígena, oferecendo assim embasamento teórico aos futuros professores. Faz-se urgente ainda envolver a comunidade escolar em um projeto de discussão, de problematização e de engajamento e de engajamento em ações concretas que visem a valorização da diversidade cultural brasileira. (Borges, 2010, p. 77).

A formação de professores e alunos prevê a investigação. E isso se dá por um percurso trilhado com conteúdos específicos, profissionais aptos e práticos para a composição estrutural do educador e educando. A consagração à educação é bem orientada por Paulo Freire quando a questão é a autonomia:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. É nesse sentido que o professor autoritário, que por isso afoga a liberdade do educando, amesquinha o seu direito de estar sendo curioso e inquieto. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (Freire, 2000, pp. 66-67).

É com respeito à autonomia e identidade do educando que a educação libertadora toma corpo na escola. Assim, a formação do professor e seus anseios, possivelmente,

passam a ser respondidos com eficácia e sem transgredir a educação, proporcionando ao educando o direito à curiosidade e inquietude saudáveis. Como suporte, os educadores e educandos têm disponíveis a leitura e a literatura que trazem seus subsídios para clarear sobre temas como a cultura afro-brasileira e o continente africano. Por exemplo, o livro *Gosto de África: histórias de lá e daqui*, do historiador Joel Rufino dos Santos (2006), é uma obra preciosa para o professor, porque fortalece a cultura e a identidade de forma criativa acerca do continente africano e, conseqüentemente, favorece tanto o educando quanto a escola.

Como já foi sinalizado, a formação sucessiva dos educadores tem a necessidade de aperfeiçoamentos, quiçá mudanças estruturais na metodologia, na didática e, assim, quebrando obstáculos que dizem respeito à sua profissão e o seu exercício em sala de aula, amparando nos desafios de forma coletiva, onde o educador sinta-se à vontade para desenvolver sua identidade profissional, com leitura, literatura e pesquisa.

Dito isso, para concluir, o professor tem a obrigação de incentivar a autonomia, com conteúdos em que os saberes sejam continuados com perspectivas promissoras para o universo escolar e, assim, os princípios norteadores sobre as relações étnico-raciais na escola e o ensino da cultura afro-brasileira e africana estão constantes na formação contínua, onde se preveem reparações:

Por muito tempo, não se perguntou, por exemplo, sobre a educação dos negros, dos indígenas ou sobre as especificidades da educação feminina nos diferentes momentos do passado. Hoje, essas questões são fundamentais para o entendimento do que foi, do que é a educação brasileira. Mesmo assim muitos ainda teimam em não querer enxergar que são profundamente diferentes as histórias da educação do homem e da mulher, da criança e do adulto, do negro, do branco, do indígena e do judeu... Enxergar o “outro” continua exigindo um grande esforço principalmente para os que não ocuparam o lugar dos que pouco puderam falar ou escrever ao longo da história. (Lopes & Galvão, 2001, p. 41).

Portanto, constata-se explicitamente que a aplicabilidade da lei, o trabalho pedagógico com livros literários bem recomendados, a didática, o diálogo com as diferenças, o afincamento na melhoria na qualidade do ensino, na formação de professores e alunos, os debates; tudo que objetiva a inclusão para a integração de aulas com as conexões étnico-raciais da cultura afro-brasileira e o continente africano, constroem novos panoramas para a formação de professores e a evolução legislativa. A educação tem entre seus

principais aspectos qualificar o educador, o educando, a escola e a sociedade. Quando os educadores apresentam necessidades de mudanças nas múltiplas áreas da vida, eles visam encontrar métodos de inclusão para que todos sintam-se responsáveis e protagonistas na formação humana.

Ao professor, cabe também cultivar o respeito ao aluno em seu potencial de liberdade de pensamento, de criação, de participação. Assim, o professor cria um ambiente escolar para a legítima autonomia. Avivar no educando a pesquisa é resultado de um bom trabalho didático e pedagógico, onde o professor poderá perquirir quais caminhos seguirá para a experiência mais exitosa em sala de aula. Desse modo, os educadores têm o encargo de provocar a supervisão de Projetos Político-Pedagógicos e Propostas Curriculares para o ensino. Portanto, os professores passam a ter uma visão favorável para as políticas de educação à cultura afro-brasileira e o continente africano.

1.3 Os Educadores, a Educação e África como caminho

Os educadores no Brasil enfrentam uma ferrenha batalha para a inclusão de atividades pedagógicas sobre a cultura afro-brasileira e o continente africano em seus currículos escolares. Conforme já registrado, a publicação das Leis 10.639, de 2003 e 11.645 de 2008 é uma conquista histórica. Com isso, a formação dos professores deu um grande salto para a luta de implementação de políticas educacionais que exercitam a conscientização da cultura, de cor e raça, da sua identidade, da sua posição econômica e social.

A organização escolar da aprendizagem da cultura afro-brasileira e africana, no Brasil, se processa muito mais na teoria e, concretamente, em cenários pontuais, ou seja, não há de forma ampla no cotidiano, em sala de aula, no sistema educacional no Brasil. Conforme já foi dito, o Conselho Nacional de Educação, cuja a Resolução Nº1, de 17 de junho de 2004¹, institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Contudo, como mostra esta pesquisa, a realidade é totalmente distante do sistema educacional do município Ipojuca, no estado de Pernambuco.

Quando os educadores começam a repensar suas relações com os educandos e a

¹ CNE/CP Resolução 1/2004. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11

escola, com o intuito de aperfeiçoar a estrutura curricular educacional, pode-se imaginar, por exemplo, que tudo isso fornece contribuições para a educação quando se faz uso de temas sobre a inclusão da autonomia, do conhecimento das identidades sociais e culturais, municiando todos os envolvidos no multiculturalismo e no ensino básico e médio de qualidade. Além dos entraves que os educadores se deparam para aplicarem suas funções e para realizarem vivências com a cultura afro-brasileira e com o continente africano, é notório saber que outras dificuldades que os educadores e os educandos enfrentam no Brasil processam-se também pela destruição da escola pública, dito isso, Querino Santos e Véra Machado (2008), nos trazem à Constituição:

A Constituição de 1988 representa um marco para a construção de uma sociedade inclusiva. As mudanças na Constituição política são reflexos da correlação de forças entre grupos que disputam o poder, neste, os movimentos sociais - negros e indígenas em especial- ganham relevância por assumirem a luta contra a opressão recebida em virtude de suas diferenças étnico-raciais e culturais. (Silvério, 2003, *apud* Santos & Machado, 2008, p. 01).

Com isso, o educador pode usar em seu currículo pedagógico os livros didáticos que representam as diferenças étnico-raciais e culturais. A África como caminho na educação precisa expressar os diversos aspectos do universo africano e da história dos negros no Brasil. Geralmente, os livros didáticos mostram uma representação da história da África e da cultura afro-brasileira de forma estigmatizada, ou seja, o negro é visto como subalterno. Dito isto, muitos professores têm consciência que a história da cultura afro-brasileira e o continente africano devem ser mais estudados nas escolas.

É a partir do conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileira que os professores podem analisar e aprovar quais livros didáticos sobre os temas devem ser adotados nas salas de aulas. Por conseguinte, aqui é bem possível que os educadores estejam aptos para lecionar com livros didáticos causando transformações no modo de ler, interpretar e compreender a história com um sistema educacional mais integrativo:

O sistema educacional brasileiro não contempla nossa herança cultural, formada a partir das heranças culturais europeias, indígenas e africanas. Os livros didáticos apresentam uma visão eurocêntrica da História de nosso país, perpetuando estereótipos e preconceitos. A aprovação da Lei 10. 639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, substituída, em 2008, pela Lei 11.645/08, que inclui

também o ensino de História e Cultura Indígena, vem sanar uma dívida social e uma lacuna, a ausência em nossa história desta diversidade cultural (Borges, 2010, p. 76).

Importantes ícones da história brasileira precisam ser conhecidos em sala de aula, como por exemplo, Zumbi dos Palmares, que sua vida gira entorno de fatos e lendas, pois o Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de novembro, tem como principal referência: Zumbi – líder de um quilombo no século XVII, em Palmares, Alagoas (AL). Assim, educadores e educandos passam a saber que Zumbi batalhou contra a escravidão e unindo forças com outras etnias.

Já na literatura, um dos maiores exemplos, foi o escritor Machado de Assis, que também lutou em oposição à escravidão. Seu pai foi um mulato pintor de paredes e sua mãe uma imigrante de Portugal. Machado viu a escravidão ser extinta 49 anos depois do seu nascimento, em 13 de maio de 1888, sofreu preconceito racial e dificultaram o sua entrada no ensino. Machado de Assis foi autodidata e aprendeu a ler e traduzir o francês com sua chefe, na padaria, local do seu primeiro trabalho. Ele publicou aproximadamente 10 romances, 10 peças teatrais, centenas de contos, coletâneas de poemas e muito mais. Entre sua principais obras estão: Memórias póstumas de Brás Cubas (1881); Quincas Borba (1891); Dom Casmurro (1899); Esaú e Jacó (1904).

Nessa mesma linha, temos o poeta Gregório de Matos, que até hoje gira entorno de muita discussão para uns, além de poeta, ele pode ser considerado um repentista. Muitos no Brasil se dividem em defensores do escritor e da oralidade de Gregório de Matos – Boca do Inferno – que há sinais de repentismo nos escritos do poeta baiano. Mas afirma o professor Franciso Topa, que o Boca do Inferno continua envolto de muita polêmica:

Apesar de ser considerado um nome grande da fase de formação da literatura brasileira e de muitos especialistas o terem como o melhor representante da poesia barroca em língua portuguesa, Gregório de Matos continua a ver a sua obra envolta em alguma polêmica e a ser objeto de leituras desconstruídas. Em grande medida isso tem que ver com o facto de, mais de três séculos depois da sua morte, não dispormos ainda de uma edição crítica que tenha resolvido os numerosíssimos problemas autorais e textuais que rodeiam a sua poesia. (Topa, 1999, p. 1).

Posto isso, entre outros exemplos, na literatura, temos: Teodoro Sampaio, Lima Barreto e Abdias do Nascimento. A escola deve ser um ambiente de visibilidade à

autonomia e diversidade. A história nos mostra que a cultura afro-brasileira e o continente africano trazem variadas formas de identidades e de tradições em que a memória social de um povo possa ser retratada em sala de aula como direito de acesso às culturas.

[...] trabalhar com a cultura negra, na educação de um modo geral e na escola em específico, é considerar a consciência cultural do povo negro, ou seja, é atentar para o uso auto reflexivo dessa cultura pelos sujeitos. Significa compreender como as crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos negros e negras constroem, vivem e reinventam suas tradições culturais de matriz africana na vida cotidiana. (Gomes, 2003, p. 79).

A força simbólica da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula tem um significado importantíssimo na formação dos educadores e educandos. As regiões de matrizes africanas e a África trazem em seu conjunto riquezas quanto à geografia, à religião, aos hábitos alimentares, à sua etnia, aos modos de vestir e fazer literatura, como a literatura lusófona africana, por exemplo. É aí que o grau de compreensão sobre as culturas torna-se mais robusto com as referências bibliográficas fidedignas. Os professores, ao longo do tempo, vem conquistando espaços para que a cultura africana no Brasil seja lida cada vez mais pelos educandos, e assim, o aluno tem contato com o contexto histórico do continente africano, as similaridades da África com o Brasil e do Brasil com a África. É a partir daí que se desconstrói preconceitos e que se pode construir elementos. Nessa premissa, a lei vai além:

Considera-se as Leis nº10.639/2003 e nº11.645/2008, não apenas como instrumentos de orientação para o combate à discriminação, pois elas são também leis afirmativas, reconhecem a escola como lugar de formar cidadãos, e afirmam a relevância da mesma promover a valorização das matrizes culturais brasileiras. (Comar & Ruaro, 2010, pp. 4-5).

Na educação básica, o educador é um mediador de conflitos buscando soluções e pensando coletivamente práticas pedagógicas de inclusão, ou seja, com a participação dos educandos, quando se faz necessário. E assim torna-se viável a prevenção de preconceitos e a discussão de temas que até então eram tabus. A sala de aula é um ambiente para a construção de diálogos e o conhecimento das culturas, o que Eagleton fala sobre cultura é

bem apropriado para nossa reflexão:

Se a palavra “cultura” guarda em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância (a do campo para a cidade), ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Neste único termo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz. (Eagleton, 2003, p.11).

Falar de cultura em sala de aula é oportunizar às gerações um olhar para o passado para conhecer e entender melhor o presente, na medida em que se concebe um futuro esperançoso, onde as ralações se fortacem a partir de uma pedagogia libertadora entre as pessoas e, assim, mantendo a memória da cultura, da cultura afro-brasileira e africana vivas. É a partir dos estudos sobre os ancestrais através da leitura que pode chegar-se a novos olhares, mais justos, despidos de ignorância e preconceito, sobre a consciência étnica, onde também a literatura africana lusófona pode trazer muitos esclarecimentos sobre o continente africano.

A literatura cultiva a quebra de antigos paradigmas utilizando a linguagem, os signos e significados das distintas culturas promovendo a criticidade: “Parece ser a escrita literária a que possibilita a leitura crítica da realidade, ao resolver as camadas profundas do imaginário social e cultural. Todas as denominações que possam surgir em relação à literatura africana, talvez sejam o reflexo das muitas tentativas de reconhecimento e de aceitação de sua autonomia” (Barreto, 2005, p. 62). A partir desta reflexão podemos concluir que a literatura pode esclarecer e nortear trilhas pedagógicas seguras para o educador e o educando.

É daí que se faz importante trazer para a educação de Ipojuca, Pernambuco (PE), escritores africanos lusófonos, pois eles evidenciam um expressivo legado cultural por ser um canal de identificação com a cultura afro-brasileira, no processo de reflexão e libertação. Ipojuca fica a 50km do Recife – capital de Pernambuco. Ipojuca foi um dos principais locais de Pernambuco para os traficantes desembarcarem os africanos. Os escravos chegavam presos em correntes e estavam embaixo das galinhas d’angola. “Tem galinha nova no porto”, esta era a senha que os mercadores anunciavam aos donos de engenho². Aí é que

² Luciana Ribeiro de Oliveira, Cyra; Joaquim Maciel de Carvalho, Marcus. Os africanos livres em Pernambuco,

vemos que quanto mais nos aprofundamos nos saberes, mais temos a sensação de incompletude e o desejo de pesquisa, como afirmou Clifford Geertz:

A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta. (Geertz, 1978, p. 39).

Ipojuca, ao passar a incorporar ao seu sistema educacional a valorização da cultura afro-brasileira e do continente africano começará a traçar outro panorama no combate à ignorância e ao racismo. Além disso, os instrumentos psicopedagógicos eficazes que os professores materializam, em sala de aula, podem despertar o interesse do educando pelos variados saberes, em que o processo de ensino e aprendizagem com temáticas integrativas são mais prazerosos, assim, mostrando que o conceito de cultura é dinâmico. A competência pedagógica faz com que os valores culturais sejam construídos a partir de estímulos em seus diversos níveis de percepção, objetivando que o educando entre em contato com uma perspectiva mais abrangente da história, em que a pesquisa e o confronto com os saberes sejam expostos de forma múltipla. De acordo com Clifford Geertz:

Agiram em termos de uma única estratégia intelectual ampla: a que chamarei, de forma a ter uma arma a brandir contra ela, de concepção “estratigráfica” da concepção, o homem é um composto de “níveis”, cada um deles superposto aos inferiores e reforçando o que estão em cima dele. À medida que se analisa o homem, retira-se camada após camada, sendo cada uma dessas camadas completa e irreduzível em si mesma, e revelando uma outra espécie e camada muito diferente embaixo dela. Retiram-se as variegadas formas de cultura e se encontram as regularidades estruturais e funcionais da organização social. Descascam-se estas, por sua vez, e se encontram debaixo os fatores psicológicos – “as necessidades básicas” ou o-que-tem-você – que as suportam e as tornam possível. Retiram-se os fatores psicológicos e surgem então os fundamentos biológicos – anatômicos, fisiológicos, neurológicos – de todo o edifício da vida humana. (Geertz, 2008, p. 28).

Como mencionado, o educando deve ser visto pelo educador com sua singularidade e suas respectivas pluralidades, onde já vem com suas demandas informacionais sobre a cultura afro-brasileira e o continente africano, geralmente, de forma deturpada, ou seja,

carregada de ignorância e preconceito, com ausência de leitura sobre o tema, tendo apenas uma visão do que ouviu sobre essas culturas. O educador vai ressignificar os fatos.

O multiculturalismo brasileiro desvela momentos memoráveis da história do Brasil com suas representações, por exemplo, a pesquisa sobre a Cabanagem, a Revolta dos Alfaiates, dos Malês, do Quilombo dos Palmares, entre outros. É através de fartas expressões culturais que o Brasil manifesta suas matrizes culturais pela literatura, com a poesia, a prosa e suas idiossincrasias, o seu entusiasmo pela vida e por “sua” cultura, onde fala, conversa, protesta. Nesse júbilo, a composição e canção “Leão do Norte”, do pernambucano Lenine, revela o policulturalismo do estado de Pernambuco, que segue mais adiante.

A sociedade se configura muito complexa, pois não como fazer uma análise crítica, bem fundamentada, anulando a multiplicidade de expressões, em que cada região do território brasileiro tem suas particularidades e diversidades. Lançar um olhar para a história do Brasil descontextualizado já é cair em erro. Dito isso, o antropólogo Clifford Geertz auxilia quanto ao conceito do que é cultura, dando força as palavras “significado”, símbolo” e “concepção”. Com isso, podemos compreender o que permeia o caldo cultural dos povos, com suas significações, seus símbolos e concepções:

O conceito de cultura,... denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (Geertz, 2006, p. 66).

É aí que entende-se que todo lugar tem suas características comportamentais e estruturais pessoais e em grupo, onde os significados e significantes dos padrões de comportamento explicitam seus instintos, sentimentos, emoções, pensamentos, atitudes, memórias afetivas etc. de acordo com Clifford Geertz (2006, p. 33), a cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade.

Fazendo um passeio pela história, Pernambuco foi o primeiro centro econômico do Brasil com relevância na exploração do pau-brasil e a primeira região do país em que a cultura canavieira cresceu concretamente na época colonial. Pernambuco está entre os 27 estados do Brasil. Ao ter essa constatação, vemos que Pernambuco, com seu

multiculturalismo, tem destaque também em suas manifestações culturais e regionais com as tradições dos seus antepassados. Por isso, torna-se bem apropriada a música “Leão do Norte”, que tem, em sua composição, o policulturalismo:

Sou coração do folclore nordestino
Eu sou Mateus do Bastião do Boi Bumbá
Sou o boneco do Mestre Vitalino
Dançando a ciranda em Itamaracá
(Leão do Norte, música de Lenine, letra de Lenine e Paulo César Pinheiro)

Pernambuco tem uma riqueza de gêneros e ritmos musicais que alegam todos os anos o mundo, especialmente, no carnaval, como as Bandas de Pífanos, a Ciranda, que é canção e dança, o Afoxé (afro-brasileira), o Cavalo-Marinho, os Caboclinhos, o Pastoril, a Embolada e muitas outras manifestações culturais pernambucanas. Mas cabe um destaque para o frevo, que é um ritmo contagiante, e seu aparecimento veio no século XIX com a capoeira, em consequência das lutas entre militares e escravos libertos, que é patrimônio histórico pela UNESCO.

Outra manifestação cultural de Pernambuco é o maracatu. De origem africana, o maracatu surgiu no século XVIII. As apresentações dos maracatus acontecem também no carnaval e, particularmente, em Nazaré da Mata, famosa com a “Terra do maracatu”, que fica no interior de Pernambuco. O maracatu divide-se em dois tipos: o maracatu nação e o maracatu rural, e é tradição entre os dançarinos. Os dois tem cortejos, ou seja, desfiles, com uma preciosidade de signos com uma marca significativa da cultura afro-brasileira, o candomblé.

Um bom exemplo é a memorável Noite dos Tambores Silenciosos, aguardada pelo mundo. Ela acontece na segunda-feira à noite abrindo o carnaval e tem a marcante característica religiosa. Os grupos de maracatus se reúnem no Pátio do Terço para prestar reverência e louvar a padroeira dos negros – a Virgem do Rosário. O auge da cerimônia acontece no período da meia noite: todos ficam em silêncio, não há mais luzes no pátio, tochas ascendem e aí o obsequioso silêncio é quebrado pelo rufar dos tambores, o principal instrumento dos Xangôs, e assim começam a cantar canções de Xangô.

Clifford Geertz diz que a “cultura..., é um sistema de símbolos significantes (linguagem,

arte, mito, ritual), para a orientação, a comunicação e autocontrole” (1926-2006, p. 35). Pernambuco tem vastas regiões de manifestações culturais. É impossível não recordar de elementos culturais como o artesanato, em que Lenine canta em sua música “O boneco de Mestre Vitalino” e a “Feira de Caruaru”, entre outros. Além disso, a geografia local tem suas belezas históricas em que os poetas e cantores traduzem em encantos mil.

Desta forma, para se apreender o conceito de cultura é necessário estar perceptivo para a multiplicidade do homem, que cria e recria percepções culturais levando-se em muita consideração a pesquisa, fatores internos e externos, ou seja, desde a biologia, a psique, o meio social, os grupos etc. Tudo isso confirma o que o antropólogo Clifford Geertz registrou em sua teoria da concepção estratigráfica. A cultura “brasileira” é muito vasta, como assevera o historiador (Fernandes, 2005, p. 379): “Todos, a par de suas diferentes posições político-ideológicas, são unânimes em concordar que a característica marcante de nossa cultura é a riqueza de sua diversidade, resultado de nosso processo histórico-social e das dimensões continentais de nossa territorialidade”.

Por mais essa e outras razões, a inserção da literatura africana lusófona faz-se indispensável em sala de aula. É justo que o educador e educando tenham conhecimento da Literatura Portuguesa e da Literatura Africana, das variadas línguas que tem em comum com a sua. O Brasil tem influências africanas, indígenas, europeias. É possível que com a literatura em sala de aula as desigualdades e os instrumentos de discriminação vão se acabando através da educação.

Diante disso, a escola passa a funcionar como um dos principais vetores para desconstruir, pouco a pouco, a lamentável negação da cultura afro-brasileira e do continente africano, que ainda, infelizmente, não só no senso comum como no meio acadêmico e educacional, como estamos vendo, perdura a ignorância em pleno século XXI. Manter a história do continente africano em sala de aula é consagrar relações de educação com a própria história brasileira. Na pesquisa de evidências, de informações fidedignas na literatura que a escola dá espaço para a autonomia.

É aí que o educador e educando passam, neste processo, a assumir suas responsabilidades numa sociedade que realiza trocas de saberes com as heranças culturais, artística, poética, literária, onde o negro é também protagonista da sua história, valorizando memórias, em que todos, e especialmente os negros, manifestem a “sua” herança cultura de forma exuberante mantendo esse patrimônio universal, como afirmou Paulo Visentini: “A

História da África e do Brasil estão intimamente relacionadas desde o momento em que os colonizadores portugueses ocuparam as duas margens do Oceano Atlântico Sul, no século XVI” (2014, p. 188).

Portanto, decretar a Lei nº 10.639/2003 é legitimar políticas públicas de promoção da igualdade racial com inclusão social e reverência à cultura afro-brasileira e o continente africano, através do educador que exerce a pedagogia da autonomia ao educando, pela leitura e literatura, em nome da Educação.

1.4 Os escritores africanos lusófonos que cooperam em sala aula

Tendo como proposta o ensino da literatura lusófona sobre a história da África na escola, em especial em Ipojuca, é importante considerar que os educadores encontrem espaço para inserir as riquezas culturais do continente africano sob a perspectiva dos escritores africanos lusófonos que cooperam com o mundo. A comunidade lusófona é enorme, e totaliza 9 países falantes do português, além do Brasil, que são: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe, e Portugal. Entre eles estão escritores africanos de língua portuguesa que podem estar presentes em sala de aula: Mia Couto, Paulina Chiziane, José Eduardo Agualusa, Ruduan Nassar, Odete Semedo, Luisa Geiler, Laudino Vieira, Ondjaki, Dina Salústio, Manuel Lopes, Pepetela e outros.

Ondjaki, por exemplo, desde jovem apresentou sensibilidade para a literatura. Foi eleito entre os cinco mais expressivos escritores africanos. Ondjaki estudou em Luanda e graduou-se em Sociologia, em Lisboa, Portugal. Tem doutorado em “estudos africanos” (Itália, 2010); em 2000 conquistou o prêmio António Jacinto, em Angola, onde obteve o segundo lugar, e publicou o livro “Actu Sangíneu”. Ondjaki tem muitas habilidades, entre elas, artes plásticas, cinema, roteirista, poesia. Gosta de Gabriel Garcia Marquez, Graciliano Ramos, Sartre etc. Esses intelectuais e muitos outros estão entre suas principais influências literárias.

“Oxalá cresçam pitangas – histórias da Luanda”, um documentário que Ondjaki co-produziu com Kiluanje Liberdade, após ter estudado por seis meses em Nova York, na universidade de Columbia. Suas obras estão traduzidas em diversos idiomas: espanhol, francês, inglês, italiano, alemão, chinês... Ondjaki, no Brasil, recebeu o prêmio Jabuti de Literatura, na categoria Juvenil, com seu romance “AvóDezanove e o segredo do Soviético”.

Foi também consagrado com o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco, em 2007, com sua obra “Os da minha rua”. Isso é apenas alguns dos requisitos para a inclusão de sua literatura em sala de aula no Brasil.

Já Dina Salústio, originária de Cabo Verde (1941), escritora, poetisa, professora, jornalista, professora etc. tem também seu destaque no mundo. Em 1994 publicou sua coletânea com 35 contos sob o título “Mornas Eram as Noites”, isso lhe concedeu o Prêmio de literatura Infantil de Cabo Verde. O seu primeiro romance é “A Louca de Serrano”, em 1998. Dina tem seu reconhecimento com o seu primeiro prêmio de Literatura Infantil, de Cabo Verde em 1994, com seu terceiro prêmio de Literatura Infantil dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). O estilo literário de Dina trata da luta da mulher e da negra, de sua história de reconstrução, na batalha contra a violência contra a mulher e a desigualdade social; aborda também da miséria ao encanto da vida, bem como a superação de obstáculos; essas são algumas características de Dina.

Já Pepetela, escritor angolano, tem relevância por suas peculiaridades literárias conhecidas como releituras dos fatos históricos de Angola, a referência aos mitos, a prosa à linguagem poética, personagens com complexidades psíquicas, o uso do tempo e espaço não contínuo etc. Pepetela é um dos mais proeminentes autores de língua portuguesa do mundo. Com seu romance “Mayombe” expõe reflexão política e histórica da sua cultura. O autor traz as conexões das lendas e tradições de Angola com primor, o que o faz mergulhar no continente africano. A história de vida de Pepetela é deslumbrante, pois, em 1962 foi embora de Portugal em direção à Paris, França, e ficou por seis meses. Depois, foi para a Argélia, e lá graduou-se em Sociologia, e aí trabalhou na representação do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e no Centro de Estudos Angolanos – onde auxiliou a criar. Todo o exposto faz parte do percurso de Pepetela.

A escolha desses autores surgiu a partir da experiência como aluna da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em que alguns professores indicaram a leitura, pois assim se deu o contato com esses escritores. São escritores que não são recomendados no programa curricular do Ipojuca, contudo, alguns educadores do município do Ipojuca já leram alguns escritores citados e trabalham com eles em sala de aula. Assim, aplicando em sala de aula a literatura dos escritores africanos lusófonos, se estabelece o que firma a Lei nº 9.394/96 com o artigo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que, em síntese, chama a atenção para que os estabelecimentos de ensino estejam pautados com a história e a

cultura e, assim, podendo debater em seu conteúdo programático também a África, a batalha dos negos, a formação da sociedade, nas áreas social, econômica e política.

A literatura tem o poder de lidar com variadas formas de culturas e expressões artísticas da humanidade. A palavra, o sensorial, o emocional e o relacional das pessoas e grupos estão presentes, e a literatura age na transmissão de ideias, sentimentos, emoções e pensamentos. Como já foi asseverado desde o início, um dos objetivos neste trabalho é refletir sobre o ensino da história da África nas escolas através da literatura com formação e emancipação pela leitura. Lecionar cultura, em sala de aula, é desenvolver as potencialidades dos educandos pela grandiosidade policultural, sem ficar limitado às normas acadêmicas:

A cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico. Ela diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social. (Gomes, 2003, p. 75).

É aqui que partimos do pressuposto que o educador anseia pela autonomia e exerce seu papel fundamental para criar um senso crítico no educando, onde em sua área de atuação todos se tornem sujeitos do seu dinamismo histórico e social dentro e fora da escola, exercendo cidadania. Os valores da cultura afro-brasileira e do continente africano são patrimônios da humanidade. Trazer os escritores lusófonos africanos para a sala de aula é provocar o espírito de humanização, onde a recusa pela ignorância e o preconceito tem seu nascedouro na Educação. Tudo isso desconstrói o estigma que se fez sobre a cultura afro-brasileira e o continente africano. Mas os educadores que estão dispostos a fazer esse bom combate sabem que levará tempo para desfazer a narrativa de que essas culturas são submissas, pelo contrário, como já vimos, são exuberantes em suas histórias e a literatura torna viável um olhar para o esplendor da diversidade.

Para se ter uma ideia, tem-se a crença que na África central e meridional, as gravuras de contornos entalhados tinham relação com objetivos religiosos. Já os desenhos produzidos com ranhuras mais sutis tinham objetivos de iniciação ou pedagógicos. Aí, a arte tem o refinamento com o brilhantismo, onde também as peles dos animais ou de objetos com suas cores eram vazadas e polidas. Portanto, não como fugiu a análise crítica criteriosa de nossa história:

Há uma década estamos vivenciando um momento em que a educação brasileira busca valorizar devidamente a história e a cultura de seu povo afrodescendente e indígena, buscando assim reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. Esta inclusão nos currículos da educação básica e superior amplia o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Evidencia-se que esse momento é de relevância não apenas para a população negra, mas também a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica, sendo capazes de construir uma nação democrática. (Borges, 2010, p. 1).

Portanto, o trabalho do educador em fomentar uma relação inicial do educando e da escola com a produção literária de escritores africanos lusófonos vem reafirmar o valor desses autores e o quanto eles cooperam com o mundo, apresentando as belezas, contradições e pluralidade cultural do continente africano.

Capítulo 2 – Enquadramento empírico

Este estudo tem como característica uma pesquisa de caráter qualitativo, e sua metodologia e configuração tem entre seus objetivos obter a confirmação da necessidade de ensinar o significado educacional da literatura lusófona africana no ensino básico brasileiro. A resolução de escolher esse tema foi fácil, porque é um universo riquíssimo e afligente, intimamente, por perceber o quanto os professores e a escola têm o dever de abordar a cultura de diversos povos, “especialmente” sob a perspectivas dos escritores africanos lusófonos que nos brindam com riqueza de detalhes a história da África.

Inicialmente, foi almejado que esta pesquisa fosse de campo, nas escolas de Portugal (África/Portugal). O objetivo era visitar as instituições de ensino e realizar a inquirição presencialmente. Por conta da Pandemia do Covid-19, isso ficou impossibilitado, e o cenário fez com que retornasse ao Brasil. Diante disso, as estratégias mudaram, agora está África/Brasil. Contudo, o questionário que foi idealizado para este trabalho, desde seu início está presente, mas se adaptou à Covid, ao invés de ser impresso, foram utilizadas as ferramentas digitais para ser um panorama da real situação que a educação de Ipojuca enfrenta para implementar propostas avançadas sobre a inclusão da cultura afro-brasileira e do continente africano, ou seja, o questionário se materializou no formato digital.

Com a pandemia, o trabalho de campo não foi possível. Na busca de soluções, juntamente com o orientador, foi pensado um conjunto de perguntas e, necessariamente, o recurso à disseminação do inquérito por via digital e on-line, via *Google Forms*. E, daí por diante, foram definidas 24 questões a serem aplicadas a professores de Língua Portuguesa do município do Ipojuca. Recapitulando a memória, também se planejou enviar, pelos sindicatos de educação de Pernambuco, mas além da Covid, outras pedras nos caminhos precisaram ser contornadas, pois o Brasil vive um momento muito delicado em sua história.

Alguns diretores dos sindicatos foram contactados, mas chegou-se ao consenso que não era prudente enviar os questionários para as instituições na modalidade via sindicato, pois eles passam por situações particulares do bom combate e, não estão dando conta de suas demandas, além disso, estão na contramão do que vem sendo concretizado contra a maré da educação no Brasil. Posto tudo isso, chegou-se a outra solução: a pesquisadora foi até Ipojuca por conta de desempenhar seu trabalho como educadora há mais de seis anos, pois conhece a realidade da rede escolar local e, além disso, os professores correspondem ao

inquérito, também por isso, a pesquisadora entrou em contato com diretores do ensino básico. O contato foi feito com êxito, esses diretores enviaram para os educadores as questões e elas foram respondidas.

2.1 O processo de elaboração e de aplicação do questionário

Diante disso, elaborar um questionário cujo um dos principais intuitos é obter informações sobre a inclusão da cultura afro-brasileira e do continente africano no sistema educacional de Ipojuca (PE) implica numa abordagem empírica do tema. Como já foi esclarecido, o trajeto para se chegar ao recurso das perguntas pelo *Google Forms* se deparou com obstáculos em que foram superados quando se chegou a esta solução.

As indagações são travessias indispensáveis para possivelmente ter ciência de como funcionam as práticas pedagógicas dos educadores com os educandos, e saber mais como se dá a recepção de novas atividades que já poderiam estar inclusas também no sistema pedagógico de Ipojuca. Questionar significa tornar conhecido, clarear horizontes. Ou seja, indagar exige também métodos e técnicas apropriados ao campo de estudo em que o pesquisador atua.

A entrevista se norteia por um roteiro feito. As perguntas seguem uma lógica, uma unidade conceitual em sua estrutura. A partir daí, a formulação das perguntas pretende ter respostas que sigam a linha de raciocínio do questionário, seguindo toda uma trajetória para coletar dados que sirvam de fontes documentais e, assim, esses dados possam ser transformados em estatística. Portanto, sabemos que a entrevista pode ser o “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (Marconi & Lakatos, 1999, p. 94), conforme vimos aqui, o questionário tenta realizar esse encontro.

O questionário iniciou com a definição de gênero, ou seja, o percentual que professores e professoras responderam. Depois se declinou a faixa etária dos educadores. Em seguida o nível acadêmico. Posteriormente, a escola onde cada educador leciona. De acordo com Gil (1999, p. 128), o questionário é conceituado “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Ou seja, o questionário vai tomando

corpo na medida em que o pensamento vai seguindo uma sequência elementar.

O questionário tem a economia do tempo, pode conseguir um bom resultado e propor um número considerável de pessoas respondendo de maneira simultânea, capaz de expandir seu território e, quando on-line, economiza tempo e busca de campo, podendo assim ser atendido com mais velocidade. Posto isso, Gil (1999) chama atenção para ter como norte: a) as perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa; b) deve-se levar em consideração o sistema de preferência do interrogado, bem como o seu nível de informação; c) a pergunta deve possibilitar uma interpretação; d) a pergunta não deve sugerir respostas; e) as perguntas devem referir-se a uma única ideia de cada vez.

Nesse processo, é indispensável ter conhecimento de causa do tema, saber selecionar quais perguntas serão colocadas, o número delas e, uma boa organização etc. a escolha de um questionário faz parte da estratégia de coleta de dados para se ter uma ideia se o sistema de educação de Ipojuca aplica, em sala de aula obras, literárias de escritores africanos lusófonos através dos educadores. Daí, para se obter respostas simples, objetivas e claras, segue-se um uma bússola para se chegar ao fim colimado. É muito bem apropriado quando se traz a Lei 10.639, de 09 janeiro de 2003, onde consta que é dever da educação brasileira integrar a cultura afro-brasileira e a África na escola.

É indispensável ressaltar que as diretrizes e bases da educação nacional devem ser seguidas pelos educadores e a escola, onde inclui temáticas aqui abordadas, como a história e a cultura afro-brasileira, que dá vigor ao que foi decretado e sancionado na lei. As escolas precisam, urgentemente, realizar em seu conteúdo programático, estudos sobre a África, a luta dos negros no Brasil e, conseqüentemente, incluírem a literatura lusófona africana – que dará sentido e significado aos estudos.

Está na lei que os conteúdos que fazem referência à história da África e dos africanos são pertinentes ao resgate do povo à história do Brasil, em diversas áreas: social, econômica e política. Quando os estabelecimentos de ensino fundamental I e II e do ensino médio implementarem essa política de reparação, todo o sistema educacional avançará para a formação de uma sociedade mais justa, compreendendo e respeitando as diferenças. É na Educação Artística, na Literatura, na História etc. que se dá a proximidade com a alteridade.

Conforme vimos, a lei legitima que as escolas deem o devido valor à cultura afro-brasileira e a história da África. Os educadores têm um papel fundamental nessa conquista

por seres responsáveis por construir uma nova história na educação brasileira. Diante de todos os percalços enfrentados na educação, muitos educadores se deparam ainda com escolas que muito pouco incluem essa questão, que é o caso de Ipojuca, bem como veremos mais na frente com os gráficos. O Brasil enfrenta muitas dificuldades em diversas áreas na educação, pois as obras africanas têm pouquíssima propaganda e ainda perdura o estigma de que a África é um submundo. Esse olhar reduzido, fruto da ignorância e do preconceito exige um tempo para desconstruir e construir o que realmente é o continente africano.

Este tipo de pesquisa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos (Gil, 2007). Ou seja, o foco aqui é a vivência e suas consequências. O pesquisador tem ciência do que é preciso ter para se fundamentar. Outro dado que impactou muito essa pesquisa, como já foi ressaltado, foi a Pandemia com a Covid-19, em que o mundo está encarando com orientações da ONU (Organização Mundial de Saúde), e que agora se depara com mutações ameaçando mais vidas ao óbito.

O advento da tecnologia causou muitas transformações na sociedade. Agora, com o problema que aflige a humanidade decorrente da Covid, os seres humanos sofrem uma ruptura mais agressiva, mais violenta, pois a vida está em jogo. Com isso, a utilização das ferramentas tecnológicas vêm auxiliar esse entrave que o planeta vive, e as escolas passaram a adotar massivamente o ensino à distância. As escolas começaram a realizar suas aulas remotas como as múltiplas dificuldades que os educadores e o Brasil conhecem. Contudo, não é objeto de pesquisa entrar em detalhes a esse respeito. Mas esta quebra violenta nas formas de viver, modificou o cotidiano dos educadores, conforme Veiga-Neto (2002) mostra:

Todos nós, que hoje exercemos a docência ou a pesquisa em Educação, tivemos uma formação intelectual e profissional em moldes iluministas. Uma das consequências disso é que talvez não estejamos suficientemente aptos para enfrentar, nem mesmo na vida privada, as rápidas e profundas mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas em que nos achamos mergulhados. (Veiga-Neto 2002, p. 23).

Como se constata, Veiga-Neto deixa nítido que o docente não está preparado para se adaptar às profundas transformações em diversas áreas. Diante disso, o uso da internet vem como um instrumento aliado para tentar impedir certos empecilhos na coleta de dados. É muito discrepante no Brasil o acesso à educação entre as classes populares. Contudo,

encontramos ensino de qualidade em muitas escolas públicas no país.

A utilização de um questionário pode ser delineado, de acordo com Gil (1999, p. 128), “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Isto é, o uso dessa modalidade implica em várias características e resultados. Como já foi posto aqui, mesmo diante da Covid-19, dentro das limitações imposta, a pesquisadora tomou a ação em ir à Ipojuca para estreitar perguntas e respostas sobre o sistema educacional do município.

Segundo Thiollent (1986, p. 14) a pesquisa-ação é “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com a ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Assim, o questionário ação serve para obtenção de resultados visando auxiliar um diagnóstico do sistema educacional. Neste sentido, Freire nos apoia a reflexão acerca do que é o exercício da educação:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Freire, 1996, p. 14).

Já o presente inquérito por questionário tem finalidade científica e visa inquirir a opinião, experiência e vivência dos docentes que lecionam a disciplina de Língua Portuguesa no ensino fundamental I e II, no sistema educacional do Ipojuca. O inquérito, que é objeto de tratamento desta dissertação, destinada à conclusão do curso de Mestrado em Estudos Africanos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Portugal, tem entre suas principais finalidades mostrar que as narrativas de escritores africanos lusófonos, no campo da educação, podem cooperar na formação educacional brasileira do 1º ao 9º ano, no sistema educacional do Ipojuca. O questionário encontra-se anexo neste trabalho após à referência bibliografia para apreciação.

2.2 A aplicação do questionário - o Ipojuca

Paulo Freire nos ensina que a verdadeira prática da educação é uma ação de libertação. Tudo isso possibilita a cooptação de informações que serão utilizadas pela pesquisadora para equacionar os problemas e desafios no ambiente escolar. Ou seja, propor novos horizontes no sistema educacional de Ipojuca com a inserção de escritores africanos lusófonos. Com isso, a pesquisadora também conta com a ajuda fundamental dos diretores da escola, pois eles auxiliaram-na na busca de respostas para ter elementos favoráveis na construção de experiências pedagógicas inovadoras, com a cultura afro-brasileira e o continente africano.

As tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou desejamos. Se somos pessoas abertas, elas nos ajudam a ampliar a nossa comunicação; se somos fechados, ajudam a nos controlar mais. Se temos propostas inovadoras, facilitam a mudança. (Moran, 2000, pp. 27-28).

É a partir das ferramentas tecnológicas e bem utilizadas que o educador (pesquisador) pode conseguir satisfação com seus propósitos educacionais. O Google fornece formulários eficientes que podem corresponder as expectativas dos educadores. O *Google Forms* oferece ao internauta coleta e organização de informações de pequenos, médios e grandes portes. As respostas ficam registradas nas planilhas, Google Sheets e outras. Sendo assim, essa pesquisa, em consenso com o orientador, chegou a realizar o questionário por esse método objetivando ter os seus resultados concernentes à lógica da demanda que o Sistema Educacional que Ipojuca necessita.

Portanto, a escolha do *Google Forms* permitiu vencer fronteiras que impossibilitam a feitura da pesquisa quando não há uma aparente saída. Os formulários digitais dão respostas mais consistentes e fidedignas que não deixam dúvidas futuras. São os mais variados possíveis de arquivos, imagens etc. que o *Googel Forms* tem disponível para todos.

O questionário é instrumento importantíssimo para a percepção do panorama atual do sistema educacional de Ipojuca. Entre seus principais objetivos estão identificar quais são as lacunas existentes no currículo escolar para aplicação da lei, como os educadores validam a cultura afro-brasileira e o continente africano na sua formação e na dos educandos, como a literatura africana está presente em sala de aula, como se dá esse processo, quais são as

resistências (a ignorância e o preconceito), a metodologia pedagógica para permitir possibilidades de educação inclusiva etc. é a partir das respostas e da análise delas que pode traçar-se metas, estabelecer mudanças úteis que possam promover a cultura e a educação.

Como vemos, o questionário respondido servirá de suporte para, como já foi dito, os diálogos possíveis, entre educadores, educandos e escola, com flexibilidade e abertura para a concreta inclusão em sala de aula da cultura afro-brasileira e do continente africano. A partir desses indicadores, os professores podem utilizar suas habilidades pedagógicas para ir processando a eliminação da ignorância, do preconceito de cor, de raça, de etnia, de classe social etc. com o término do questionário, faz que indispensável reunir o corpo docente que participou das perguntas, para compor um campo pedagógico de discussão de práticas emergenciais e emergentes que diz respeito ao sistema educacional de Ipojuca.

O questionário foi um grande apoio para que educadores possam debater e propor transformações práticas ao sistema educacional de Ipojuca, seguindo as diretrizes do currículo referência do Ipojuca, que em seu conteúdo propõe o exercício da diversidade cultural na escola. Com isso, dentro da perspectiva pedagógica que promove a autonomia, a partir das respostas, os educadores podem dar início a um clima de diálogo onde todos podem participar elegendo ações afirmativas que legitimam um ambiente escolar com a literatura afro-brasileira e africana.

As formas de metodologia da literatura na sala de aula podem ser variadas, de acordo com o currículo escolar, onde a interdisciplinaridade abre espaço para a reflexão com as áreas que possuem ligações, e daí nascendo a descoberta da identidade e identificação entre as culturas, sem perder suas peculiaridades, em contato similaridades no modo de falar, comer, agir, de ler e escrever, de educar, ou seja, de fazer cultura.

Para se ter uma ideia, em sintonia com esse campo interdisciplinar, o currículo referência do Ipojuca comunica-se muito bem com as propostas postas aqui, de uma escola inclusiva, pois, ele é composto em sua introdução por 10 itens, que entre eles estão: o currículo e a educação integral; princípios norteadores do documento; a perspectiva de uma educação inclusiva; processos de ensino e aprendizagem; avaliação da aprendizagem; a alfabetização, o letramento e os multiletramentos em todas as áreas do conhecimento; critérios orientadores: objetivos da educação escolar no município; política de formação docente; educação em tempo integral; visão de futuro para a educação; temas contemporâneos transversais e integradores; modalidades da educação básica na perspectiva

inclusiva: educação especial na perspectiva da educação inclusiva; educação de pessoas jovens; adultas e idosas; educação do campo; e posteriormente as bases referenciais.

Tudo isso é um terreno fértil para a inserção da literatura afro-brasileira e africana em sala de aula. Os educadores têm o dever de articular uma integração com seus educandos discutindo os problemas sociais que afligem na escola, como por exemplo, a indisciplina, a violência, a ignorância, o preconceito etc. pois, é essencial na formação dos educandos que os educadores cultivem uma cultura de “problematização” e soluções entre todos os envolvidos, com o objetivo de desenvolver ações e competências com base nas práticas educativas. Conhecendo mais o currículo referência do Ipojuca, podemos observar que no capítulo 2 tem:

- A etapa da educação infantil: história da educação infantil no território do Ipojuca;
- Função sociopolítica e pedagógica da educação infantil;
- A organização do cotidiano e sua relação com os tempos e os espaços;
- Organização curricular da educação infantil etc. com suas devidas referências.

Diante disso, percebe-se que os educadores de Ipojuca estão totalmente instrumentalizados com um material pedagógico consistente, para que possam realizar transformações fundamentais na base deste sistema a caminho da autonomia. Já no capítulo 3 temos:

- A etapa do ensino fundamental que se apresenta:
- Estruturação do documento e os códigos utilizados.

Seguindo em frente nos deparamos com o 4 capítulo, que trata de:

- Área de linguagens: competências específicas de linguagens;
- Língua portuguesa; organizador curricular de Língua Portuguesa;
- Organizador curricular de Língua Inglesa;
- Arte; organizador curricular de Arte.

Já no 5, no currículo referência do Ipojuca, é a área de Matemática:

- Competências específicas de Matemática;
- Matemática; organizador curricular de Matemática.

Já o 6 – Área de Ciências da Natureza:

- Competências específicas de Ciências da Natureza;
- Ciências; organizador curricular de Ciências.

No penúltimo capítulo, o 7, a área de Ciências Humanas:

- Competências específicas de Ciências Humanas;
- Geografia; organizador curricular de Geografia;
- História; organizador curricular de História.

Por fim, o 8 – área de Ensino Religioso:

- Ensino religioso;
- Organização curricular de Ensino Religioso e suas referências.

Portanto, cabe, aqui, reforçar, que foi aplicado um inquérito com os 16 professores que lecionam a disciplina de Língua Portuguesa no ensino fundamental I e II, do sistema educacional do Ipojuca, cujo os dados foram transformados em gráficos, descritos e interpretados pela pesquisadora, conforme a metodologia mais adequada ao estudo, de forma quantitativa.

Capítulo 3 – Apresentação e interpretação dos resultados

A partir de todo percurso já realizado é que pode-se chegar a uma hipótese do que precisa ser modificado neste ambiente escolar, pois não cabe aqui a presunção de ser o dono da verdade e nem de se esmerar na imposição do que deve ser realizado, e sim propor diálogos possíveis para se chegar à prática pedagógica libertadora. Para frisar, foi explanado aqui o contexto em que as informações foram coletadas. Após ter enfrentado todos os percalços no caminho, há um sentimento de satisfação pelo questionário, não no sentido de constar que a conjuntura é preocupante, mas o dever cumprido, ciente dos desafios, com o intuito de levar resultados a partir dos próprios educadores que provam o quanto o sistema educacional de Ipojuca precisa abordar a cultura afro-brasileira e a cultura africana.

3.1 Identificação

O uso do questionário pelo *Google Forms* foi enviado em 26 de maio de 2021 para os educadores de Ipojuca, obtendo todas as respostas em dois dias após o seu envio. Os docentes demonstraram muita disponibilidade. Obedecendo o critério do raciocínio lógico, as respostas correspondem ao que a pesquisadora deduzia de forma empírica. Ou seja, o sistema educacional de Ipojuca está com um violento *déficit* quanto às obras literárias, especialmente, quando o assunto é a cultura afro-brasileira e o continente africano. A primeira questão é básica e essencial, traçar um perfil da faixa etária dos educadores de Ipojuca (Figura 1) por ser fundamental para a composição de estratégias com o objetivo de chegar ao alvo: a inclusão da cultura afro-brasileira e do continente africano no sistema educacional de Ipojuca.

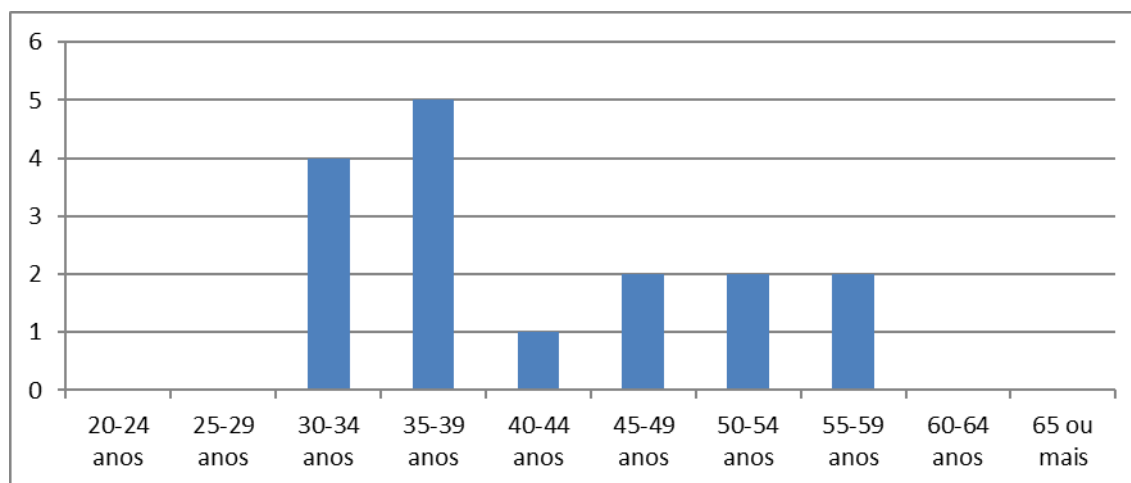


Figura 1 – Perfil por idade dos educadores de Ipojuca.

Pelo *Google Forms* foi obtido esse panorama por idade. Aqui, percebe-se que a predominância dos educadores é entre 35-39 anos, ou seja 31,3%; já entre os 30-34 anos é de 25%; entre 35-39 anos é de 12,05%; entre 45-49 anos é de 12,05% entre 50-54; também entre 55-59 anos é de 12,05%. Nesse ponto de partida do questionário, vai se delineando quais passos a serem dados com segurança numa proposta de prática pedagógica para acolher as diversas culturas, e quando o assunto aborda a educação é sempre bom recorrer a Paulo Freire, que fala da incessante necessidade do diálogo para conseguir bons resultados, pois, sem ele, o crescimento um e do outro torna-se muito difícil:

O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. (Freire, 1993a, p. 118).

Ou seja, é no diálogo que as divergências e incompreensões acerca dos mais simples aos complexos problemas na educação permite que encontre soluções pedagógicas integrativas com a participação de todos, onde a alteridade cresce com sua diversidade. Por meio do diálogo, muitas lacunas podem ser preenchidas e satisfeitas a partir da promoção do exercício de cidadania aplicado na escola.

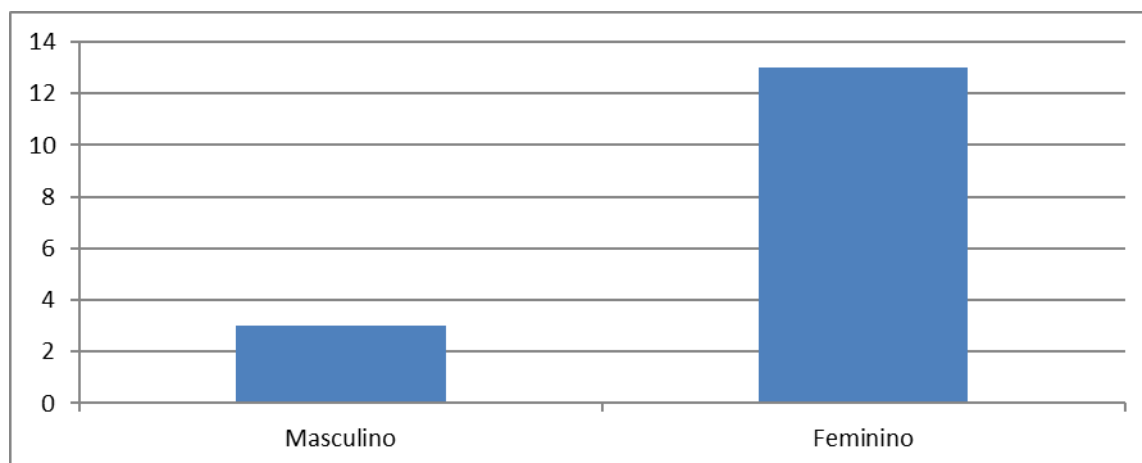


Figura 2 – Perfil por gênero dos educadores de Ipojuca.

Por conseguinte, após identificar a faixa etária dos educadores de Ipojuca, foi necessário saber qual é a força do gênero em sala de aula. 16 educadores é o total de respostas, e nota-se que as mulheres estão no maior percentual quando se trata desta questão. Ou seja, 81,03% do corpo educacional entrevistado é do sexo feminino, os demais pertencem ao sexo masculino.

Um dos aspectos mais cruciais nesse percurso dos educadores com seus educandos é que prevaleça esse exercício diário, na escola, de conscientização da construção do diálogo, onde as transformações de humanização do ambiente escolar se façam mais justas, levando em conta a forte influência que o sexo feminino tem na docência. Muitas vezes, as professoras exercem seus papéis, possivelmente, em casa e na sala de aula. São gestoras do lar e de saberes fora dele também, onde podem estimular a valorização da leitura com obras sob a autoria de escritores africanos lusófonos. Para que essa ação melhor se concretize, precisa-se de uma boa e transparente conversa entre educadores e educandos:

[...] não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. Este é um pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devir e não como algo estático. (Freire, 2011, p. 114).

Assim, constata-se que o diálogo desenvolve a percepção para a prevenção da ignorância, quebrando barreiras e realizando a solidariedade. Com isso, torna-se real na escola o hábito de ler escritores africanos lusófonos, espaço em que os educadores fazem o

permanete convita às questões étnico-raciais, entendendo a importância do continente africano para ser sujeito da sua história.

3.2 Dados acadêmicos

Os dados acadêmicos dos 16 entrevistados demonstram um grande valor para conhecer o perfil deles e o quanto estão habilitados para sua prática pedagógica. Há um grande dilema na atividade diária desses educadores que, nesse contexto, com a inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da educação básica brasileira, através da promulgação das Leis 10.639, de 2003 e 11.645 de 2008, que foi um marco na história do país, pois o ensino da diversidade cultural no Brasil passou a ter mais janelas abertas, nem sempre condiz com a realidade em sala de aula. Sabe-se que os professores enfrentam também o cabo de guerra, onde quem tem autorização, conforme a lei, para lecionar esses temas, são apenas os professores de História e Sociologia.

Posto isso, é *contra-senso* criar barreira para o exercício da educação, já que sabemos também, pelos dados acadêmicos desses professores, que os licenciados em Letras e Pedagogia estão aptos para abordar o assunto e dispostos a ampliar seu nível de conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e a africana. É de se levar em conta os cenários em que eles atuam, seus desafios e soluções com as instituições que trabalham, as variantes que orbitam em questões administrativas, pedagógicas e de realização pessoal – pois para quem anseia por estar autorizado a lecionar esses temas, carrega o sentimento de conquista profissional, íntima e em nome da educação.

Destaca-se que o ambiente escolar democrático se dá com a inclusão cultural, mas para que isso aconteça é preciso uma mobilização entre todos para contemplar o desejo almejado. É a partir de então que vai se reeducando o olhar e desfazendo preconceitos, junto a formação dos professores com mais solidez, onde o planejamento pedagógico se fundamenta em caminhos que apoiem as relações étnico-raciais, onde a literatura passa a provocar encantos no imaginário de todos pela boa informação e educação. Sem esse norte, a educação passa a ser um carro sem freio, em que o óbvio e previsível estará por permanecer e acontecer: a prevalência da ignorância e do preconceito como lema da cultura do ódio. A promulgação da Lei 11.645, conforme dito, foi um divisor de águas na história do Brasil.

3.3 Dados profissionais

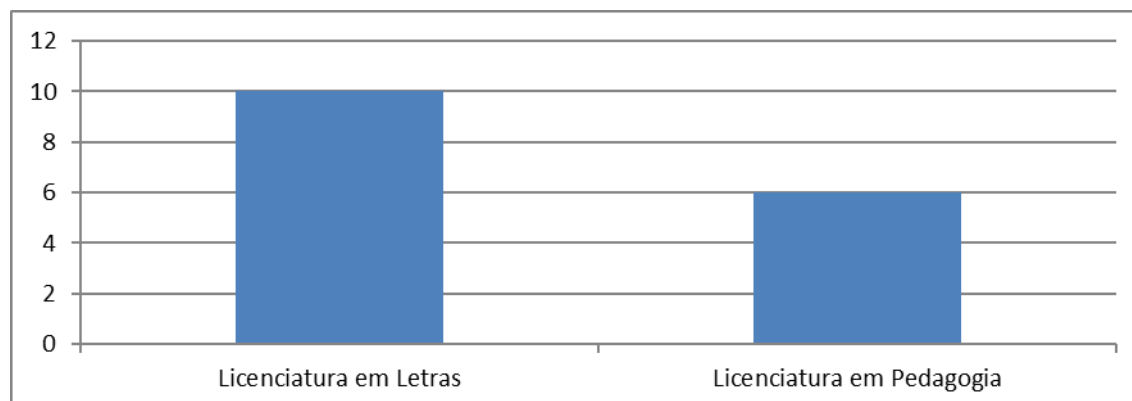


Figura 3 – Perfil da formação acadêmica dos educadores de Ipojuca.

Mais uma vez, seguindo a sequência, entre os 16 educadores entrevistados de Ipojuca, 62,05% tem licenciatura em Letras e 37,05% tem licenciatura em Pedagogia. Isso é um importante dado, porque temos a dimensão da formação dos entrevistados e a partir de mais essa questão pode-se se ter uma ideia prévia com quem vai dialogar sobre a literatura africana lusófona em sala de aula. Com o percentual mais significativo em licenciatura em Letras, talvez, é de supor que os educadores estejam mais receptivos às novas propostas pedagógicas, incluindo no seu currículo escolar estudos correspondentes a cultura afro-brasileira e o continente africano. É necessário debater, em sala de aula, a realidade brasileira a partir da sua história. Tratando disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais deixam bem claras:

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitida aos(as) alunos(as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamento desse problema por parte dos(as) profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. Esse entendimento acaba sendo pautado pelas vivências sociais de modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização raciais. (Brasil, 2006, p. 23).

Posto isso, os educadores têm o compromisso com a educação para diminuir esse abismo social e cultura que todos os dias se deparam. Debater as diferenças de modo inclusivo, reflexivo e crítico é fazer justiça que vigore a lei e a consciência étnica.

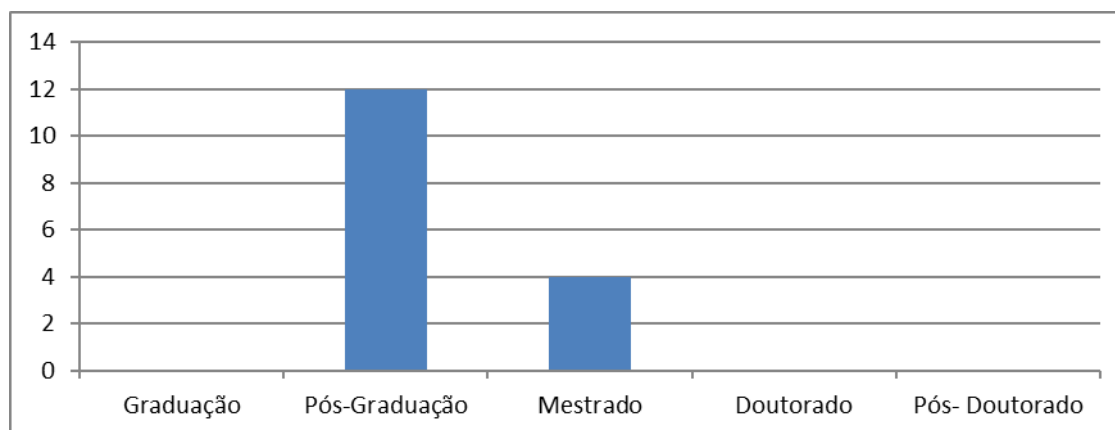


Figura 4 – Perfil dos educadores de Ipojuca com Pós-Graduação e Mestrado.

Na figura acima, dos educadores entrevistados, 75% tem pós-graduação (é uma formação que se realiza depois da conquista do diploma de bacharel, licenciado ou tecnólogo. Pois, só é possível fazê-la com graduação. No Brasil, os cursos de pós-graduação estão organizados em Lato Sensu e Stricto Sensu, que são duas formas de ensino. Eles são a bússola para direcionar os tipos de cursos que existem: Especialização, MBA, Mestrado e Doutorado) e 25% tem Mestrado. Diante disso, desde o início do questionário, essas características são indispensáveis para se conceber a ideia do processo de formação dos educadores, de como eles fizeram esse trajeto, onde, talvez conforme já foi relatado acima, podemos notar as discrepâncias da aplicação da lei e o que se ensina em sala de aula.

3.4 Formação para a docência em tempo de serviço

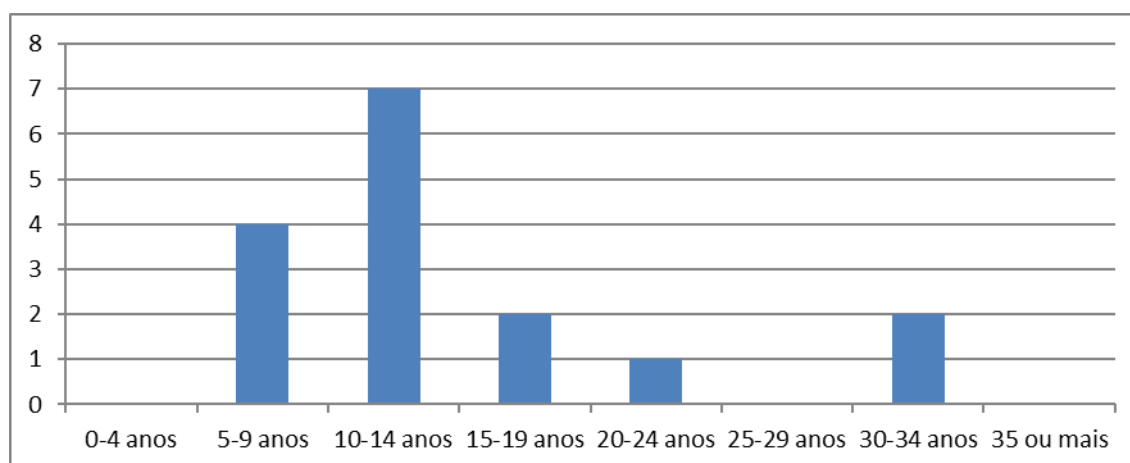


Figura 5 – Perfil dos educadores de Ipojuca sobre o seu tempo de serviço.

Aqui, detectamos o tempo de serviço que os entrevistados têm em sua área de atuação. Pois, é importantíssimo ter conhecimento a esse respeito, porque uma boa qualificação na docência pode influenciar muito na qualidade da educação. Constatase que entre as 16 respostas, 43,08% estão entre 10-14 anos de trabalho. Já 25%, entre 5-9 anos; 12,05% entre 30-34 anos e o restante entre 15 e 24 anos de tempo de serviço.

O tempo de serviço do educador significa experiência pedagógica. Aqui, entram questões objetivas e subjetivas do professor, de como se deu o processo de formação, suas identificações com os pensadores da educação, sua linha de atuação, suas limitações e resistências, suas referências bibliográficas, na licenciatura em Letras ou licenciatura em Pedagogia, com Pós-graduação ou Mestrado. Tudo isso é levado em conta, pois o processo de formação do educador, como já foi muito falado neste trabalho, é um atributo de suma importância para a sua atuação na escola, em sala de aula, com seus educandos.

Adequando-se aos argumentos explanados, mais uma vez recorre-se ao pensamento de Paulo Freire, de que para chegar a uma boa avaliação pedagógica é necessário o diálogo e suas consequências: “a postura crítica que o diálogo implica; a sua preocupação em aprender a razão de ser do objeto que medeia os sujeitos dialógicos” (Freire, 2001, p. 81). É com o diálogo que se constrói uma equipe pedagógica construtivista, é com diálogo que se educa a ação.

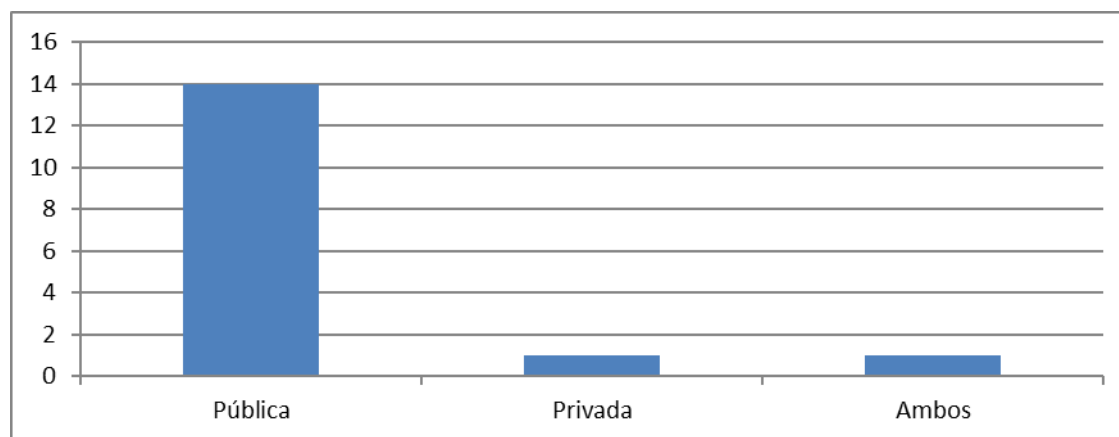


Figura 6 – Escola onde os educadores lecionam.

Outro dado muito precioso é onde esses educadores entrevistados lecionam. A escola pública prevalece: 87,05%; já o ensino privado tem percentual de 6,3%, e o restante em ambos, completando os 100%. Conforme já foi registrado, esses educadores entrevistados

de Ipojuca exercem um expressivo papel na educação. Com sua formação em licenciatura em Letras ou licenciatura em Pedagogia, com Pós-graduação ou Mestrado. É de se admitir que essas escolas, especialmente as públicas, estão municiadas de educadores bem capacitados para acolherem e aplicarem conceitos e explanações acerca da cultura afro-brasileira e do continente africano em sala de aula.

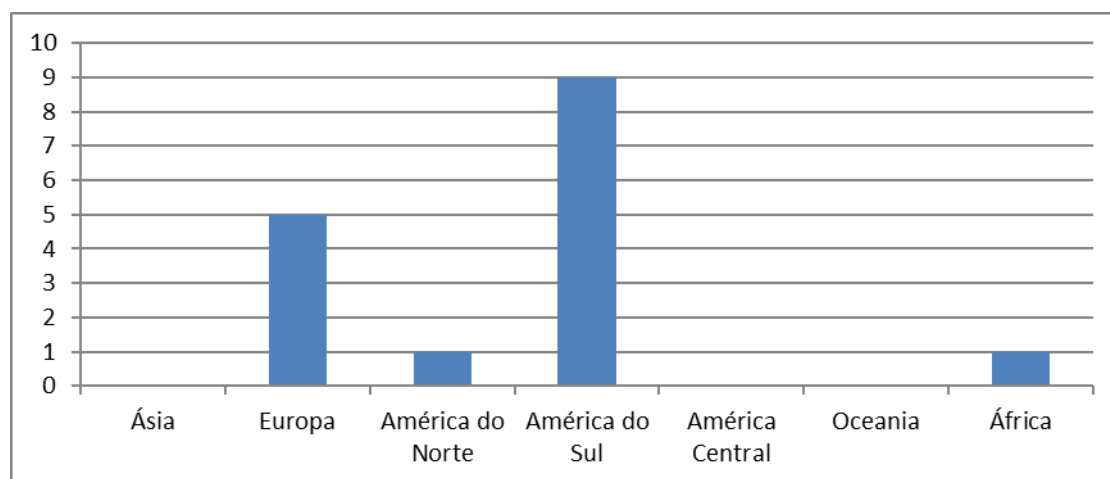


Figura 7 – A predominância dos continentes dos escritores trabalhados em sala.

Os educadores de Ipojuca foram questionados quanto à origem do continente dos escritores que eles mais trabalham em sala de aula. 56, 03% é da América do Sul; depois vem 31,03% da Europa; 6,3% da África e o restante América do Norte. Como vemos, o percentual de escritores do continente africano é muito baixo. É dessa realidade que o ensino da literatura africana na educação básica exige mais afinco em ser inserido, com o intuito de promoção do conhecimento, de desfazer estigmas e preconceitos, contruir e reconstruir histórias. Essa trajetória que levará tempo para a lei vingar e cotidianamente fazer ações afirmativas, conforme falam Rosa & Backes (2011, p. 3):

A aplicação desta lei (10.639/2003) nas escolas regulares traz à tona a necessidade de se fazer uma nova abordagem do ensino da literatura e cultura africana e afro-brasileira, e poderá dar-se na escola, nova significação ou ressignificação à História Africana, que até então tem sido desconhecida, ignorada, desvalorizada ou tratada a partir de uma única perspectiva, ou seja, a perspectiva dos colonizadores.

Os educadores têm o desafio de realizar esse intento com prazer, mas conscientes de

que lava-se um tempo para acolher a nova ideia, para maturar as novas propostas pedagógicas, com o afim de que educar é também descobrir os significados da sua história.

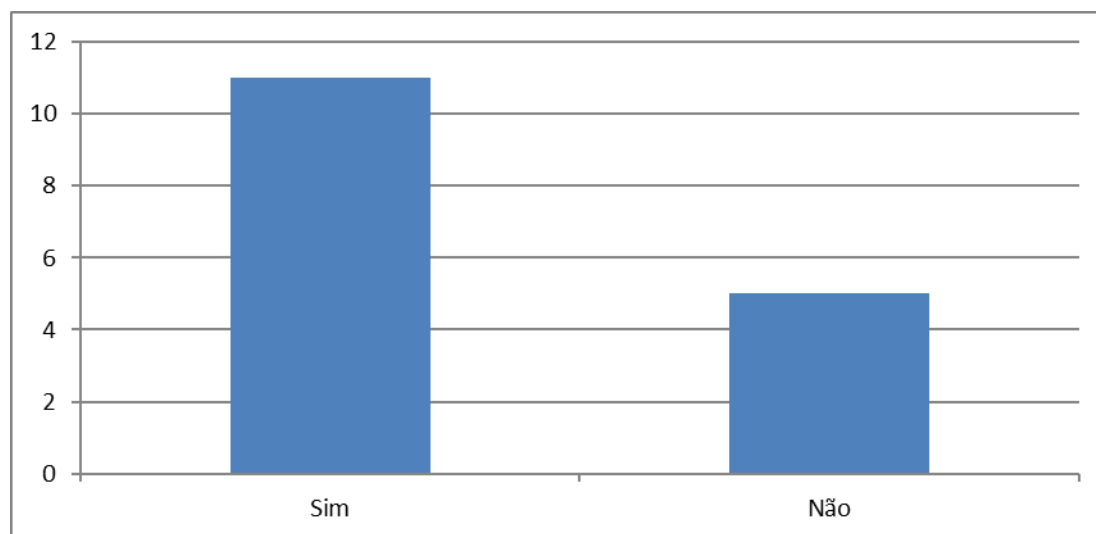


Figura 8 – Perfil dos educadores que conhecem as obras de escritores africanos

A figura oito mostra que 68,08% dos educadores conhecem obras de escritores africanos e 31,03% não. Um percentual significativo para que os docentes possam indicar obras literárias de escritores africanos (lusófonos). Com isso, nos deparamos com um terreno fértil para que seja implementada a lei no sistema educacional de Ipojuca. Assim, os educadores têm a oportunidade de trazer a realidade do continente africano, o modo de ser e de viver, a cultura, de Guiné-Bissau, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe etc. através da literatura, fazendo conexões com a cultura afro-brasileira e vice-versa. Ou seja, estamos juntos numa miscigenação e não podemos fugir da nossa etnia. Índios, brancos, pretos e mestiços, conforme contextualizam Brandão e Santos, o Brasil tem suas “etapas”:

O Brasil, pode-se dizer, é um país biafricanizado. Inicialmente com a chegada do homem português, e, em seguida, com os contatos diretos com regiões do continente africano. Essa chegada ao Brasil dá-se para os trabalhos com a cana-de-açúcar, depois pela extração do ouro, cultura do café, para serviços nas cidades e nos campos. (Brandão & Santos, 2015a p. 46).

Vemos, aqui, a presença massiva da policultura onde tudo isso pode ser encontrado numa vasta literatura.

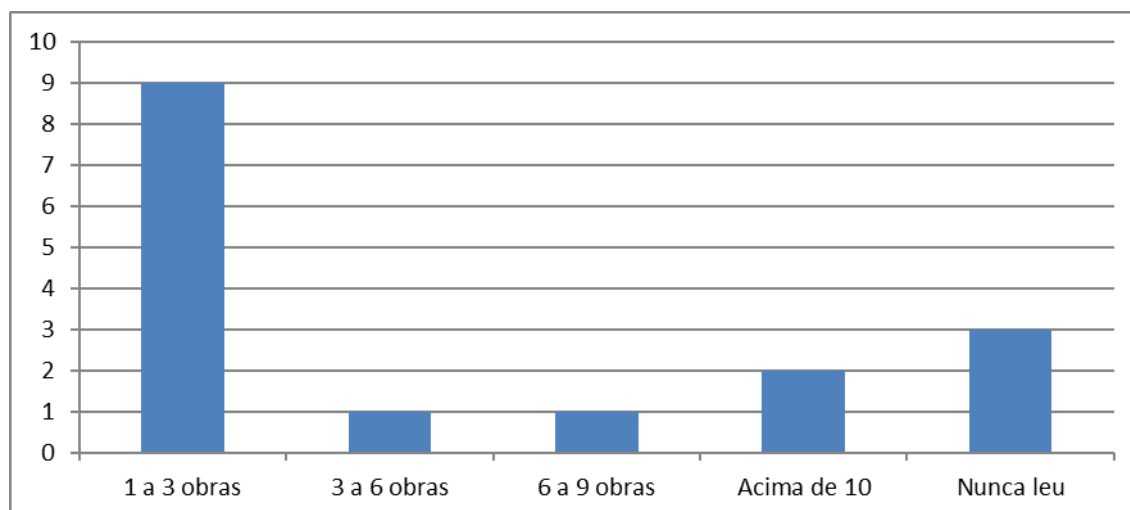


Figura 9 – Perfil da quantidade de obras africanas lidas.

Outro dado que tem muita relevância é quantidade de livros africanos que já foram lidos pelos educadores. 56,03% declararam que leram entre 1-3 livros; 18,08% falaram nunca ter lido; 12,05% entre acima de 10 obras; os outros restantes leram entre 6 a 9/ 3 a 6 livros. Contata-se um dado preocupante quanto à leitura de obras literárias africanas. Os fatos reforçam a necessidade dos educadores lerem mais os escritores africanos, para ter base quando sua posição de fala assumir a responsabilidade de tratar de temas pertinentes ao continente africano. Abaixo segue a dimensão dos autores que esses educadores estão lendo.

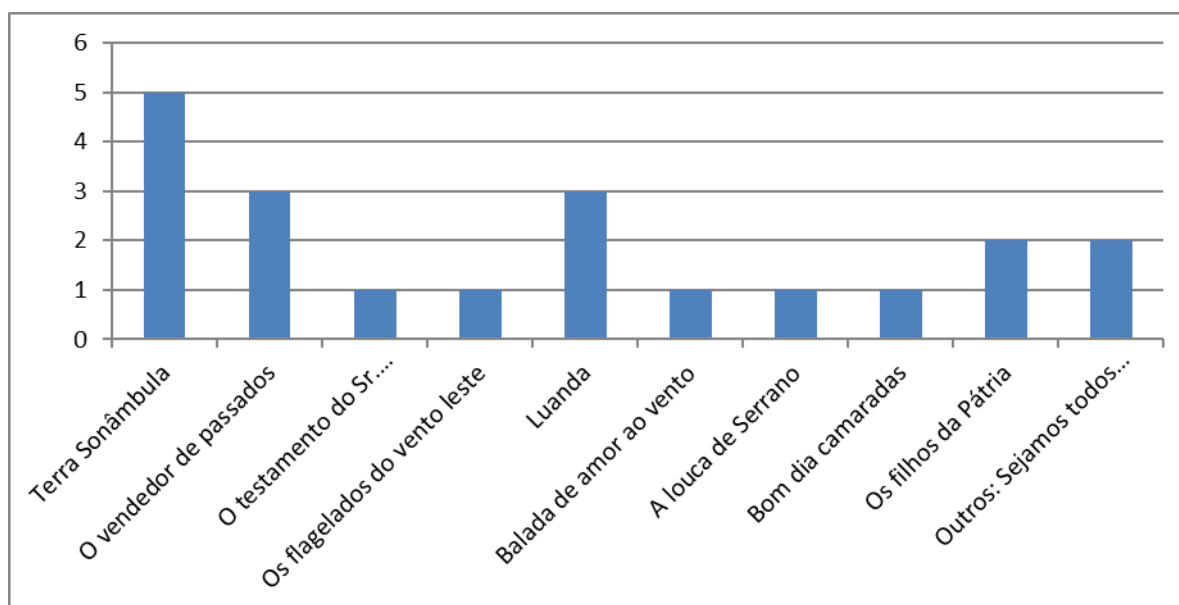


Figura 10 – Perfil das obras de escritores africanos mais lidas

Aqui temos os percentuais das obras mais lidas pelos educadores de Ipojuca. Entre elas estão: “Terra Sonâmbula” – Mia Couto, de Moçambique, com 53,08% de leitura; “O vendedor de passados” – José Eduardo Agualusa, de Angola, com 23,10%; “Luanda” – Luandino Vieira, de Angola, com 23,01%; “Os filhos da pátria” – João Melo, de Angola, com 15,04% ; “O testamento do Sr. Napomuceno” – Germano Almeida, do Cabo Verde, com 7,7%; “Balada de amor ao vento” – Paulina Chiziane, de Moçambique, com 7,7%; “A louca de Serrano” – Dina Salústio, do Cabo verde, com 7,7%; “Bom dia camaradas” – Ondjaki, de Angola, com 7,7% etc. das 16 pessoas entrevistadas, 5 pessoas marcaram mais de um livro e 3 não responderam.

Diante dos fatos, seria mais preocupante se esses educadores de Ipojuca não tivessem lido nenhum escritor africano. A partir desse diagnóstico podemos delinear quais recursos fundamentados na pedagogia da autonomia pode-se aplicar para se ter um número mais expressivo de leitores. A história e a cultura afro-brasileira e do continente africano precisam ser postas e contadas em sala de aula de forma lúdica, com base na literatura, sem perder os princípios básicos de uma boa formação educacional.

Os educadores, nas suas áreas de atuação, têm o dever de dialogar sobre as obras literárias para encontrar as conexões em que as diversas culturas conversam com suas disciplinas, com o objetivo de criar um ambiente favorável também aos escritores africanos lusófonos, que já tem o seu destaque no mundo e falam sobre o continente africano.

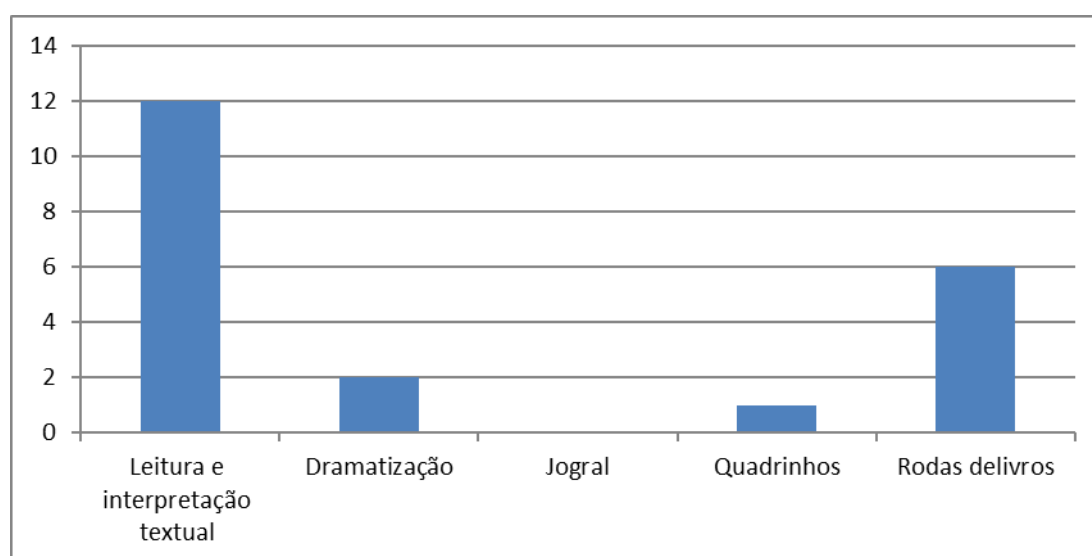


Figura 11 – Perfil das atividades letivas dos educadores de Ipojuca.

Mais um outro dado bem interessante é a atividade letiva dos educadores. O percentual aponta que em suas ações pedagógicas prepondera a leitura e interpretação de textos com 92,03%; já a dramatização, que é uma ferramenta pedagógica na sala de aula, para estimular várias atividades interdisciplinares e aumentar o universo linguístico e artístico da educação infantil, com diversos temas – vem em segundo lugar, com 15,04%; o jogral, que serve como instrumento de suporte didático e pedagógico, onde se realizam oficinas com o objetivo de vencer os obstáculos dos estudantes de forma leve, descontraída, sem o peso da sala de aula, e assim, fazendo com que o aluno fique mais disposto para participar das atividades; portanto, o aprender e o ensinar tornam-se divertidos e prazerosos, e a aprendizagem torna-se fácil – está em 0%, e isso é muitíssimo preocupante; os quadrinhos (incentiva a leitura com proposta didática-pedagógica), com 7,7% e, por fim, a roda de livros (estimula a leitura com a didática-pedagógica) que apresenta relativamente um bom dado diante da realidade que vivemos, com 46,02%. Cabe a observação que 5 pessoas marcaram mais de uma opção e 3 não responderam, do total de 16, participaram 13 professores.

É a partir de suas atividades letivas que os educadores de Ipojuca podem utilizar desses instrumentos pedagógicos postos acima no questionário: Leitura e Interpretação de Texto, Dramatização, Jogral, Quadrinhos, Rodas de Livros etc, com maestria aos educandos. E como é de praxe, é impossível fugir de Freire (1992, p. 56) quando o assunto é o ato de ensinar pela educação:

O ato de ensinar e de aprender, dimensões do processo maior – o de conhecer – fazem parte da natureza da prática educativa. Não há educação sem ensino, sistemático ou não, de certo conteúdo. E ensinar é um verbo transitivo-relativo. Quem ensina, ensina alguma coisa – conteúdo – a alguém – aluno.

Ou seja, para ensinar algo é preciso ter um conhecimento prévio do que ensina. Sem isso, o educador não estará apto para o verbo transitivo-relativo, conforme as palavras de Paulo Freire.

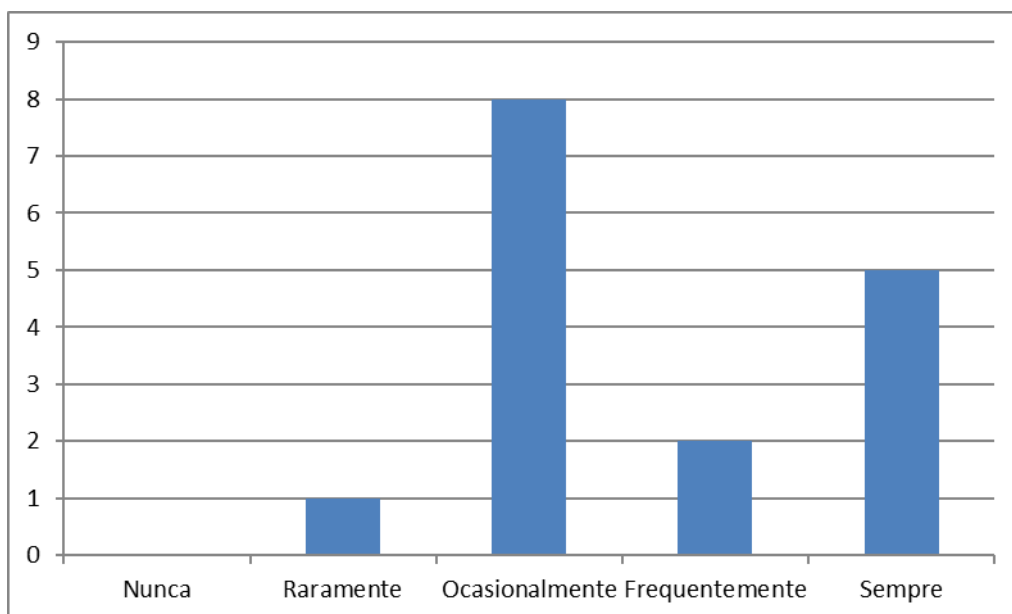


Figura 12 – Perfil sobre a África nos conteúdos aplicados.

Por fim, temos o percentual da importância da África nos conteúdos aplicados. 31,05% dos educadores de Ipojuca sempre trazem à sala de aula a relevância do continente africano aos seus educandos. Já 12,05% frequentemente aborda. 43,03% dá destaque ocasionalmente. 12,05% dos educadores raramente falam e 0% nunca expressam.

Portanto, é de considerar que o sistema educacional de Ipojuca necessite de reformulações em seu processo pedagógico com os educadores e educandos, pois os fatos revelam que quanto mais a cultura afro-brasileira e o continente africano são estudados em sala de aula, mais os estudantes enriquecem seus saberes à luz da literatura e da cultura.

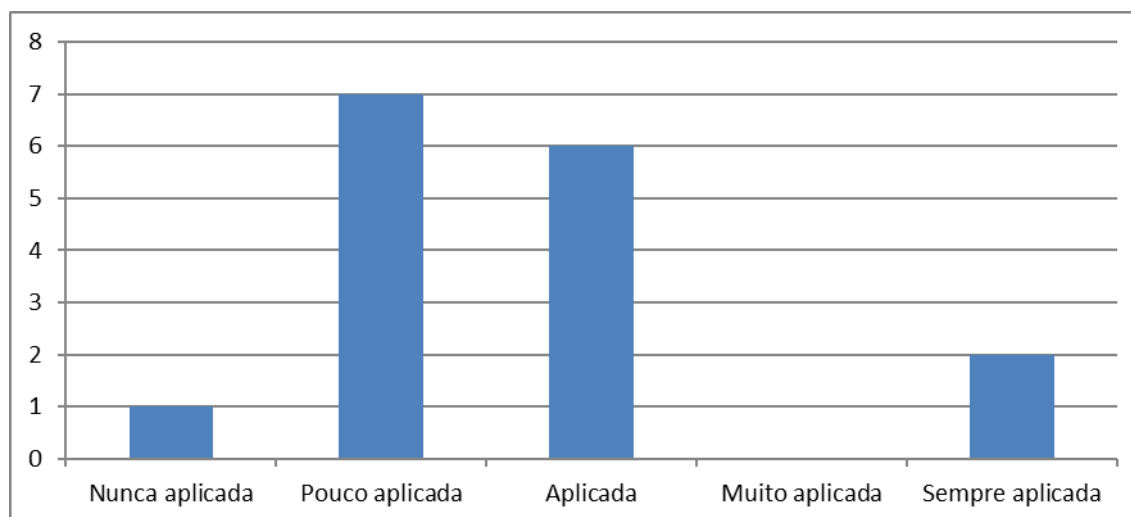


Figura 13 – Aplicação da Lei que obriga “História e Cultura Afro-brasileira”

Dando continuidade ao questionário, aqui podemos observar diante dos entrevistados o percentual da Lei 10.639/03, que traz em seu bojo a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, onde aborda a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Os educadores foram questionados se realmente a lei é aplicada. Vejamos que, dos 16 entrevistados, 43,08% consideram que pouco aplicam a lei. Daí vamos para 37, 05%, que afirmam aplicá-la. Já 12,05% declaram que sempre aplicam e 6,03% nunca aplicam.

Esses dados coletados revelam que o intuito da pesquisa reforça a necessidade de uma reavaliação pedagógica urgente. Não se chega a 50% da aplicação da lei. Daí que se fez importantíssimo um enfrentamento saudável para propor transformações emergentes que apontam novos horizontes. O que pensar de uma escola no Brasil que ainda não implementa a lei. Isso é ir contra a própria identidade multicultural do país. A partir da valorização da cultura afro-brasileira e do continente africano, educadores e educandos passam a perceber as conexões entre essas culturas, do Brasil à Angola, Moçambique etc. é possível fazer viagens literárias com novas descobertas e se identificar.

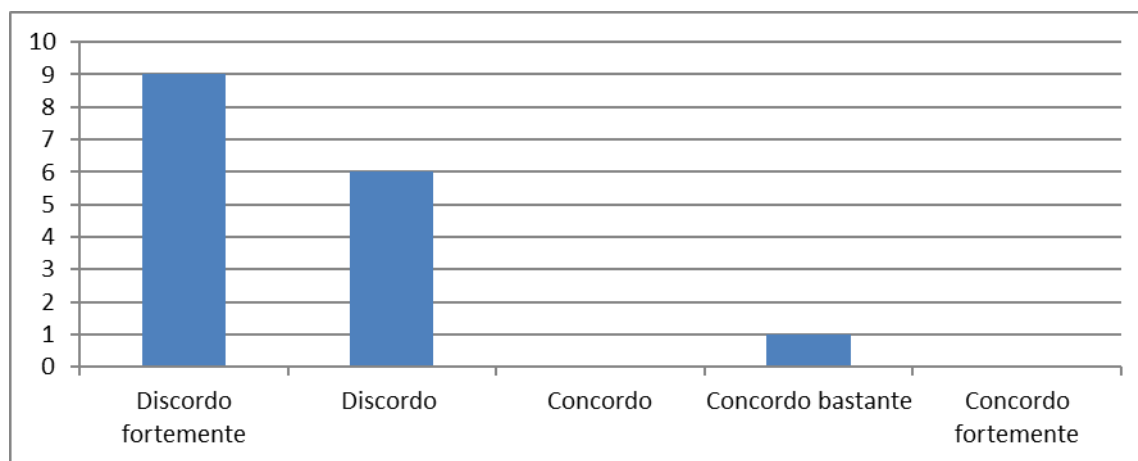


Figura 14 – Perfil de quem só deve lecionar a Cultura Afro-Brasileira

Temos outro confronto de um bom tempo, pois os educadores foram questionados se é apenas da competência dos professores de História e Sociologia, especialmente, tratarem da cultura afro-brasileira. De acordo com os 16 entrevistados, vemos qual é o percentual maior e menor que os professores responderam no questionário: 56,3% discorda fortemente; 37,05% discorda; 6,3% concorda bastante. Vemos aqui um campo de batalha em curso, que está para ser mais acirrado na medida que os educadores assumam o front para mudar esse perfil em Ipojuca, já que o educador graduado em Letras está no maior percentual. Ou seja, discorda intensamente, pois ele deseja que em seu campo de ação possa incluir em suas aulas a cultura afro-brasileira e o continente africano.

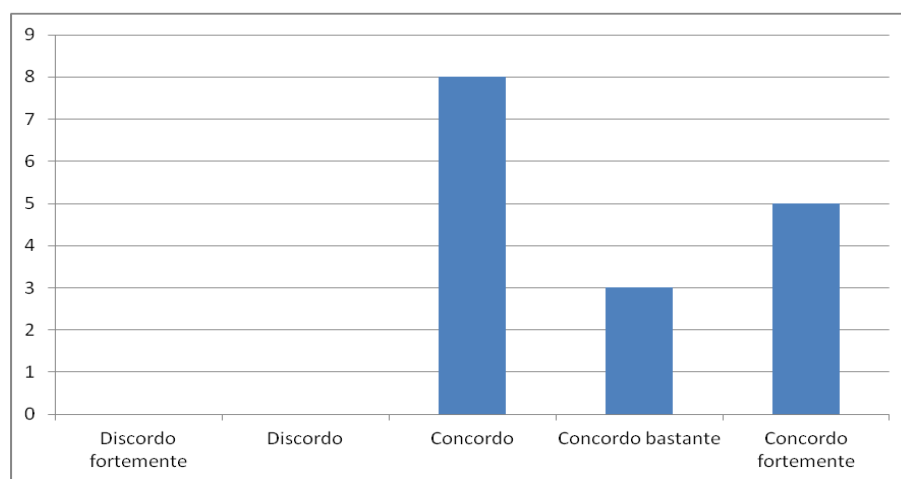


Figura 15 – Professores de outras disciplinas devem abordar a cultura afro-brasileira.

Neste gráfico, temos mais um contraponto. Os educadores de Ipojuca foram questionados se professores que lecionam outras disciplinas, como as ciências sociais e humanas, que ensinam História, Filosofia, Sociologia etc. têm o “dever” de abordar e dialogar sobre a cultura afro-brasileira. Os educadores não titubearam em suas respostas, pois 43,08% concordam que professores de outras disciplinas devem dialogar sobre o tema, já 37,05% concorda fortemente, 18,08% concorda bastante. Diante dos fatos, vemos que os educadores que tem licenciatura em Letras mostram-se flexíveis e seria um contra-senso a sua luta para serem inclusos em abordar o assunto e excluírem os demais que lecionam outras disciplinas.

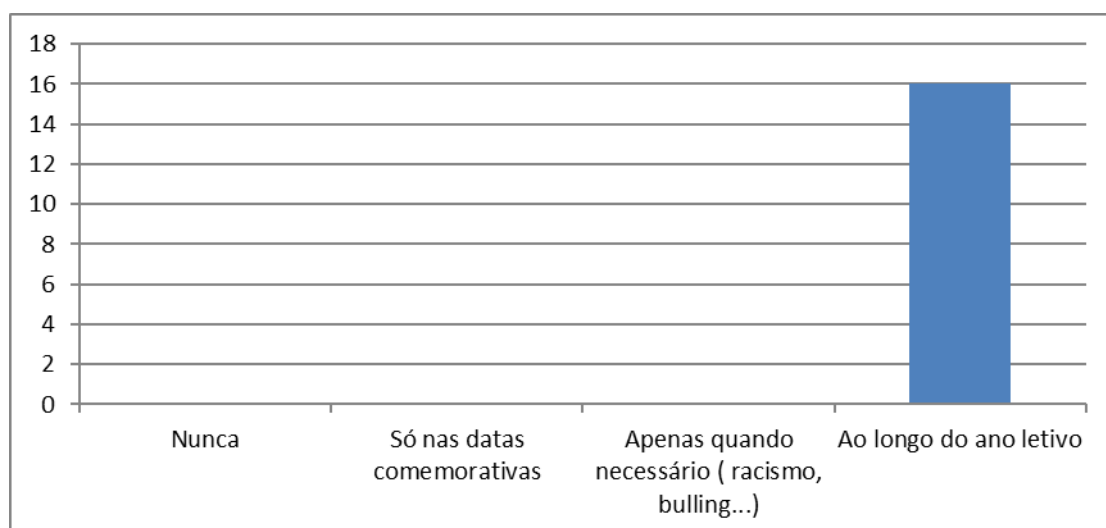


Figura 16 – Perfil de quando deve ser abordada a Cultura Afro-Brasileira.

Nem sempre a unanimidade é “burra”, como dizia o escritor e dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues. Dos 16 educadores entrevistados, 100% declaram que a cultura afro-brasileira deve ser dialogada em todo ano letivo com destaque para as contribuições culturais e intelectuais. Sem mais delongas, é mais que hora do enfrentamento, ou seja, os educadores de Ipojuca precisam revirar o tabuleiro do jogo para a construção do “Admirável Novo Mundo”.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente	Concordo fortemente
Falta de tempo para atualização pedagógica	1	10	2	1	1
Falta de tempo para atualização científica	1	8	4	1	1
Recursos e materiais insuficientes	2	8	3	2	1
Pouco tempo letivo para o cumprimento dos programas curriculares	3	10	0	1	1
Falta de interesses dos estudantes	3	12	0	0	0
Turmas superlotadas	3	8	2	0	1

Quadro 17 – Descrição de qual entrave o educador enfrenta para aplicar a Lei.

O quadro acima nos mostra o percentual dos obstáculos que os educadores dizem enfrentar para aplicar a Lei 10.639/03. Segue abaixo uma tabela para deixar mais claro possível o cenário. Aqui, observe que entre os educadores a discordância é que falta tempo para atualização pedagógica; que não falta tempo para a atualização científica; mais uma vez ganha o oposto, pois que os recursos e os materiais não são insuficientes; e o mesmo se dá com o tempo letivo para o cumprimento dos programas curriculares; a falta de interesses dos estudantes é outro fator que os educadores dizem não preponderar e, por fim, turmas superlotadas. Em síntese, tudo converge para que educadores, educandos e a escola se mobilizem para traçar estratégias pedagógicas na promoção da cultura afro-brasileira e do continente africano.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente	Concordo fortemente
No contexto global, a cultura africana é rica e diversificada	0	1	4	3	7
O continente africano tem pouca importância no cenário global	7	3	4	1	0
Os países africanos têm grande participação na construção do cenário	1	3	4	5	3

global atual

Na esfera nacional, África tem grande importância e influência na formação populacional brasileira

0	3	3	5	4
---	---	---	---	---

África tem grande influência dentro do processo de ensino-aprendizagem das Instituições educacionais brasileiras

1	6	4	2	2
---	---	---	---	---

Quadro 18 – Perfil do entendimento da África para os educadores.

Aqui, é bom observar que muitas interrogações foram buscadas nesse processo do entendimento da África na pesquisa e entre elas estão essas para constatar o seu valor: no contexto global, a cultura africana é rica e diversificada? Entre os 16 entrevistados, 7 concordam fortemente; 3 concordam totalmente; 4 concordam; e 1 discorda.

Nota-se que os educadores reconhecem a cultura africana enquanto rica e diversificada. Como isso, a Lei 10.639, de 2003, que rege a inclusão de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica tem uma força transformadora inimaginável, ou seja, foge ao alcance da compreensão dos que resistem na manutenção do *status quo*, posto que esses docentes de Ipojuca mostram que estão dispostos a quebrarem barreiras para pensar e vivenciar, plenamente, a diversidade cultural, social, racial e econômica no Brasil.

Outra questão foi: o continente africano tem pouca importância no cenário global? 7 discordam totalmente; 3 discordam; 4 concordam e apenas 1 concorda totalmente. Mais uma vez, constatamos aqui um contraponto dos educadores de Ipojuca. O maior percentual discorda de que o continente africano tem pouco valor para o mundo. É uma obviedade, contudo, legítima que o nível de consciência dos professores, diante da responsabilidade, com a educação é a promoção dos saberes a caminho da libertação.

Já outra pergunta foi: os países africanos têm grande participação na construção do cenário global atual? 5 educadores concordam totalmente; 4 concordam; 3 concordam fortemente; 1 discorda totalmente. É com base na realização do questionário que vemos o quanto os educadores têm um papel essencial no ambiente escolar para exercerem um

ensino qualificado no processo de desconstrução dos estigmas e preconceitos. Por meio disso, construindo discussões e debates acerca do tema, dando saltos para o futuro, de modo que a cultura afro-brasileira e africana façam parte do cotidiano escolar.

Mais adiante temos a questão: na esfera nacional, a África tem grande importância e influência na formação populacional brasileira? 4 concordam fortemente; 5 concordam totalmente; 4 concordam e 3 discordam. Percebemos aqui que há percentuais opostos entre os educadores que se aproximam. E isso revela que há uma luta titânica entre eles. Já outra interrogação prática é: a África tem grande influência dentro do processo de ensino-aprendizagem das instituições educacionais brasileiras? 6 discordam; 4 concordam; 2 concordam totalmente e 2 concordam fortemente; 1 discorda totalmente.

Mais uma vez, percebemos que há outro paradoxo, pois os educadores reconhecem o valor do continente africano, mas discordam que o continente tenha expressiva influência, conforme questionada. Talvez, o espaço que o tema ocupa é muito pequeno diante da grandeza que ele tem.

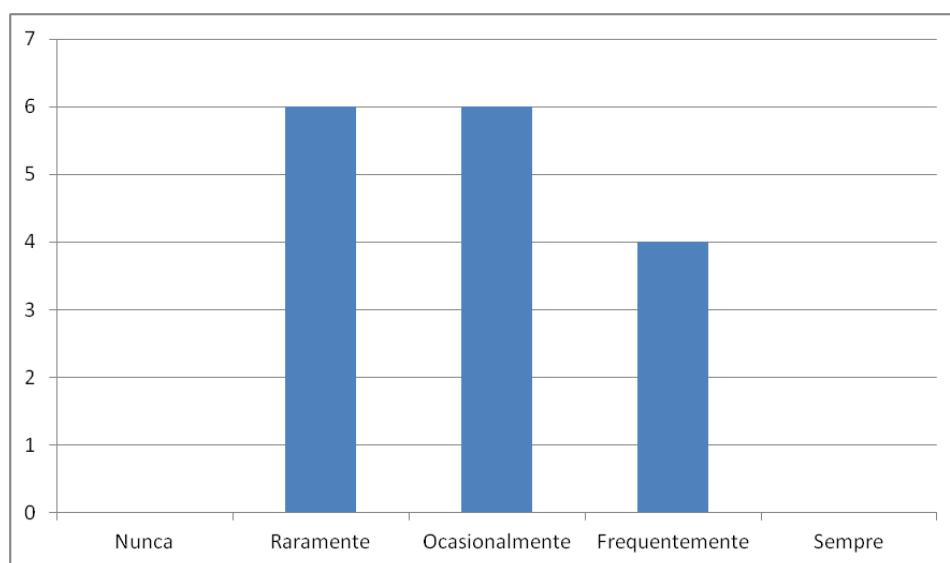


Figura 19 – Autores africanos lusófonos em sala de aula

Os autores africanos lusófonos estão presentes nas atividades desenvolvidas pelos docentes brasileiros? Do total de 15 docentes, 40% respondeu ocasionalmente; 33,03% raramente estão em sala de aula e 26,07% dos docentes frequentemente utilizam autores africanos lusófonos com seus educandos. As questões 18 e 19 nos mostram discrepâncias: como é que a cultura afro-brasileira é pouco aplicada em sala de aula se todos os docentes

acreditam que ela deve ser trabalhada em todo ano letivo? Quais as razões que levam os educadores não conseguirem trabalharem o ano todo essa temática? Para essas perguntas já encontramos respostas nessas duas questões, aqui acima mencionadas.

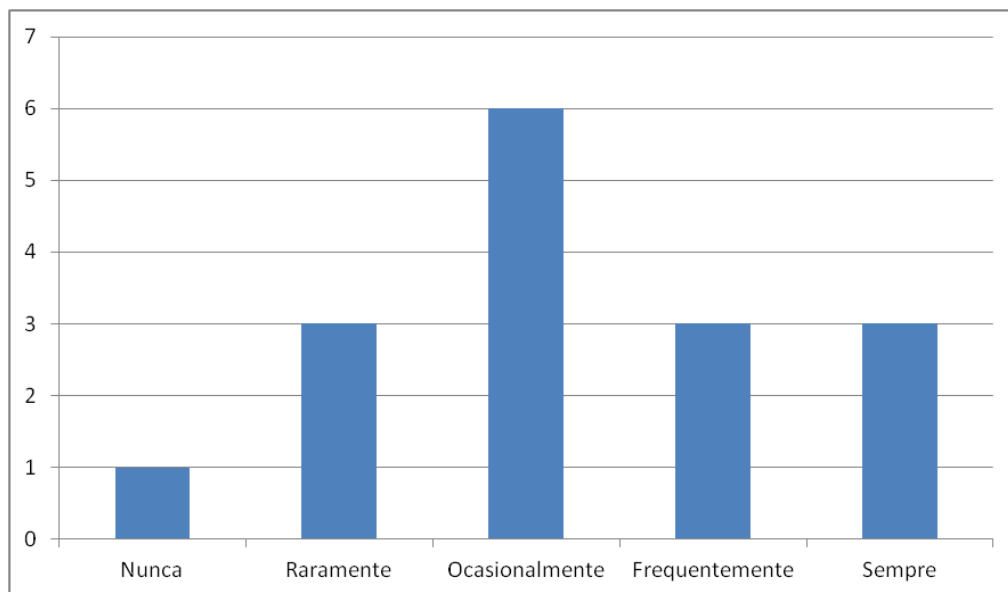


Figura 20 – Perfil do currículo educacional da Escola.

Nessa questão temos: o currículo educacional da escola, onde o educador leciona, contempla de maneira efetiva, a importância da contribuição do povo africano na construção cultural e intelectual brasileiro? 37,05% responderam ocasionalmente; 18,08% raramente; 18,08% frequentemente; 18,08% sempre; 6,03% nunca. Ou seja, não chega nem a 40% a contemplação efetiva. Eis um dado muito preocupante que reafirma a necessidade de transformações.

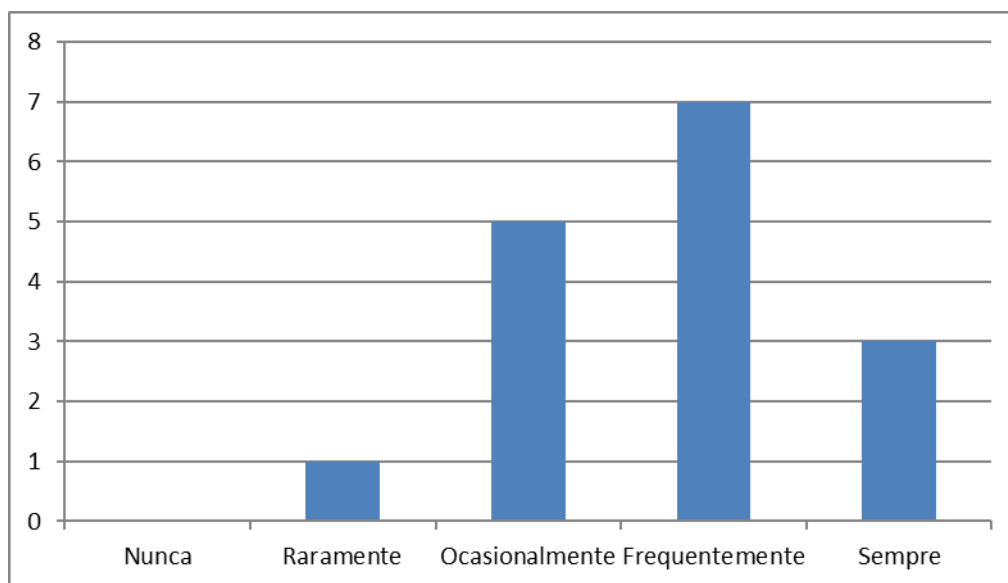


Figura 21 – A cooperação das narrativas de escritores africanos.

Pergunta-se: as narrativas dos escritores africanos cooperam com a formação educacional brasileira? 43,08% dos educadores afirmam que frequentemente; 31,03% diz que ocasionalmente; para 18,08% dos docentes as narrativas sempre cooperam; já para 6,3% raramente auxiliam. Partindo do pressuposto desses dados, os educadores precisam dar sentido ao texto literário, esse raciocínio tem encontro com o que afirma Lajolo sobre a formação do leitor:

É a propósito da literatura que a importância do sentido do texto se manifesta em toda a sua plenitude. E é essa plenitude de sentido que o começo, o meio e o fim de qualquer trabalho com o texto. Todas as atividades escolares das quais o texto participa precisa ter sentido, para que o texto resguarde seu significado maior. (Lajolo, 1993, p. 62).

É aí que o educador com uma boa formação curricular tem como uma das suas principais ações pedagógicas criar sentido e significado sem sair do contexto. Nessa conjuntura, o professor precisa conquistar um ambiente favorável a ele que lhe assegure a perspectiva de atividades escolares em que o texto tenha participação na vida de todas, assim tudo tem importância e sentido, conforme disse Lajolo.

A educação faz com que as identidades socioculturais sejam processadas nas relações interpessoais na busca de sentido, onde cada ser vai descobrindo qual é o seu papel a desempenhar de forma individual e coletiva. É partir disso também que o ser humano vai

se deparando com os desafios e tem os enfrentamentos, por exemplo, com o preconceito social, econômico, racial, étnico e muito mais. A literatura vem contribuir com a cultura afro-brasileira e africana e vice-versa, pois elas exercem transformações justamente nessas batalhas que perduram ainda por um longo tempo, em que a educação tem sua função libertadora – autônoma. O que os educadores ensinam, muitas vezes, vai mais além do que está impresso, eles estimulam no imaginário dos educandos à reconstrução do cotidiano sem crise de sentido.

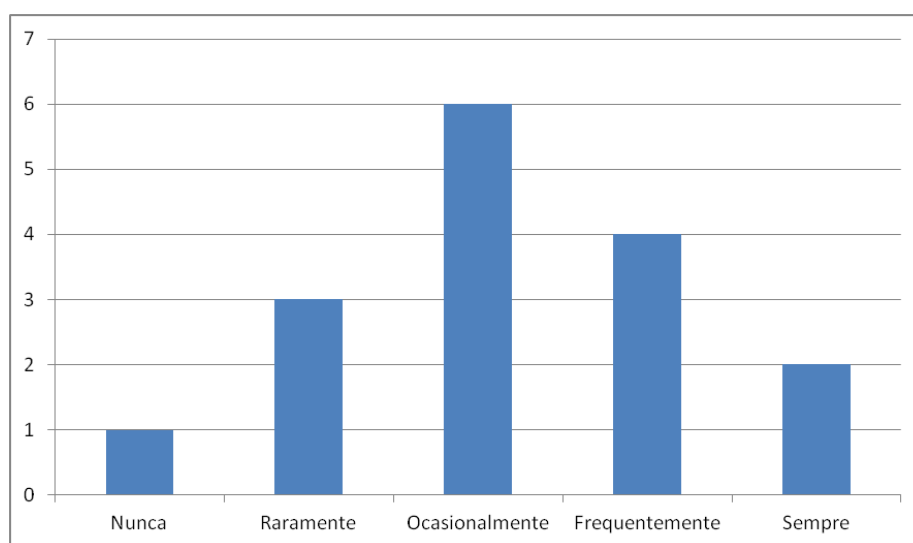


Figura 22 – Perfil do uso da literatura lusófona em sala de aula.

A literatura lusófona é a mais trabalhada nas salas do ensino fundamental dos anos iniciais e finais? 31,03% dos educadores responderam ocasionalmente; 25% dizem frequentemente; outros 25% raramente e o restante, 6,03%, nunca. Com mais essa constatação, podemos considerar que é urgente uma mudança de mentalidade no sistema educacional de Ipojuca. Os educadores precisam perceber que quanto mais eles conquistarem o espaço da literatura lusófona no ano letivo, mais as relações étnico-raciais vão sendo compreendidas e assimiladas e, com isso, indo embora a ignorância e o preconceito entre as culturas. Essa mudança de estrutura tem a ver com a afirmação de Cosson (2006, p. 20) quando diz que:

Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI.

A multiplicidade de textos, a onipresença das imagens e a variedade das manifestações culturais, entre tantas outras características da sociedade contemporânea, são alguns dos argumentos que levam à recusa de um lugar à literatura na escola atual.

Ou seja, para que o ambiente escolar reconheça o valor da literatura, é preciso saber que um novo paradigma da conquista e do cuidado propõe novo comportamento, em que tudo vai sendo feito com firmeza numa base literária sólida, onde os referenciais tragam o conhecimento do que realmente é a cultura afro-brasileira e o continente africano.

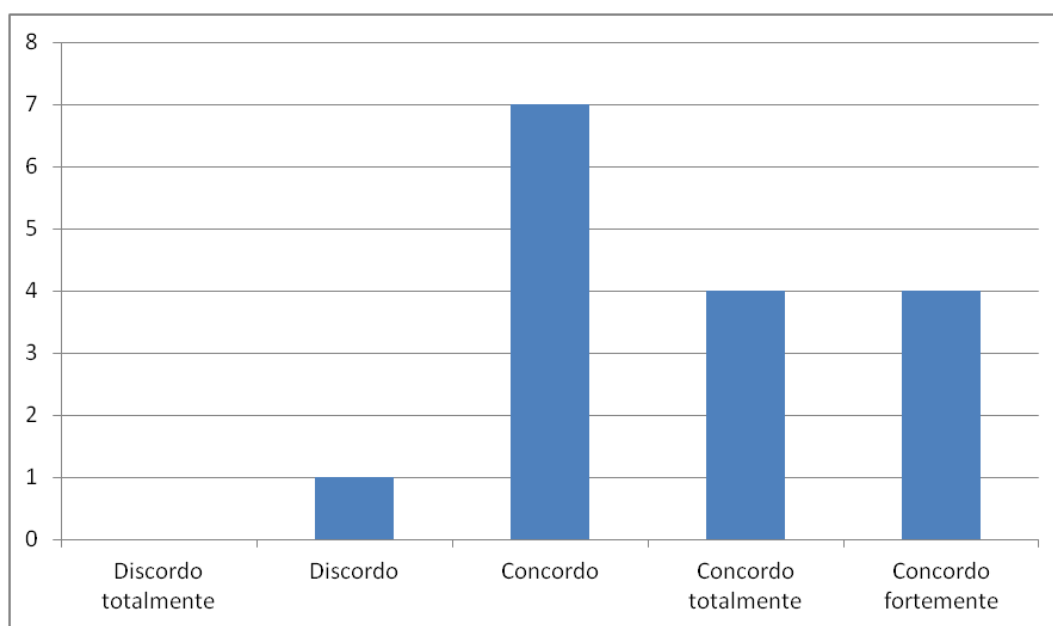


Figura 23 – A literatura africana lusófona constrói novos valores.

Já na penúltima questão, segue a afirmação: a literatura africana (lusófona) no ambiente educacional faz compreender o passado e o presente e constrói novos valores para o futuro. Seguindo o percentual do maior para o menor, do total de 16 educadores que responderam o questionário, 43,08% concordam; 25% concordam totalmente; outros 25% concordam fortemente e 6,3% discordam.

Esses dados nos revelam a dimensão do quanto os educadores tem muito a descobrir sobre a produção literária no tocante ao continente africano. A riqueza de detalhes, as tradições, a oralidade, as religiões, a mística e a espiritualidade, os níveis sócio-culturais, político e histórico etc. tudo isso traz sentido a compreensão e aquisição de novos saberes.

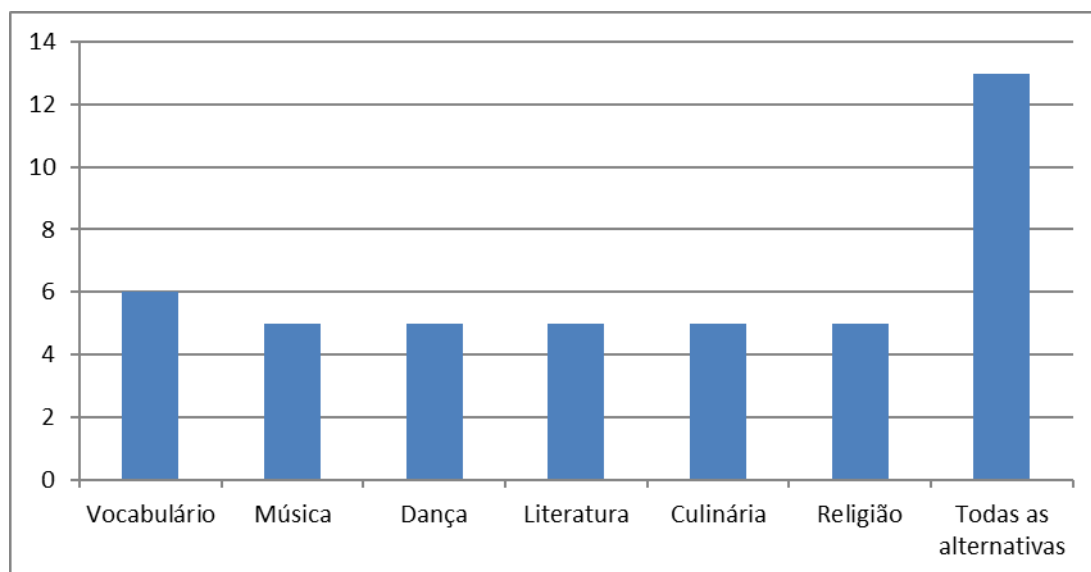


Figura 24 – Educação e Cultura Africana.

Na última questão, se pediu para que os educadores indiquem as interações possíveis entre a educação e a cultura africana no processo de ensino-aprendizagem. Entre os 16 entrevistados, 81,03% marcaram todas as alternativas, que entre elas estão: vocabulário com 37,05%; música com 31,03%; dança com 31,03%; literatura com 31,03%; culinária com 31,03% e religião 31,03%.

Por fim, essa é toda a conjuntura dos educadores entrevistados que fazem parte do sistema educacional de Ipojuca. Chega-se a “conclusão” que há uma longa travessia para percorrer e esta trajetória não pode se dar solitária, mas sim coletiva, onde educadores, educandos e escola unem forças para que o sistema educacional de Ipojuca contemple a cultura afro-brasileira e o continente africano em nome da educação.

3.5 Interpretando os resultados

3.5.1 Aspectos metodológicos e resultados do inquérito por questionário

O currículo referência do Ipojuca tem plena conexão com as perguntas levantadas pelo questionário, é a partir dessas respostas que os docentes seguirão os princípios norteadores para construir uma educação inclusiva, em sintonia com a alteridade, onde se demonstra a capacidade para a diversidade. O tratamento que se oferecer aos dados será a

abertura para o diálogo. E conforme Freire:

O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. (Freire, 1993a, p. 118).

Ou seja, o diálogo proporciona o crescimento individual e coletivo. O diálogo torna possível também que dados coletados se humanizem. É o exercício da fala, da escuta, da divergência e convergência de opiniões, onde os docentes podem debater soluções diante do cenário posto e “aderirem” aos novos modelos de educar sem ignorância e preconceito, mas com esclarecimento.

De acordo com Gil (1999, p. 128), o questionário pode ser conceituado “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Isso caracteriza que as questões trazem a realidade a tona permitindo sua aplicação. Levanta-se hipóteses diante dos fatos e busca-se respostas. A partir delas é feita a leitura e compreensão para legitimar sua utilidade, com base na análise do conteúdo vai se delineando novos rumos dando significado ao que a pesquisadora se propôs. Para Freire, a interação entre pesquisador e pesquisado é um ato educativo:

[...] A pesquisa como um ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares, e como objeto a ser desvelado, a realidade concreta. Quanto mais, em tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando com sujeitos, o ato de conhecimento de si de suas relações com a sua realidade, tanto mais vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando à área para pôr em prática os resultados da pesquisa não estou somente educando ou sendo educado: estou pesquisando outra vez. No sentido aqui descrito pesquisar e educar se identifica em um permanente de dinâmico movimento. (Freire, 1999, p. 35).

Paulo Freire aplicava a pesquisa-ação na educação popular, com o intuito de transformar a sociedade, por meio de estudos políticos e críticos. Nota-se também a importância de revelar as relações que envolvem as pesquisas, os questionários, os diversos métodos científicos para o levantamento de problemas acerca da natureza do estudo em comunicação com as diversas áreas do conhecimento que tenham nexos a tese abordada. Há

uma constante busca para se aproximar das pessoas envolvidas e apresentar propostas de estudo do caso. De acordo com Appolinário (2011, p. 146), a pesquisa aplicada tem o objetivo de “resolver problemas ou necessidades concretas e imediatas”.

É realizado o processamento, a interpretação e a análise dos dados com os seus objetivos para fortalecer os questionamentos levantados propondo reflexões, soluções, orientações etc. tudo isso vira informações ordenadas e nítidas para a consecução das decisões que serão dadas, com argumentação e lógica bem fundamentadas na educação.

É claro que cada questão, como já foi explicado, segue uma unidade, uma lógica. É a partir da prática pedagógica, como educadora e conhecedora, dentro de suas limitações, que a pesquisadora construiu o questionário, ou seja, com base no que vivencia em sala de aula, no sistema educacional de Ipojuca. Marconi e Lakatos (2010) mostram quais são os princípios norteadores na construção das entrevistas:

- Planejamento da entrevista, considerando-se o propósito do estudo.
- Conhecimento antecipado do entrevistado
- Agendamento da entrevista, onde tem as melhores condições para sua realização
- Focar atores sociais que são peças chave no grupo
- Conhecer a realidade investigada
- Organização prévia das questões e da forma de execução da entrevista

Esse processo possibilita saber quais sujeitos serão entrevistados, o cenário, o comportamento social do grupo etc. para Gil (1999), é indispensável clareza na elaboração de perguntas:

- a) as perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa;
- b) deve-se levar em consideração o sistema de preferência do interrogado, bem como o seu nível de informação;
- c) a pergunta deve possibilitar uma única interpretação;
- d) a pergunta não deve sugerir respostas;
- e) as perguntas devem referir-se a uma única ideia de cada vez.

As entrevistas são elaboradas através de um roteiro, cujo um dos objetivos é ter facilidade na busca de informações para posteriormente utilizá-las na ordem que se apresentam para permitir ao pesquisador mais segurança no que se propôs a pesquisar. Sua estrutura exige um raciocínio lógico e intelectual precioso que se desenvolve à medida que vai tomando forma, ou seja, corpo. Outro fator é que o número de questões deve obedecer

uma quantidade harmônica para que atenda ao que é pesquisado. Nem sempre é fácil, mas tenta-se alcançar uma expressiva quantidade de questões, entretanto sem chegar ao excesso, conforme falado, para ter respostas necessárias ao que foi formulado. As entrevistas com suas técnicas para ter dados possibilitam que a “investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (Marconi & Lakatos, 2010, p. 178).

O questionário possui valores quantitativos onde os docentes tem a oportunidade de, com clareza e objetividade, responder sobre a conjuntura do sistema educacional do Ipojuca, quanto ao ensino da cultura afro-brasileira e a africana, respondendo se “concordam”, “discordam”, “concordam bastante”, “discordam totalmente”, ou seja, os educadores podem quantificar o cenário em que eles atuam. Outras questões dão as opções de responder o grau de suas afirmativas, com “nunca”, “raramente”, “ocasionalmente”, “frequentemente” e “sempre”.

Foi posta, inicialmente, a mensuração do perfil por idade numa simples, concisa e objetiva pergunta a qual nos mostra que entre os 16 educadores entrevistados, o maior número de professores está entre os 35-39 anos de idade, ou seja, 31,03% dos docentes já estão na maturidade, enquanto entre os 30-34 anos é de 25%; entre 35-39 anos é de 12,05%; entre 45-49 anos é de 12,05% entre 50-54; também entre 55-59 anos é de 12,05%. A coleta desses dados nos servem para aplicar estratégias pedagógicas que se alinhem com a dinâmica do grupo escolar.

A segunda questão é bastante objetiva e deseja identificar qual é o maior número de gênero (masculino/feminino) que leciona no sistema educacional de Ipojuca. Entre as 16 respostas, temos nas faixas etárias relatadas acima, a presença feminina, com 81,03%. Equanto isso, apenas 18,08% desses entrevistados são homens. Informações como essas, aliadas às anteriores e posteriores, são como um jogo de quebra-cabeça em que o cenário vai se construindo à medida em que as peças (perguntas e respostas) vão tomando forma para a percepção e compreensão dos educadores em sua totalidade.

Nesse quebra-cabeça, na terceira questão, temos também a formação acadêmica, que entre os 16 entrevistados, apenas uma pergunta foi feita, com duas opções de respostas, obedecendo a lógica para ir vislumbrando o quadro que nos está sendo revelado. Eis a questão: qual a sua formação acadêmica? 62,05% dos educadores tem licenciatura em Letras e 37,05% dos educadores tem licenciatura em Pedagogia. Esse dado mostra que os

educadores licenciados em Letras dominam a área de atuação e é em número maior do sexo feminino. Contudo, esse fator releva também um entrave, pois os educadores licenciados em Letras e Pedagogia não podem ensinar, pela Lei, a cultura afro-brasileira e africana em sala de aula. Essa é uma peça de grande luta entre os educadores que desejam exercer a liberdade de ensinar as diversas culturas para seus educandos.

Já na quarta questão, vemos que é a sequência da terceira, quando se pergunta: qual seu nível acadêmico? Os 16 educadores têm 5 opções de respostas e constata-se que 75% deles tem Pós-graduação; e 25% com Mestrado. Seguindo a linha do tempo: os educadores têm margem maior entre 35-39 anos de idade, ou seja, 31,03% dos docentes já estão na maturidade, como dito; muito mais de 50% deles são mulheres; a maioria tem licenciatura em Letras e o restante em Pedagogia; 75% do total tem Pós-graduação e o restante com Mestrado, conforme respondido.

Já na quinta questão, temos uma pergunta fundamental aos educadores para tornar a base dessa pesquisa mais consistente: qual o tempo de serviço? Essa é uma informação importantíssima, porque expõe a experiência dos docentes como suas potencialidades. Entre os 16 entrevistados, como de praxe, 43,08% deles tem de 10-14 anos de tempo de serviço. Já os 30-34 anos de tempo de serviço fica com 25% dos educadores. Outros docentes têm 15-19 anos de serviço, que fica em 12,05% e outros 12,05% entre 30-34 anos.

O restante com 20-24 anos de serviço. Tudo isso serve de indicadores para ter como bússula na educação e de como e as quais decisões serão tomadas, diante da experiência, da idade, da formação, da Pós-graduação, do Mestrado e de muito mais para conseguirem realizar transformações necessárias para a prática da lei, onde rege que a cultura afro-brasileira e africana sejam inclusas no sistema escolar de Ipojuca, de forma pragmática, em sala de aula.

Na sexta questão: qual a escola onde leciono atualmente? Os 16 educadores tiveram 3 opções para responderem: pública, privada, ambos. Mais um dado coletado que é de enorme valor, destes educadores com sua vasta experiência, 87,05% ensinam na escola pública e 6,03% em ambas. Esse é um fator de uma relevância transformadora, pois mostra que esses educadores habilitados têm papel fundamental na formação e na educação do ensino público. Outro dado é que um percentual menor exerce suas funções no ensino público e privado por variadas razões e, com isso, excedendo sua carga horária de trabalho, provocando exaustão, excesso de trabalho, *déficit* de atenção, prejudicando sua capacidade

intelectual etc. tudo isso precisa ser levando em conta, já que todos esses fatores contribuem ou prejudicam o desempenho do educador, e consequentemente dos educandos e da educação.

Agora, na sétima questão, começa a ser mais crucial e dar início para saber qual a origem dos escritores mais trabalhados, segue a questão: indique o continente de nascimento dos escritores que você mais trabalha em sala de aula. Os educadores tiveram 7 opções para responder: Ásia, Europa, América do Norte, América do Sul, América Central, Oceânia, África. Conforme já previsível, 56,03% dos docentes trabalham mais com escritores nascidos na América do Sul. 31,03% Europa; 6,03% África; e a restante América do Norte.

Observamos que esses docentes usam muito pouco em sala de aula os escritores do continente africano. Diante disso, torna-se difícil uma mudança de mentalidade frente à ignorância e pouquíssimo acesso aos escritores africanos (lusófonos). Pois, é através do educador que seus educandos terão contato, em sala de aula, com escritores que se originam dos diversos continentes.

Daqui por diante, as perguntas vão caminhando ao centro da questão e na oitava pergunta segue: você conhece obras de escritores africanos? Sim ou não? 68,08% dos educadores responderam que sim, 31,03% que não. Identificamos aqui mais uma esperança por saber que mais de 50% dos 16 docentes entrevistados conhecem obras de escritores africanos. É de se levantar a hipótese que esses professores já leram obras de escritores desse continente. Isso é um dado favorável para criar um ambiente de diálogos onde esses possam expor suas experiências com a literatura africana.

Cada vez mais, as perguntas vão ficando específicas, como podemos ver na nona questão levantada para os educadores: Quantas obras de escritores africanos você já leu? Dos 16 docentes, 56,03% leram entre 1 a 3 obras; 18% nunca leram; 12,05% leram acima de 10 obras e o restante de 3 a 6 livros. Com isso temos um percentual expressivo que leem entre 1 a 3 livros, mas preciso criar um terreno fértil para a leitura de obras de escritores africanos, pois 18,08% ainda nunca leram. Esse panorama fornece mais segurança para os educadores inserirem a literatura africana em sala de aula, visto que as respostas obtidas ao longo do questionário são as peças do quebra-cabeças que estão sendo montadas para ter uma visão global e, daí por diante, os educadores possam tomar suas decisões sob o signo da pedagogia da autonomia.

Na décima questão tomamos conhecimento de quais são as importantes obras que os

educadores de Ipojuca aplicam em sala de aula. Segue a alternativa: indique as principais obras de escritores africanos de língua portuguesa, que estão presentes nas atividades por si desenvolvidas em sala de aula. Esses educadores indicaram:

- Terra Sonâmbula, Mia Couto, de Moçambique, com 53,08% de leitura;
- O vendedor de passados, José Eduardo Agualusa, de Angola, com 23,10%;
- Luanda, Luandino Vieira, de Angola, com 23,01%;
- Os filhos da pátria, João Melo, com 15,04%;
- O testamento Sr. Napomuceno, Germano Almeida, do Cabo Verde, com 7,7%;
- Balada de amor ao vento, Paulina Chiziane, de Moçambique, com 7,7%;
- A louca de Serrano, Dina Salústio, do Cabo Verde, com 7,7%;
- Bom dia camaradas, Ondjaki, de Angola, com 7,7%.

Das 16 pessoas entrevistadas, 5 delas declararam mais de um livro e 3 não responderam. Conforme vemos, os educadores já têm inserido a literatura de escritores africanos em sala de aula, mesmo que em número ainda muito incipiente, esses dados servem de apoio para aumentar o número de obras e a qualidade da leitura em sala de aula. É indispensável estudar e debater o tema, pois diversas áreas de estudo se conectam com esses saberes. Por este caminho, também, que vai se compreendendo o conceito de cultura, tendo contato com a evolução histórica dos grupos de um tema bem estimulante e complexo. E aqui, sem vulgarizar a palavra, tem o conceito de cultura e sua “impermanência”:

A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta. (Clifford Geertz, 1978, p. 20).

Por isso, colocar em diálogo na escola essa temática, em que cada área lança seu olhar com suas especificidades, pode ocasionar uma convergência de ideias, no nível individual e coletivo, com as práticas pedagógicas, construindo forças para congregar novos comportamentos e costumes e isso leva um bom tempo. É preciso pesquisar mais e mais o contexto da relação entre a literatura africana e o sistema educacional de Ipojuca, com esses dados já revelados, porque dá direcionamento a quais práticas serão eficazes para a mudança de hábitos.

A palavra pesquisa provém do latim, “*perquirere* que significa perquirir, buscar com

cuidado, informar-se de” (Silva, 2004, p. 1038). Ou seja, é justamente nesse conceito que aqui se tenta exercitar. Na língua portuguesa a pesquisa é compreendida como “ação de pesquisar, busca, investigação; trabalho científico que registra os resultados de uma investigação” (Borba, 2004, p. 1.067).

Tudo isso possibilita o debate onde todos possam pensar sobre suas práticas pedagógicas e quais as consequências e, assim, descortinando normas ultrapassadas que resultam na falta de interesse pelo conhecimento, pelo exercício da cidadania, pelas diversas culturas e, especialmente, no caso aqui, pela descoberta através da investigação pela cultura afro-brasileira e africana. Dado isso, conforme já visto neste trabalho, as questões seguem aprofundando mais adiante, que totalizam 24 questões.

É a partir dessa problemática de pesquisa no sistema educacional de Ipojuca que muitas conquistas podem emergir no contexto dos educadores e educandos, pela situação-problema, há de vir soluções para que uma educação inclusiva faça parte do cotidiano escolar, de forma crítica e autônoma.

3.5.2 Processo de ensino-aprendizagem

A escola tem o papel representativo de transmissão do conhecimento e formadora de cidadãos. É um ambiente propício para socialização, o contato com as culturas, os diversos saberes. A escola é uma instituição social onde o processo de ensino-aprendizagem “não” tem interrupções. Pode-se ter intervalos, que se tenha a impressão do bloqueio do conhecimento. Aí, leva-se em conta a objetividade e subjetividade do contexto educador e educando, educando e educador (escola). O compartilhamento de conhecimentos relevantes a desfazer representações negativas a respeito da cultura afro-brasileira e africana.

No Brasil, permanece no senso comum a visão do negro sempre associada apenas à escravidão. As relações étnico-raciais se dão muito nesse contexto por terem sido assimiladas a partir da signo da ignorância e do preconceito. No processo de ensino-aprendizagem na escola abre as possibilidades de desconstrução do estigma que foi realizado ao longo do tempo através da literatura afro-brasileira e africana. É na educação literária que os povos vão tendo contato sobre outros povos no modo de falar, de agir, de comer, de sentir etc. há uma vasta literatura que traz as riquezas culturais afro-brasileiras e africana. É no processo de ensino-aprendizagem que se exercita a leitura sobre questões

culturais, sociais, políticas, históricas, comportamentais etc.

O educador tem seu protagonismo como mediador das informações onde provoca a reflexão e o contínuo exercício do saber pensar e agir, sob a bússola da ética pedagógica que possibilita o encontro com a autonomia através do aprendizado. É pela cultura que também se constrói o nosso modo de ver e interpretar o mundo. Aspectos físicos, biológicos, temperamentais fazem parte desse simbolismo presente na diversidade e, com base no currículo referência de Ipojuca, que tem a inclusão como item pedagógico, que pode incluir-se discussões entorno do tema, busca por mais conhecimento, estímulo à pesquisa, jogos lúdicos, projetos temáticos, seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais, em que a pluralidade cultural está inserida.

É no processo de ensino-aprendizagem que se dá as experiências ricas em debates, entendimento do passado para se compreender o presente conduzindo ao um futuro mais promissor, a partir dos questionamentos onde as histórias do ensinar e aprender são pensadas e repensadas, sob o signo dos reais valores culturais da história da cultura afro-brasileira e africana. E aqui, pela literatura, tem boas fontes históricas para novas construções étnico-raciais onde prevalece o respeito aos saberes, a alteridade, a cor, a raça, as crenças etc. percebe-se, na atualidade, um descompasso diante da emergência das rupturas sociais que vem acontecendo.

Na área da educação e na escola, esse limiar do paradigma da conquista e do cuidado, “exige” uma modificação de pensamento sobre ela e, conseqüentemente, de ação. Uma escola reflexiva é a que na atividade do ensino-aprendizagem provoca a reflexão. A escola é um lugar de transformação de pensamento, emoções, planejamento, projetos, ações cidadãos etc. O ensino-aprendizagem é um processo que parte da premissa da multiplicidade de caminhos do conhecimento, porque é uma via de mão-dupla, pois encontramos o sentimento de inovação presente nos educadores, educandos e na escola.

O processo de ensino-aprendizagem também tem como característica indispensável a criação de um ambiente escolar harmônico para que cada um possa desenvolver suas potencialidades, com espírito de fraternidade, onde vai se vivenciando experiências de prazer com o conhecimento, com a diversidade cultural, no signo da inclusão, da transformação do ser humano para melhor em sua integralidade. De acordo com Freire (2001, p. 53), a curiosidade é transformadora e incita à busca por respostas:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos.

É nessa perspectiva de Freire que o ensino-aprendizagem passa a ser reflexivo, crítico e permanente. Seu pensamento surgiu da pragmática da formação continuada de educadores e educandos, além de ser bem atual para o exercício da docência e discência nos tempos modernos, onde ainda os educadores identificam muitas resistências à inquietação indagadora, na busca por conhecimento qualificado e boa formação.

3.5.3 Documentos estruturadores

A partir de todo esse trajeto já escrito aqui, é que se pode ter em mãos os documentos estruturadores. Eles vão se construindo no momento em que inicia-se a concepção do questionário, dos gráficos, das informações coletadas, das citações e referências bibliográficas da composição desse trabalho. Esses dados nos servem de baliza, de bússola, para alcançar objetivos e metas traçados no plano pedagógico. Por exemplo, agora que podemos contar com dados concretos, a partir das respostas dos educadores de Ipojuca. Nota-se que 68,08% desses educadores conhecem obras de escritores africanos e 31,03% não. Percebe-se também que entre os principais livros de escritores de língua portuguesa nas atividades aplicadas em sala de aula, estão: “Terra Sonâmbula”, com 53,08% de leitura; “O vendedor de passados”, com 23,10%; “Luanda”, com 23,01%; entre outros que já foram listados neste trabalho.

Outro dado importantíssimo que faz parte desta composição, para os documentos estruturadores, são as possíveis interações, no processo de ensino-aprendizagem, que os educadores percebem maior uso com a educação e a cultura africana, em sala de aula, pois, entre elas estão: o vocabulário, com 37,05%; a música com 31,03%; a dança com 31,03%; a literatura com 31,03%; a culinária com 31,03% e a religião com 31,03%. Mais outro registro que merece muita atenção é que, nessa questão, entre os 16 entrevistados, 81,03% marcaram todas as opções. Essa amostra revela quais caminhos os educadores, com diálogo, podem seguir para alçar voos mais seguros no desafio pedagógico.

Outra amostra que temos em mãos é o local onde os educadores ensinam. 87,05%

deles lecionam em escola pública e 6,03% na pública e privada, ou seja, exercem suas funções com carga horária extenuantes e isso são fatores que levam a um baixo desempenho, a exposição de acidente do trabalho, exaustão física e intelectual (ver figura 24). É diante desses dados que os educadores de Ipojuca podem ter mais certeza do que propor para melhoria do programa curricular, avaliando metas curriculares do ensino básico, os manuais, quais os ganhos que os educadores tem ao fazerem cursos de capacitação, se os conteúdos estão pertinentes com a inclusão etc.

É preciso observar e pensar conjuntamente todos os dados coletados e, em momento posterior, decidirem pedagogicamente quais práticas serão tomadas, pois quando se tratou em questionar os educadores de Ipojuca se a literatura africana (lusófona) faz entender o passado e o presente e se constrói novos valores na formação dos educandos (ver figura 23). Assim, vamos sabendo de como é a conjuntura atual. É a partir desses elementos que se pode organizar um planejamento estratégico com a prática, em sala de aula, do ensino da cultura afro-brasileira e africana.

Quanto à qualificação desses educadores, o questionário mostrou que eles têm formação além da graduação. Isso é mais um suporte para aplicar os fundamentos pedagógicos e tentar diminuir esse abismo que existe no sistema educacional de Ipojuca, com o exercício da lei.

3.5.4 Exercício da profissão docente

O exercício da profissão docente é uma “missão” no sentido de realizar práticas educativas pela liberdade de pensar, refletir e agir, de sonhar utopicamente, conforme diz Freire na sua obra “Pedagogia da Autonomia”:

É nesse sentido que reinsisto em que formar é puramente mais do que treinar o educando no desempenho de destrezas, e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse com tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. (1996, p. 6).

Exercer a profissão de docente é desenvolver essa capacidade crítica permanente contra a perversidade – neoliberal – em que essa ideologia sepulcral repudia o sonho e a utopia, pois, o docente provoca no educando a descoberta de suas aptidões, de suas

potencialidades, o educador está consciente que o educando não é para ser adestrado, como mero reprodutor de informações, mas sim, abordado enquanto um ser humano apto a adquirir novos conhecimentos e a partir de então pensar e refletir sobre eles, individualmente ou em grupo na medida em que vai conquistando o discernimento para chegar a sua fase de saber caminhar “sozinho”.

É isso que o exercício da profissão docente oferece – a Pedagogia da Autonomia e a Pedagogia da Esperança. Essa ação acontece através do paradigma da conquista e do cuidado. Exercer a profissão docente é cuidar do conhecimento com a ética pedagógica, trabalhando a consciência cidadã no educando, discutindo ideias, valores, debatendo saberes, tentando compreender o passado e o presente para se construir coletivamente um mundo melhor, mais fraterno, despido da ignorância e do preconceito, em celebração às diversas culturas, à magia de ser humano, com suas singularidades e pluralidades. E assim despertando no educando o movimento de partícipe da sua história, e de contribuir para o crescimento do outro, vice-versa.

Exercer a profissão de docente vai muito mais além do visível. É estar desperto para o “invisível”, pois o docente cultiva diariamente em sua profissão a habilidade de aprender a ler o que não está óbvio, utiliza da sua intuição como aliada, diante das suas demandas com o educando, orientando para o encontro com a liberdade e a autonomia.

Procurar conhecer a realidade e que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente podemos perceber o que sabem e como sabem. (1997, p. 53).

Aqui vemos, em Freire, mais um importantíssimo exercício da prática docente: saber qual é a realidade dos educandos. O educador precisa estar consciente que saber ouvir é uma arte que “exige” sensibilidade para se ter acesso ao que os estudantes pensam, sabem etc. Daí, o compromisso ético do educador está vivo quando essa percepção está receptiva para aprender com o diferente, o oposto, o singular e o plural. É dessa forma que se constroem diálogos, permite a criatividade e autonomia, se norteia pelos saberes da inclusão. E eis aqui, dentre tantos outros, alguns fundamentos do exercício da profissão de docente.

O educador faz com que se possa entender que as culturas têm suas peculiaridades nascidas de momentos históricos, em que os povos são participantes da existência delas, com sua historicidade étnica/racial, compartilhando seus saberes de variadas formas. É com

diálogo que as diferenças são incluídas democraticamente. No diálogo se dá um enfrentamento saudável, em que as alterações de opiniões não se dão com intolerância à divergência. O diálogo é o “palco” para “espetáculo” da alteridade. Diante disso, Freire (2008, p. 198) esclarece em sua fala: “O aprendizado, afinal, de que, numa nova prática democrática, é possível ir ampliando os espaços para os pactos entre as classes e ir consolidando o diálogo entre diferentes. Vale dizer, ir aprofundando-se as posições radicais e superando-se as sectárias”. É no diálogo entre os diferentes que novos horizontes se ampliam. O exercício da profissão docente faz o convite à reflexão sobre o o que é cultura afro-brasileira e africana, levando-se em conta toda a história sociocultural dos povos, em que educar é orientar a compreender o passado, o presente e construir o futuro mais ético e humanizado.

Considerações finais

Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e me imobiliza. Sou professor a favor da boniteza da minha própria prática, boniteza que ela some se eu não cuido de saber o que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre risco de se amofinar e de não já te ro testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar. (Freire, 1993, p. 103).

É se orientando nessa prática docência que Paulo Freire nos traz o sentimento de esperança na atividade diária com a educação. O educador imbuído do compromisso ético com a educação nunca deixa o seu encanto pela profissão. Nessa observação, também, buscar-se desenvolver em sala de aula (na escola) a relevância que os principais autores africanos lusófonos, que abordam diversos temas, como por exemplo, os conflitos políticos, culturais, do discurso e da linguagem, da ideologia e da sociedade etc. tragam suas contribuições à cultura afro-brasileira e africana na formação educacional brasileira e também se desfaça os nós da ignorância e do preconceito.

Entre muitos questionamentos nesse trabalho, tentou-se contemplar respostas sobre, por exemplo, quais as principais obras de escritores africanos estão presentes nas atividades desenvolvidas em sala; se a África está presente nos conteúdos aplicados; o que os alunos devem saber nos conteúdos de conhecimento disciplinar estruturado, indispensáveis, articulados conceitualmente, relevantes e significativos sobre a cultura afro-brasileira e africana; os processos para adquirir esses conhecimentos necessários para aprender, se fundamentou em quais escritores africanos; de que forma são percebidas pelos alunos; como ocorre o processo de interação entre professores e alunos etc. tudo isso tendo como referencial as aprendizagens essenciais da tríade de elementos – conhecimentos, capacidades e atitudes – no decorrer da progressão curricular, a partir dos desdobramentos possíveis, é que também levantam essas questões.

Ser docente é estar disposto a aprender a história da educação – a educação comparada, a educação colonial, o seu desenvolvimento, a história das organizações escolares, a formação de professores, saber ouvir histórias de vida, ou seja, a educação histórica, entre outros temas que podem suscitar questões e encontrar respostas na área de

atuação, na ciências da educação, correlacionada a outras áreas que se comunicam com estas.

Tentar entender o processo de formação global através da cultura africana possibilita um nível de entendimento policultural da história contemporânea e assim passando a compreender quais são as ligações com a cultura afro-brasileira, vice-versa. Com isso, dá-se a descoberta da identidade, da diversidade, e acolhimento da alteridade, eis porque as relações interpessoais partem do ensino-aprendizagem fundamentados na formação educacional, onde essas culturas também são protagonistas na escola e em sala de aula – nas atividades pedagógicas, curriculares.

Esses temas também trazem suas contribuições para a diminuição da violência, em suas variadas formas, pois a inclusão das questões culturais e históricas da cultura afro-brasileira e africana é um ato de democracia, de reconhecimento da cultura dos povos e isso deve transitar no currículo escolar. Em sintonia com isso, é indispensável que os educadores que tenham licenciatura em Letras e licenciatura em Pedagogia estejam autorizados e exerçam plena autonomia para abordar esses temas em suas disciplinas, pois, conforme foi afirmado, eles têm aptidão e vontade para isso e podem colaborar muito mais com a cultura afro-brasileira e africana – com a educação.

A educação é um “vetor” transformador quando se depara com a discriminação cultural, racial, sócio-econômica e religiosa. O processo de ensino-aprendizagem tem justamente em uma das suas funções despertar o ser humano, através do conhecimento, para a compreensão do seu passado e presente histórico. Sem isso, perdura a violência e a intolerância em suas várias facetas. Para a concretização disso, é preciso sabedoria, seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais – vol.10 – Pluralidade cultural e orientação sexual:

O discernimento é indispensável, de maneira particular quando ocorrem situações de discriminação no cotidiano da Escola... A problemática que envolve a discriminação étnica, cultural e religiosa, ao invés de se manter em uma zona de sombra que leva à ambigüidade nas falas e atitudes, alimentando com isso o preconceito, pode ser trazida à luz, como elemento de aprendizagem e crescimento do grupo escolar como um todo.

É pautado nas bases da educação com uma boa orientação pedagógica, que o ensino-aprendizagem traz à consciência de educadores e educandos o discernimento. Através da educação que é desconstruído o mito da “democracia racial” e, com o tempo, as relações

étnico-raciais se dão com crescimento individualmente ou em grupo. Sem mais delongas, como diz Freire: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (Freire, 1980b, p. 69).

Foi a partir da educação que se conseguiu trilhar o itinerário desse trabalho com o – enquadramento teórico e institucional: a cultura afro-brasileira e africana: atuação dos professores; os professores e suas buscas pela autonomia; os educadores, a educação e a África como caminho; os escritores africanos lusófonos que cooperam com o mundo etc. adiante, segue o enquadramento empírico, com o processo de elaboração do questionário, a sua aplicação etc.

Tudo isso que auxiliou na formatação do questionário tem como entre seus principais objetivos, adicionar ao currículo referência de Ipojuca mais elementos que possam contribuir para a educação do município. Aliado a isso, com novas práticas pedagógicas que celebrem o diálogo, o espírito de fraternidade com o diferente, o prazer por aprender a ler literatura, em seus variados gêneros literários e, aqui, em “especial”, a literatura africana lusófona, que tem sua contribuição reconhecida mundialmente.

Ciente das limitações que cada um de nós temos, sabemos que há muito mais para se descobrir e fazer, pois, talvez, sempre haverá um déficit informacional nas diversas áreas do conhecimento humano e, por isso, é preciso o despertar do espírito para o senso-percepção dos saberes, como disse Paulo Freire (1987, p. 68) : "Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes". Os educadores enfrentam desafios hercúleos na escola. Criar a cultura de hábitos saudáveis nem sempre é tão fácil quanto muitos, precipidamente, possa imaginar. Devem-se ser quais fatores levam, não só os educandos, quanto à escola e o ensino no Brasil, à resistirem em conhecer mais a sua história – a cultura afro-brasileira e africana.

Os educadores têm em vista um trabalho diário e coletivo, e isso diz respeito a eleição da metodologia pedagógica, análise, (auto) avaliação, com o fomento de discussões sobre seus trabalhos em grupo e individual e, assim, evitando a supremacia da violência no território da consciência. Suas escolhas estão alicerçadas não só na capacitação das potencialidades e nas técnicas aplicadas, mas conforme dito, no compartilhamento das vivências de cada um, da história de vida de todos. É aí que se dá a aceitação da consciência de classe, da intuição que o educador desenvolve nessa experiência de trocas de valores

incomensuráveis, simbólicos. Tudo isso é crucial para a realização das metas e objetivos que foram traçados e em sua essência está um diálogo democrático para a formação dos grupos, para o sentimento de comprometimento com a educação de si e dos outros.

Outro cenário é que uma expressiva parte de docentes são mulheres e sua maioria (homens e mulheres) lecionam no ensino público e privado, outra parcela só no público. Com suas licenciaturas em Letras ou Pedagogia, com Pós-graduações ou Mestrados, percebe-se que há uma necessidade desses educadores se debruçarem mais pela leitura africana lusófona, pois o processo de formação do educador se dá até o “fim” de sua carreira, sem falar que sua formação como ser humano, no sentido de realização pessoal, na conquista do conhecimento integral, proporciona muita satisfação e vida qualificada.

A realização do educador se dá em diversas áreas, no intelectual quanto nos valores morais, pois o ser humano não é uma ilha, ele vive em sociedade e carrega o desejo inato de partilha, seja em qual for o seu nível de consciência, de sono ou despertar. A educação é a bússola para alcançar a plenitude do ser. As respostas contidas no questionário dão uma dimensão da verdade em que situações se encontram os docentes de Ipojuca, quanto à sua atuação profissional, que se dividem em muitos serviços, qual o seu repertório literário quando a leitura é sobre a literatura africana lusófona, o que conhecem sobre a cultura afro-brasileira e o continente africano, as suas limitações, o seu amadurecimento como profissional da educação.

É com uma formação permanente qualificada que o ensino básico, fundamental e médio possibilita que educadores habilitados possam ensinar sobre as diversas culturas se comunicando com outras áreas. A qualificação profissional provém de muitas opções, entre elas, a científica, as práticas pedagógicas, os cursos de formação, de maneira autônoma, em que os saberes estão presentes na linha do tempo e do espaço da historiografia da educação.

Esse singelo trabalho tem o intuito de fornecer uma relação pedagógica com os educadores, educandos e a escola para conseguir dar passos seguros, em que o estudante possa ter seu senso-crítico, traga sua realidade à sala de aula, debata, construa e reconstrua sua própria história. Em pleno século XXI, o educador também precisa estar apto para ter como aliado as novas tecnologias, saber qual o limite da fronteira entre a liberdade e libertinagem no processo do ensino-aprendizagem, já que vivemos uma ruptura em todas as áreas da vida, e a educação é uma das mais afetadas pelas tecnologias e, agora, pela pandemia e suas variantes.

O educador, na atualidade, possui muitos “elementos” à sua volta para estimular os educandos no interesse pelo conhecimento. Tem a Psicologia da Educação (os ícones da área), a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e outras ciências que possam trazer a aproximação do estudante aos saberes, e tudo isso podendo ser utilizado com as ferramentas da tecnologia em prol da promoção e bem-estar social.

O aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem não é um trabalho solitário, mas sim coletivo. É preciso que educadores, educandos e escola estejam conectados entre si, com isso, não se deseja dizer que não há opiniões divergentes, mas diante delas, os educadores devem estar preparados para escuta e convidar todos para o diálogo, na feitura do aprimoramento geral da educação, em que as consequências positivas vão se tornando reais, e assim, diminuindo o baixo rendimento dos estudantes nos testes regionais e nacionais. É preciso constatar se os documentos estruturadores da escola estão alinhados com as novas experiências exitosas de educar e com o grau de satisfação dos professores com o ensino básico, fundamental e médio. Se o currículo referência do Ipojuca é pertinente com a realidade brasileira, com a inclusão da cultura afro-brasileira e africana. Sem isso, é andar na contra-mão atrapalhando o tráfego. Diante das respostas, passamos a ver o quanto é urgente que o sistema educacional de Ipojuca (PE) adote em suas escolas a literatura africana lusófona.

O sentimento que fica, aqui, é de dever cumprido. De ter contemplado o intento – o objetivo geral e os específicos – sem nenhuma presunção que a obra está completa. Pois, a partir dos diálogos possíveis, municiado deste documento, os educadores de Ipojuca vão poder debater acerca da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula. E assim se ordenam as ideias, criam-se trabalhos cognitivos, experiências, tornam-se sujeitos da sua realidade, conseguem ter mais desenvoltura diante dos problemas, exercitando a humildade de buscar ajuda com os educadores, quando se depara que nem tudo se resolve sozinho, pois somos seres gregários. Em outras palavras, o cultivo da cultura afro-brasileira e africana nas escolas brasileiras é a oportunidade pedagógica da autonomia, do autoconhecimento, em seu sentido étnico-racial e coletivo. É o desejo em ver no dia a dia como os autores da literatura lusófona cooperam na formação educacional brasileira no ensino básico de 1º ao 9º ano.

É na perspectiva dos saberes de Freire que passamos a compreender os “Brasis” que temos. No multiculturalismo da região Nordeste do Brasil, na região Norte, no Sul, Sudeste, Centro-Oeste; no Planalto Central; na diversidade de cores e de raças, de etnia que esse país

tem, seja na geografia ou gastronomia, na literatura e na dança, como na música, que temos Lenine, Alceu Valença, Chico César, Zeca Baleiro, Zé Ramalho, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Elba Ramalho, Gal Costa, Daniela Mercury etc. com a versatilidade, sensíveis à pluralidade dos saberes, dos povos, das regiões brasileiras. E quando o assunto é cultura afro-brasileira, mais uma vez é indispensável recorrer ao Lenine:

A maior expressão da cultura afro-brasileira é sem dúvida o maracatu. Eu que tive a felicidade de nascer recifense e de ser criado em meio a tanta diversidade cultural, adquiri muito cedo o gosto pela música de rua, a dança de rua, a cultura da rua, e em matéria de Rua, não creio que exista outro lugar com Pernambuco. Ciranda, Coco, Caboclinho, Buma-meu-boi, Nau Catarineta, Repente, Xote, Xaxado, Bião, Quadrilha, etc. São tantas expressões da cultura popular que é possível se perder diante de tanta exuberância, de tanta pluralidade e beleza. Mas o maracatu, acima de todos, me comove profundamente. Me comove pela realeza de sua dança e imponência de sua coroação, me comove pela sua diversidade de seus personagens a complexidade de seu cortejo, e além de tudo, me comove pela riqueza de seus ritmos e pelo banzo de suas loas. Maracatu é beleza elevado ao cubo. É o híbrido poderoso conclamando a mistura e a cara mestiça do Brasil³.

O Brasil real é policultural. É nesse espectro que pode conseguir captar as palavras de Machado de Assis – “O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco”. E é nesse prisma que identificamos os “Brasis” que existem no Brasil. Trazer à escola o país real que conhecemos é se destinar para o autoconhecimento. Nessa premissa, a educação e a África podem ser um dos caminhos. É com a educação que damos significações e significados à vida.

³ Luiz Maranhão Agostinho dos Santos, André; Marcondes Ferreira Soares, Paulo. E eu tão singular me vi plural: identidade e tradição na poética de Lenine. 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

FONTES

Brasil. (2006). *Orientações curriculares nacionais para o ensino médio. Volume 1: Linguagens Códigos e suas Tecnologias*. Capítulo 2, Conhecimentos de Literatura. Brasília: MEC/SEB, 239 p.

Brasil. (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998, 106 p.

Ipojuca. *Instrução Normativa N° 01/2019. Dispõe sobre o Sistema de Avaliação da Aprendizagem nas Escolas da Rede Municipal de Ensino do Ipojuca, a partir do ano letivo de 2019*. Recuperado de <https://www.educacao.ipojuca.pe.gov.br/pagina/legislacao>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, M. (2006). *Cultura letrada: literatura e leitura* (p. 125). São Paulo: Editora UNESP.

_____. (2001). A escola reflexiva. In: ALARCÃO, Isabel (Org.). *Escola reflexiva e nova racionalidade* (pp. 15-30). Porto Alegre: Artmed.

Agualusa, J. E. (2004). *O vendedor de passados*. Gryphus. Rio de Janeiro.

Agazzi, G. L. (2014). *Problemas do ensino da literatura: do perigo ao voo possível*. Remate de Males, 34(2), 443-458. Campinas, SP.

Almeida, G. (1996). *O testamento do Sr. Napumoceno*. São Paulo: Editora Schwarcz.

Amorim, A. M. *MNU representa Zumbi (1970-2005): cultura histórica, movimento negro e ensino de história*. (2011). 213 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.

Appolinário, F. (2011). *Dicionário de Metodologia Científica* (2a ed.). Atlas

Assis, J. M. M. (1992). *Memórias póstumas de Brás Cubas* (18ª ed.). São Paulo: Ática.

_____. (1975). *Quincas Borba*, vol. 14. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, edições críticas de obras de Machado de Assis.

_____. (1988). *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier.

Barreto, E. M.W.M. (2005). *Literatura Africana em sala de aula* 25(67), 378-388. Cad. Cedes, Campinas. Recuperado de <http://www.facos.edu.br/old/galeria/129072011032032.pdf> .

- Bandão, Ana Paula; SANTOS, Kátia; SABERES E FAZERES: CADERNO DE TEXTOS: PROJETO A COR DA CULTURA. Ed. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2015a.
- Borges, E. M. F. (2010). *A Inclusão da História e da Cultura Afrobrasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica*, 12(1), 71-84. R. Mest. Hist., Vassouras.
- Borges, V. (2013). *A reconstrução de uma ética pedagógica libertadora à luz de Paulo Freire*. Ed. CRV Curitiba-Brasil.
- Borba, F. S. (Org.). (2004). *Dicionário UNESP de Português Contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp.
- Chiziane, P. (2010). *Balada de Amor ao Vento* (5a ed.). Ndjira. Maputo.
- Chabal, P. Chiziane, P. (1994). In: IDEM. *Vozes Moçambicanas – Literatura e Nacionalidade*, 292-301. Lisboa, Portugal: Vega.
- Couto, M. (2007). *Terra sonâmbula*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira..
- Castro, R. (1992). *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cosson, R. (2006). *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto.
- Cosson, R. & Paulino, G. (Orgs.). (2004). *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- Cruz, M. S. (2005). *Uma abordagem sobre a história da educação dos negros*. In: Romão, J. (org). *História do negro e outras histórias*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
- Comar, S. R. Ruaro, J. C. As leis nº 10.639/03 e nº11.645/08: os limites e as perspectivas de uma legislação. II Simposio Nacional da Educação, XXI Semana de Pedagogia. Infância Sociedade e Educação, Cascavel, 13 a 15 de Outubro de 2010.
- Santos, O. M. (2018). *DINA SALÚSTIO: Mulher, Caboverdiana, Escritora*. Episteme Transversalis, [S.l.], 9(2). Recuperado de <http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/993>
- Eagleton, T. (2005). *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp.
- Fernandes, J. R. O. (2005). *Ensino de História e Diversidade Cultural: Desafios e Possibilidades*, 25(67), 378-388. Cad. Cedes, Campinas.
- Fernandes, C. L. R. O. (2010) *Os africanos livres em Pernambuco, 1831-1864*. Dissertação de mestrado, UFPE. Recife.
- Fernandes, P. V.N.(2019) *Escravidão velada: cotidiano dos africanos livres no Arsenal de Guerra de Pernambuco (1854 – 1864)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

Freire, N. (2009). *Contribuições de Paulo Freire para a pedagogia crítica: “Educação emancipatória: a influência de Paulo Freire na cidadania global” ou “A influência de Paulo Freire na educação para a autonomia e a libertação”*, 10(3). Revista Electrónica Teoría de La Educación. Educacion y cultura em la Sociedade de la Información..

Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

_____. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (25ª ed.). São Paulo. Paz e Terra.

_____. (1994). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra._____. (2006). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra._____. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (25ª ed.). São Paulo. Paz e Terra.

_____. 2000. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra.

_____. (2007). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36e. São Paulo: Paz e Terra.

_____. (1980). *Conscientização. Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes.

_____. *Política e Educação: ensaios*. (1993). São Paulo: Cortez.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. (2011). 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Gomes, N. L. (2003). *CULTURA NEGRA E EDUCAÇÃO*. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>.

Gil, A. C. (2010). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6 ed. São Paulo: Atlas 2010. GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Lajolo, M. (1993). *No mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo, SP: Ática.

Lima, I. M. F. (2006). *Maracatus e Maracatuzeiros: Desconstruindo Certezas, Batendo Afayas e Fazendo Histórias*. Recife, 1930 – 1945. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da UFPE.

_____. (2010). *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 a 2000)*. Tese de doutorado. Programa de pósgraduação em História da UFF, 2010.

Lopes, M. T. G., Oliveira, A. M. O. *História da Educação*. Coleção [o que você precisa saber sobre...]. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Lakatos, E. M.; Marconi, M. A.. (2010). *Fundamentos de metodologia científica* (7a ed). São Paulo:

Atlas.

Mata, I. (2009). *Pepetela: A releitura da História entre Gestos de Reconstrução. In:Portanto... Pepetela*. Chaves, Rita; Macêdo, Tania (Orgs.). São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

Marconi. M. A. & Lakatos, E. M. (1999). *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Melo, J. (2008). *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro. Record.

Moran, J. M. Masetto, M. T. Behrens, M. A. (2000). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus.

Oliveira, A. S. T.. (2013). *Ensino de literatura: um questionamento necessário sobre a leitura literária no ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Oliveira, G.C. (2017). *José Eduardo Agualusa e as Literaturas africanas de língua portuguesa para infância*. Florianópolis, SC.

Ondjak. (2006). *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir.

Rosa, J. M.; Backes, J. L. (2011). *O ensino da literatura africana na Educação Básica: observações iniciais*. In: IV SEMINÁRIO POVOS INDÍGENAS E SUSTENTABILIDADE: saberes tradicionais e formação acadêmica, (Vol.8). Recuperado de <http://www.neppi.org/eventos/4sustentabilidade/simposio3.htm>

Santos, A. L. M. A. “Eu tão singular me vi plural”: identidade e tradição na poética de Lenine. (2011). Dissertação (Mestrado em Sociologia) UFPE, Recife, 2001.

Salústio, D. (1998). *A louca de Serrano*. Praia: Spleen Edições.

Santos, J. R. . (2006). *Gosto de África: histórias de lá e daqui*. São Paulo: Global.

Santos, Q. S. & Machado, V. L. C. (2008). *Políticas públicas educacionais: antigas reivindicações, conquistas (Lei 10.639) e novos desafios*, 16(58).Rio de Janeiro: Ensaio: aval. pol. públ. Educ.

Silva P . *Vocabulário Jurídico*, (24a ed). (2004). Rio de Janeiro: Editora Forense.

Tedesco, M. C. F. (2008) *Narrativas da moçambicanidade: os romances de Paulina Chiziane e Mia Couto e a reconfiguração da identidade nacional*. Tese de doutorado (História), Universidade de Brasília.

Topa, F. (1999). Edição crítica da obra de Gregório de Matos. Porto: Edição do autor.

Trindade, R. S. T.. (1999) *o Poeta do Povo*. São Paulo: Cantos e Prantos Editora.

Thiollent, M. (1986). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, Autores Associados.

Vieira, J. L.. (1982) – *Luuanda*. São Paulo: Ática.

Visentini, P. G. F. (2014). *As relações Brasil-África: da indiferença á cooperação*. In: _____ . *História da África e dos africanos* (3ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Veiga-Neto, A. Olhares. (2002). In: COSTA, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro. DP&A, p. 23-38.

ANEXO

Questionário direcionado para os docentes que lecionam a disciplina de língua portuguesa no Ensino Fundamental I e II.

O presente inquérito por questionário tem finalidade científica e visa inquirir a opinião, experiência e vivência dos docentes que lecionam a disciplina de Língua Portuguesa no ensino fundamental I e II. O inquérito será objeto de tratamento em dissertação destinada à conclusão do curso de Mestrado em Estudos Africanos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Portugal. Neste quadro, apelamos a sua participação através da resposta aos diferentes itens do presente inquérito por questionário. A duração média da resposta ao questionário rondará os oito minutos. A sua participação é importante, anônima e estritamente voluntária. Todos os dados recolhidos serão analisados com maior rigor e confidencialidade.

Agradecemos, desde já, a sua colaboração.

Cordialmente,

Paloma Viana de Almeida e Luís Grosso Correia

1. Género

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Outros

2. Idade

- ☐ 20-24 anos
- ☐ 25-29 anos
- ☐ 30-34 anos
- ☐ 35-39 anos
- ☐ 40-44 anos
- ☐ 45-49 anos
- ☐ 50-54 anos
- ☐ 55-59 anos
- ☐ 60-64 anos
- ☐ 65 ou mais

3. Formação Acadêmica

- ☐ Licenciatura em Letras

☐ Licenciatura em Pedagogia

☐ Outros

4. Nível Acadêmico

☐ Graduação

☐ Pós-graduação

☐ Mestrado

☐ Doutorado

☐ Pós-Doutorado

☐ Outros

5. Tempo de serviço

☐ 0-4 anos

☐ 5-9 anos

☐ 10-14 anos

☐ 15-19 anos

☐ 20-24 anos

☐ 25-29 anos

☐ 30-34 anos

☐ 35 ou mais

6. Escola onde leciono atualmente:

☐ Pública

☐ Privada

☐ Ambos

7. Indique o continente de nascimento dos escritores que você mais trabalha em sala de aula.

☐ Ásia

☐ Europa

☐ América do Norte

☐ América do sul

☐ América Central

☐ Oceania

☐ África

8. Você conhece obras de escritores africanos?

☐ Sim

☐ Não

9. Quantas obras de escritores africanos você já leu?

☐ 1 a 3

☐ 3 a 6

☐ 6 a 9

☐ Acima de 10

☐ Nunca leu

10. Indique as principais obras de escritores africanos de língua portuguesa, que estão presentes nas atividades por si desenvolvidas em sala de aula.

☐ O vendedor de passados/ José Eduardo Agualusa/ Angola

☐ Yaka/ Pepetela/ Angola

- ☐ O testamento do Sr. Napomuceno/ Germano Almeida/ Cabo Verde
- ☐ Os flagelados do vento leste/ Manuel Lopes/ Cabo Verde
- ☐ Luanda/ Luandino Vieira/ Angola
- ☐ Balada de amor ao vento / Paulina Chiziane/ Moçambique
- ☐ A louca de Serrano/ Dina Salústio/ Cabo Verde
- ☐ Bom dia camaradas/ Ondjaki/ Angola
- ☐ Os filhos da pátria/ João Melo/ Angola
- ☐ Outros.

11. Indique em quais atividades letivas as obras citadas foram trabalhadas.

- ☐ Leitura e Interpretação textual (escrita e/ou oral)
- ☐ Dramatização
- ☐ Jogral
- ☐ Quadrinhos
- ☐ Rodas de livros
- ☐ Outros

12. Fala-se sobre a importância de África nos conteúdos aplicados?

- ☐ Nunca
- ☐ Raramente
- ☐ Ocasionalmente
- ☐ Frequentemente
- ☐ Sempre

13. A Lei 10.639/03, que traz em seu bojo a obrigatoriedade da temática "História e cultura afro-brasileira, abordando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Para você a Lei é:

☐ Nunca aplicada

☐ Pouco aplicada

☐ Aplicada

☐ Muito aplicada

☐ Sempre aplicada

14. Considera que é só da competência dos professores de História e Sociologia, especialmente, tratar da cultura afro-brasileira?

☐ Discordo fortemente

☐ Discordo

☐ Concordo

☐ Concordo bastante

☐ Concordo fortemente

15. Professores que lecionam outras disciplinas de ciências sociais e humanas tem o "dever" de abordar e dialogar sobre a cultura afro-brasileira?

☐ Discordo fortemente

☐ Discordo

☐ Concordo

☐ Concordo bastante

☐ Concordo fortemente

16. Quando devem ser abordados os conteúdos sobre a cultura afro-brasileira?

☐ Nunca.

☐ Só nas datas comemorativas.

☐ Apenas quando necessário (racismo, bullying, entre outros).

() Ao longo do ano letivo, destandotodas as contribuições culturais e intelectuais do povo africano.

17. Que afirmações melhor descrevem os principais problemas de um professor para aplicar a Lei 10.639/03 nos dias atuais?

Linhas:

A falta de tempo para a atualização pedagógica/educativa

A falta de tempo para a atualização científica

Os recursos e materiais são insuficiente.

Há pouco tempo letivo para o cumprimento dos atuais programas curriculares e incluir outros seria complicado.

Há falta de interesse por parte dos estudantes por essa temática.

As turmas são superlotadas.

COLUNAS:

() Discordo fortemente

() Discordo

() Concordo

() Concordo bastante

() Concordo fortemente

18. Que afirmações melhor descrevem o seu entendimento sobre a importância de África.

LINHAS:

No contexto global, a cultura africana é rica e diversificada.

O continente africano têm pouca importância no cenário global.

Os países africanos tem grande participação na construção do cenário global atual.

A esfera nacional, África tem grande importância e influência na formação populacional brasileira.

África tem grande influência dentro do processo de ensino-aprendizagem das instituições

educacionais brasileiras.

COLUNAS:

☐ Discordo fortemente

☐ Discordo

☐ Concordo

☐ Concordo bastante

☐ Concordo fortemente

19. Autores africanos lusófonos estão presentes nas atividades desenvolvidas pelos docentes brasileiros?

☐ Nunca

☐ Raramente

☐ Ocasionalmente

☐ Frequentemente

☐ Sempre

20. O currículo educacional da sua escola, contempla de maneira efetiva, a importância da contribuição do povo africano na construção cultural e intelectual brasileira?

☐ Nunca

☐ Raramente

☐ Ocasionalmente

☐ Frequentemente

☐ Sempre

21. As narrativas de escritores africanos cooperam com a formação educacional brasileira?

☐ Nunca

- ☐ Raramente
- ☐ Ocasionalmente
- ☐ Frequentemente
- ☐ Sempre

22. A literatura lusófona é a mais trabalhada nas salas do ensino fundamental dos anos iniciais e finais?

- ☐ Nunca
- ☐ Raramente
- ☐ Ocasionalmente
- ☐ Frequentemente
- ☐ Sempre

23. A literatura africana (lusófona) no ambiente educacional faz compreender o passado e o presente, e constrói novos valores para o futuro.

- ☐ Discordo fortemente
- ☐ Discordo
- ☐ Concordo
- ☐ Concordo bastante
- ☐ Concordo fortemente

24. Indique as interações possíveis entre a educação e a cultura africana no processo de ensino-aprendizagem.

- ☐ Vocabulário
- ☐ Música
- ☐ Dança
- ☐ Literatura
- ☐ Culinária

☐ Religião

☐ Todas as alternativas

☐ Outros